



Os Protocolos Da Prosperidade

Agenor Candido Gomes

Um pirilampo parece uma luz tão tênue, mas sua micro claridade é capaz de ser apreciada por centenas de milhares de pessoas. Assim como a flor de lótus nasce num lamaçal sem se contaminar, nem deixar de mostrar sua pureza ao mundo, há uma simbologia que é transmitida há séculos: ao nascer ela já tem a sua semente



madura, pronta para dar o seu fruto. A natureza o nomeou uma pessoa premiada com essa simbologia, entre tantas pessoas acabou sendo escolhido.

Ao narrar sobre sua vida e história, em nenhum momento você deixou a clareza dos seus atos e, sem sair da trilha da

humildade, você conclui sobre sua luta de vitórias, com determinação e certeza do resultado final. E isso o torna uma pessoa especial, dotada do desejo de vencer, de construir sua vida custe o que custar. Dotado de uma persistência invejável e de uma determinação única que o tornam um vitorioso, você precisa levar a todos essas palavras que o desenham um afortunado e escolhido para incentivar outros amigos. Você é dotado de um otimismo fantástico, da visão que semeia energia, vontade de vencer e qualidades como o dom de liderar pessoas sem usá-las como degraus, mas fazê-las crescer como a sua própria história.

Conheci poucas pessoas como você e seu brilho. Suas histórias continuam com o mesmo brilho e encantamento, e me tornam uma pessoa especial por poder conviver e conhecer espécimes raros, como você. Cada relato é um farol que nos impulsiona. Por favor, faça brilhar cada passo que der e caminhe nos dando a luz com cada uma de suas vitórias.

Hiroshi Oda

Prefácio

Meu nome é Agenor Candido Gomes.

Escrevi este a partir da observação do Sr. Ioda que, ao conhecer alguns fatos de minha vida, me disse: “Você deveria registrar o que passou, nem que fosse apenas para os seus filhos; se não, de nada valeu”. Confesso que esta colocação me atormentou por vários dias até que resolvi escrever.

Os Protocolos Da Prosperidade é o resultado da minha existência.

Empenhei-me em assentar experiências, transferindo assim à cultura adquirida da faculdade da vida que resultou na frase que uso para expressar o meu respeito ao ser humano: **"A única ajuda que presto dar ao Ser Humano é excitá-lo a pensar!"**.

Não é uma autobiografia. Apenas o testemunho que, em reflexão, achei que não só poderia ajudar os meus filhos, mas também outras pessoas.

Torna-se então um livro de autoajuda e o considero assim, pois ao encerrar estes assentamentos, e se eu tivesse tido a oportunidade de lê-lo ainda quando alfabetizado, certamente, teria sido bem mais fácil a minha caminhada, aliviando a luta pela sobrevivência, diminuindo os conflitos da convivência e certamente encurtando o tempo que levei para optar pela prosperidade.

Dedico este livro às pessoas que tenham as mãos domáveis e a sede do saber, narrando a minha trajetória de erros que foram muitos e poucos acertos, em uma realidade não sonhada, mas a minha realidade. Espero que apreciem.

Agenor Candido Gomes

21 de Julho de 2015

Índice

1. **CAPÍTULO I - SOBREVIVER**

2. Nascimento
3. Tarefas Diárias
4. Meu Primeiro Emprego
5. Forças Armadas
 - Corpo de Fuzileiro Naval
 - 1º Distrito Naval
 - Baixa
6. Auto Elétrica Ininga

7. **CAPÍTULO II - CONVIVER**

8. Reforadora de Cabines Kennedy
 - Jantar no Vips
 - Jogo do Bicho
 - Cartões
 - Especializada
 - Fábrica de Carrinho
9. Ciferal Paulista
10. Gigi
11. Páginas Amarelas
 - O Banco
 - Computador desativado
 - Congresso
12. March Representantes
 - Está a fim de sair
 - Rabula
13. Lince Fiberglass
14. Indústria de Cocadas
15. Caiman Perfilados Plásticos Ltda
16. Terrace 44
 - Amigo Urso (Gomide)
17. Kaki
 - Coordenação Política
 - Cédula Errada
 - Proibido Jantar
 - Um dia de Fúria
 - General (Paulo de Aquino)
18. Aires Abdalla
 - Almoço (Claudio Moacyr)
 - Protocolos de Processos
 - Coperbau (Solange)

- Felipe remedinho
- Diretas Já
- Jorge Campos
- Coopcasa

19. Bidinho

- Taxinha (Martinez)
- INSS
- Dengue
- Tiroteio
- Rui da Farmácia
- Eu Guardo Segredo (Hamilton Soares)
- Sarna - (Luiz Gonzaga
- Impagável (Jorginho Crivelari)
- Comprar o Carro (Bibidi)
- Burro (Bibidi)
- Helicóptero (Bibidi)
- Augusto Ariston
- Paulo Pfeil
- Cezar Maia
- Colagrossi
- Aluisio de Castro
- Evaldo Tinoco
- Donizio x Capeta

20. Mandiocão

- Candidato
- Zadinho
- Nelson Mehu
- Debate

21. Casos de Rio Bonito

- Terrasse 44
- Merfil (J Augusto)
- E Se Ele Gostar (Luiz Odilio)
- Roberto Abdalla Empréstimo

22. Outros casos

- Ademar de Barros (Cicilio)
- Evangélico (Roberto Mendes)
- Galo Cego
- Pui
- Luiz Capeta x Dionizio
- Nini - Alcoolatra
- Cicica
- Bené
- Valcyr

23. Paulo de Aquino
- Trio
 - Prefiro ser recruta
 - Moretti
 - Zona
24. Tomas Korontai
- Honra
 - Mocotó
 - Portela
 - Chave
25. Solano
- Ateu – (Conte Carlos)
 - Churrasco Coletivo (Solano)
 - Festa junina (Solano)
 - Buraco Quente (Solano)
 - Ana Maria Rangel
 - Mangueira (Gerentes)
26. Roberto Campos
- Tempo de Televisão
 - Quantos Votos Você Tem
 - Despachante Aduaneiro
 - Lanterna da Popa
 - Abravend
 - CBCI
27. Partidos Políticos
- PDT
 - PMN
 - PMDB
 - PF
 - PDI
 - PCP
28. Unisude
- Rosa (Toyo Preres)
29. Repórter ()
- Cooperativas
 - Cooptextil
 - Coopcasa
 - Coopvenda
 - RHcoop
 - Sócios
30. Collor de Mello
- Campanha

- PC Farias
- Discurso de Posse
- 31. Jorge Gama
 - Filho
 - Mapinha
 - Democracia
- 32. Ademar de Barros
 - Regina Gordilho
 - Celso Peçanha
 - Cicilio Souza
 - Trio de Aires
- 33. Marcos Abrahão
- 34. Paulo Moura
- 35. Sidney Dmiguél
- 36. Crimério Veloso
- 37. Francisco Dornelles
- 38. **CAPÍTULO 3 - PROSPERAR**
 - Protocolo
 - SOS Mulher
 - Carvoaria 88
- 39. **Livros escritos**
- 40. O Melhor Negócio do Mundo
- 41. 16 Destinos
- 42. Os Protocolos Da Prosperidade
- 43. Cartas
- 44. Pérolas de Uma Vida
- 45. **Informações Complementares**
- 46. **Livros que Li**
 - Os Protocolos dos Sábios de Sião
 - A Importância do Viver
 - Arte da Guerra
 - Calila e Dimna
 - Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas
- 47. **Filmes que Vi**
 - Django Livre
 - Caçada ao Outubro Vermelho
 - O Capital
 - Golpe de Mestre
 - Armintrong

SOBREVIVER

Nascimento - Nasci em 1950, na cidade de São Paulo, no bairro do Ipiranga, na maternidade Leonor Mendes de Barros. Filho de Antenor Candido Gomes, Lanterneiro, Mestre em Metalurgia, natural das Alagoas, filho de descendente de holandeses com índia Bugre e de Antônia de Jesus Vieira Gomes, Manicure, nascida em São Paulo, filha materna de escravos oriundos de Mali e paterno, de imigrantes portugueses de origem moura. Irmão de três irmãs: Arlete, Alice e Aparecida. Aos três anos de idade, saímos de São Paulo para morar no Rio de Janeiro por necessidade de saúde da irmã Alice. Crescemos no subúrbio, mais precisamente no bairro da Abolição e a minha adolescência se passou na favela de Vigário Geral.

Meu pai, homem trabalhador, mas de ignorância aflorada herdada da cultura quixabeira forjada na intempérie de seis meses de lombo de jegue de uma tropa de 60 que vinha das Alagoas a São Paulo fazer compra para Lampião, Rei do cangaço, contrapunha-se com minha mãe, filha bastarda, criada com mimos de avó mineira e cristã de ordem religiosa.

Tarefas Diárias

Na infância, meu pai me enchia de tarefas diárias. Nesta época, ele tinha um loteação e quando chegava em casa, além de estudar e varrer o quintal, eu ainda tinha que contar moedas que ele recebia no loteação para só depois eu ir soltar pipa. Aquilo me deixava aporrinhado, até que fiz um aparelho que, rodando a manivela, separava as moedas e contava por volume. Nascia assim a primeira máquina de contar moedas.

Meu pai descobriu o invento e logo trouxe um senhor que tinha alguns ônibus e certamente tinha o mesmo problema: “contar muito mais moedas”. Ele me chamou e me fez mostrar a ele como funcionava. Fez algumas perguntas e, sem seguida, disse para o meu pai, olhando para maquina:

- É... o seu filho não é bobo, não!

E pediu para copiar a engenhoca.

Eu fiquei feliz, pois eu já estava imaginando aquele montão de sacos de moeda chegando para eu contar.

“Ufa!” Livrei-me daquilo e o senhor, dias depois, me deu uma caneta Sheaffer de ouro, uma bicicleta da marca Garika e ainda

uma cópia da engenhoca para o meu pai contar suas moedas. Era feita em aço e toda torneada e se tornou uma verdadeira máquina. Graças ao nosso bom Deus, eu finalmente poderia agora não só soltar pipa, mas ainda andar de bicicleta, exibindo-me a todos os meus amigos.

As Únicas Orientações

Os conflitos diários de meus pais não me permitiam estudar com a serenidade necessária para tal tarefa. Encerrei, assim, meu aprendizado formal na quarta série.



Desinteressado então dos estudos, acabei aos 13 anos tirando a carteira de trabalho de menor e me pus a seguir meu pai. Registre-se que a única coisa que aprendi com o meu pai, foi que **“Só o trabalho me levaria à vitória”**. E com minha Mãe que **“Somente a verdade me livraria das armadilhas da vida”**. Considerando sempre estas informações, orientei o meu destino para a estrada da vida em busca da felicidade, seguindo à risca estas duas informações, tomando-as como meus únicos protocolos.

Meu Primeiro Emprego

Como era difícil arrumar um emprego naquela época! Já tínhamos mudado de residência umas vinte vezes (pobre vive mudando, não paga aluguel, nem finca raízes). Eu já tinha mais de treze anos e ainda morávamos de aluguel bem próximo à favela de Vigário Geral, quando um amigo disse-me que existia uma vaga para Office-boy em uma empresa chamada Carbrasa, mas que o candidato não podia morar em favela. Tomei aquela informação como certa e pedi a um tio meu, que morava no Méier, para que me deixasse colocar o endereço de lá como minha residência e assim foi feito.



Consegui a vaga e fui encaminhado ao dono do negócio que era um sueco enorme. Ele foi logo me dizendo, com sotaque, que eu havia sido escolhido para trabalhar com ele porque eu morava no Méier. Como ele saía da Urca às quatro horas da manhã, não conseguia comprar o Jornal do Brasil, mas às seis horas e trinta minutos, este jornal já era encontrado naquele bairro. Então, a minha primeira obrigação era comprar o jornal e trazer para ele.

A mentira tem perna curta e lá atrás minha mãe já tinha me alertado.

Passei então a acordar às três horas e trinta minutos. Pegava o primeiro trem para Penha e de lá pegava um ônibus para o Meyer e à tarde voltava, todos os dias. Fiz isso durante quase quatro anos até que um dia o sueco me perguntou por que eu mentia para ele. Eu imediatamente disse que nunca havia mentido e, preciso como bisturi de cirurgião cardiologista e mão de anestesista, ele perguntou-me onde eu comprava o Jornal. Eu respondi mais que depressa:

- No Méier.

Ele disse:

- Mentira! Você comprou este jornal na Penha.

É que com o decorrer do tempo, passei a comprar de fato na Penha porque já tinha o bendito jornal lá. Não fazia nenhum sentido eu ir ao Méier, se a Penha era a metade do caminho. Neste dia, tinha um encarte, que não vi, comemorando um ano

de distribuição na região da Leopoldina.

Comecei a chorar, pois sabia que o sueco não perdoaria a mentira e certamente me mandaria embora. Expliquei toda a situação e que menti por precisar do emprego, que existia uma ordem interna da empresa proibindo a contratação de pessoas que moravam em favela.

Sr. Dario (o sueco e dono da empresa) imediatamente me mandou chamar o administrador, Sr. Otávio, e perguntou pela tal ordem que confirmou ser uma ordem expressa em ata de 1942, baixada por seu tataravô.

O Sr. Dario mandou revogar tal ordem e acrescentou em ata que revogava a lei de seu ancestral que talvez tivesse valia na época, mas não mais deveria ser aplicada neste momento e que, a partir daquela data, prioritariamente as vagas que surgissem em todas as empresas do grupo deveriam ser preenchidas, preferencialmente, por quem morasse em favela, tentativa de reparar um erro de anos.

Lavrada a ata, olhou-me nos olhos e disse para o Sr. Otávio:

- Demita o Agenor! Não posso trabalhar com quem mentiu tão bem para mim durante tantos anos. Mas dê a ele todos os direitos, inclusive o dinheiro da passagem de todo o período que ele foi comprar o jornal, pois ele durante todo este tempo nunca chegou atrasado. Depois o traga aqui de volta.

A minha relação com o Sr. Dario até aquele momento era única. Passávamos praticamente mais de 12 horas juntos por dia, mais do que com o meu Pai. Participava das reuniões de diretoria e escrevia as atas das empresas que eram de Sociedades Anônimas.

Sendo analfabeto de pai, mãe, madrinha e parteira, mas lendo o Jornal do Brasil, adquiriu uma cultura a ponto de discutir com o Sr. Dário as ações que subiam ou que iam descer no pregão e, por inúmeras vezes, acertei a ponto de ele me dar presentes como gratidão.

Depois de demitido, com o bolso cheio de dinheiro da indenização, mais os valores das passagens de dois anos e meio ressarcidos, mas ainda assim triste, pois na verdade o meu mundo era aquele ali, novamente a frente do Sr. Dario, eu cabisbaixo, ouvi:

- Agenor, você mentiu e comigo você não trabalha mais, mas você é muito bom funcionário para ir trabalhar em outra empresa, portanto estou lhe admitindo para ser gerente da cooperativa de consumo de nossos funcionários que vende todos os produtos, mais os de minhas fazendas.

Eu ganhava na época um salário mínimo que era menor que o salário mínimo de maior e fui ganhar quase quatro vezes mais. Foi um grande progresso e logo comprei uma Lambreta. Minha mãe estava certa: mentir é seguir na direção certa de uma armadilha, e o capeta trabalha com os detalhes.

Apreendi com o Sr. Dário a arte de administrar, de ser preciso e de ter uma estratégia antes de qualquer decisão a ser tomada e sempre ter o Plano A, B e o bendito C. Digo bendito, pois o C sempre será a aposentadoria.

A empresa que eu trabalhava em verdade era um grupo empresarial que tinha naquela época mais de trinta outras empresas. Tinha negócios que iam de Indústria Automotiva, Barcos, Extração de Mármore, Revendas de Veículos, Bancos, Financeiras, Granjas, Fazendas de Gado, Cervejaria e outras que não me lembro.

O Sr. Dario me ensinou as únicas coisas que o mundo exige eternamente: ***“Que o dinheiro foi feito para se acumular e o Crédito para ter e não para gastar”***.

Eu, de origem paupérrima e jovem, convivi e testemunhei que contrariar estes princípios era mais fácil que cumprir este verdadeiro protocolo que me parecia uma missão impossível a ser cumprida.

Pobre, antes de receber, já sabe como gastar e nunca guarda um tostão. Quando sobra algum tostão, compra logo um presente ou faz logo uma festa. Estas informações preciosas só foram assimiladas completamente, decorridos muitos anos de vida a frente, somando-se às informações de meus pais e tornando-se assim mais um fundamento a ser honrado.

Até aquela data, segui o destino como bosta a boiar, ao sabor do vento, sem tentar alterá-lo, mas este tempo estava mudando, estava me tornando um homem: “palavra difícil de honrar” e, logo, chegou a fase militar... Lá fui eu.

**Existe um momento que o desmame se dá, ou pelo amor ou pela dor. Indivíduo, eu nasci, me tornarei ou não um cidadão.*

EMPREGOS

Enquanto aguardava a ser chamado para o serviço militar obrigatório, coisa de país subdesenvolvido, eu trabalhei curto tempo nas empresas abaixo:

Autoelétrica Iningá

Nesta empresa, conheci o Senhor Messias, um fornecedor da Carbrasa. Um homem enorme e movido a desafios e que me chamara para tomar conta da sua empresa, pois iria operar o coração.

Logo notei que sua empresa não tinha um produto definido, mas sim trabalhava em detrimento das necessidades de outras empresas, identificando 14 segmentos totalmente diferentes. Era um samba de crioulo doido.

Todo dia tinha um pedido, um novo produto para desenvolver e, o pior, a quantidade era irrisória. Desenvolver produtos sem mercado era uma especialidade do Senhor Messias que entendia quase de tudo em metalurgia. Com o agravamento de sua doença e ele, notando a minha capacidade de gestão, autorizou-me a reestruturar a empresa.

Depois de esquentar a cabeça, cheguei à sua casa e dei a seguinte informação na frente de sua família reunida:

- Senhor Messias, é impossível dar continuidade à sua empresa sem um departamento de desenvolvimento com, no mínimo, uns dez engenheiros.

Ele riu e disse:

- Agenor, você ficou louco! Eu não tenho nenhum engenheiro hoje!

E eu respondi:

- O senhor se engana! O senhor não é apenas um engenheiro; o senhor é um cientista e, na sua empresa, para substituí-lo precisamos dos engenheiros e daí o custo dos seus produtos irão ficar fora do mercado!

Ele pensou, pensou e me perguntou:

- O que você sugere?

E eu, de chofre, disse:

- Venda tudo e viva!

E ele assim o fez.

O senhor Messias era uma pessoa realmente com um conhecimento tecnológico inacreditável, mas nunca optou pela riqueza, e sim apenas pela vaidade pessoal de resolver os problemas das empresas dos outros, esquecendo-se de buscar um produto único para a sua, e conseqüentemente, um resultado financeiro positivo. Vivia pendurado nos bancos.

Quando me autorizou a organizar a venda da sua empresa, comecei a fazer um inventário de tudo para poder avaliar os preços, custos, lucros e etc. Esta ação jamais tinha sido feita ali.

Logo descobri um desfalque enorme na empresa, resultado das dificuldades que atormentavam o senhor Messias (os números não mentem jamais!). Comuniquei ao senhor Messias e ele disse:

- Impossível! Você está errado! Tem que me provar!

Bom, no escritório só tinha uma moça que, por acaso, era sua amante e morava com ele. Logo a descartei. Tinha um vigia que parecia um mendigo e laçao do senhor Messias que usava as roupas dadas pelo patrão; não me parecia também estar na lista de suspeitos. Tinha um filho muito vaidoso, o qual foi o primeiro que suspeitei, mas provar como o dinheiro desaparecia me parecia impossível, pois refiz as contas uma dezena de vezes e nada! O erro estava no estoque. A produção não batia com o estoque e certamente as contas não fechavam. Contratei um investigador. Relatei tudo a ele e logo ele disse:

- A primeira preocupação de um ladrão é não chamar a atenção. Se o roubo acontece na fábrica, não é o filho! Vou descobrir! Para espanto meu e do senhor Messias, três dias após a contratação, o detetive me aparece dizendo que já sabia quem era o ladrão.

Fiquei na campana com o detetive e a polícia e o senhor Messias, esperando a comprovação do meliante.

O senhor Messias citava a noite toda, que se fosse verdade, não deixaria de dar umas pancadas naquele que, segundo ele, a vida toda o humilhou e o ajudou.

Às 3 horas e 30 minutos, o portão da fábrica se abriu e de lá saiu o vigia com uma bolsa enorme, cheia de painéis e as levou em uma casa em Caxias. Voltou para a fábrica, esperando o senhor Messias chegar pontualmente às 7 horas da manhã e, como sempre dizia, disse novamente:

- Está tudo normal.

E, como de costume, o senhor Messias perguntava:

- Dormiu bem?

Neste dia, o senhor Messias deu-lhe uma pancada.

Aquele vigia, de aparência humilde e que usava os trapos que o senhor Messias lhe dava, era na verdade um ladrão que o roubara durante trinta anos seguidos.

Todos os dias, de segunda a segunda, ele levava trinta painéis, pois o senhor Messias dizia que pobre não precisava de folga, pois não tinha dinheiro para gozar a vida.

Alonso, o vigia, ao longo de trinta anos, acumulou as contribuições do lucro do senhor Messias. Tinha uma boa casa, carro e família. Foi uma decepção para o senhor Messias, uma

lição de vida para mim.

**Não adianta apenas trabalhar. É preciso se organizar e vigiar sempre, até mesmo aquele que tem esta função. Vigiar o vigia me parece uma boa sugestão.*

MARINHA DE GUERRA DO BRASIL

Corpo de Fuzileiros Navais

Quando criança, eu adorava ver o Popeye na TV Everest com plástico com três faixas de cores e ali decidi que quando fosse servir, iria ser marinheiro.

Na data certa, me dirigi ao 1º Distrito Naval e me inscrevi no Balcão que dizia: Marinha de Guerra do Brasil e, em corpo menor abaixo: Corpo de Fuzileiros Navais.

Mas como nesta aula eu faltei e passando despercebido, me colocaram na Infantaria da Marinha.

Na apresentação, fiquei sabendo que era irreversível mudar para marinheiro; então remediado estava. Logo no primeiro dia e já uniformizado, a tropa foi reunida. O comandante Melquiades deu as boas vindas e passou o comando da tropa para o Sargento Santana. Este, depois de um verdadeiro sermão dizendo que a Marinha era para homens honrados, acrescentou que gostaria de conhecer alguém daqueles que ali estavam que nunca tivera levado um tapa na cara e disse que se ali houvesse um, que se apresentasse à frente.

Eu, marinheiro de primeira viagem, ou melhor, fuzileiro e cheio de orgulho me apresentei à frente.



O Sargento Santana me olhou de cima a baixo e me fez em bom e alto som, quase que um brado, uma pergunta:

- Você é veado?

Só com o tom da pergunta, tive um mau pressentimento. Quase sem voz falei:

- Não, senhor.

Ele perguntou novamente:

- Você nunca brigou?

E eu, de chofre, respondi:

- Não, senhor!

E ele então deu um tapa na minha cara que parecia um coice de mula. Caí no chão. Ao levantar, puto, ele me disse:

- Isto, filho, é um tapa na cara! Vai correr ou vai ser fuzileiro?

E eu imediatamente entendendo a aula prática disse:

- Vou ficar e honrar o Corpo de Fuzileiro Naval.

Quando eu levei a porrada, a tropa riu e o sargento lhes disse:

- Vocês que estão rindo vão marchar até às 10 da noite para aprender a ser solidário ao naval. E você, Cândido (meu nome de guerra) vai descansar o dia inteiro.

Este fato me fez entender que os quatro meses no centro de recruta não seriam nada fáceis.

Tirei dez em todas as provas, menos em educação física. Nesta última prova, tinha que correr oito quilômetros e eu sozinho certamente não conseguiria, mas os meus amigos me carregaram. E assim, passei para a decepção do Sargento Santana, homem duro que jurou me reprovar. Ele me detestava porque eu sempre ponderava suas ordens, que do olhar marcial, ele tinha razão, mas eu sempre fui meio anárquico.

Bom, fiquei com as costelas roxas de tanto ser carregado nas costas por amigos que aqui não posso deixar de lembrar. Obrigado Coró, Zário, Tiago, Da Paz, Topo Gigeo e 01, além de todos daquele pelotão que a memória neste momento me trai. Registro ainda que a convivência com pessoas de todos os estados brasileiros é uma experiência incrível. São culturas totalmente diferentes e isto gerava conflitos a todo instante. Daí a necessidade do não questionamento com que o grande Sargentão Santana mantinha a tropa sob a lei marcial naturalmente; até mesmo ponderar não era bem aceito. Hoje, compreendo que militar tem que cumprir ordem ou quebra-se a hierarquia, fundamento primário da instituição militar.

Ainda no centro de recrutas, casos bizarros aconteceram como a do 01 que tinha a cabeça tão grande que não cabia em nenhum capacete e o Sargentão, com sua praticidade de um rinoceronte em exposição de cristais, ordenou em voz alta para o 01:

- Vá ao depósito e traga o balde de alumínio.

E o 01 passou quatro meses com o balde na cabeça como se fosse um capacete.

O 01 mais tarde me confessou que sua mãe tinha morrido no parto. E eu, tentando ter compaixão, perguntei-lhe:

- Não dava para fazer uma cesária?

E ele me perguntou o que era cesária. Tentei com muita dificuldade explicar e ele me disse:

- Porra Agenor, eu nasci em “Brocóio”, interior da Bahia, no meio do “canaviá do coroné” do “Dotô” Martinho.

Achei melhor acabar o assunto ali.

Após a formatura, fomos encaminhados ao Primeiro Distrito Naval e lá na apresentação da tropa pelo Comandante do Centro de Recrutas ao Comandante da Companhia de Guardas foi logo dizendo:

- Companhia, entre vocês existe dois recrutas que se destacaram: um é um bandido que tentou enganar a Marinha e outro teve as melhores notas da história do Centro de Recrutas. Olhando de rabo de olho, observei que um camburão da polícia civil (Invernada de Olaria) abria a caçapa a aguardar seu cliente. Retomando a palavra, o Comandante continuou:

- À ordem, os dois devem sair de forma e se apresentar à frente do comando.

E bradou:

- AAAA.

Antes de terminar a conclusão do nome que começava com o A do meu nome e já com o coração a boca, ouvi AAAAdemar. Você é um bandido e será entregue a polícia de Pernambuco.

Respirando aliviado, pois estava salvo do camburão, o meu delito da última prova me parecia que ali não seria sequer citado, pois até aquele momento ninguém sabia das notas.

Em seguida, novamente bradou:

- AAAAgenor fora de forma!

Era eu!

E à frente, disse:

- Você teve o melhor desempenho e como premio será ordenança do Comandante do 1º Distrito Naval.

Aliviado, respirei fundo e me pus à frente da tropa, olhando se o Sargentão Santana não estava à espreita.

Apresentei-me no gabinete e lá servi todo o meu tempo.

Um dia, descendo o elevador do almirantado com o meu Comandante da Gola, encontrei o Comandante da Companhia de Guarda do CFN, que ainda estava lá lotado e ele pediu ao meu Almirante para dar uma palavra em reservado comigo falando para o meu Almirante:

- É uma conversa de Naval.

E nos afastando um pouco, quase sussurrando no meu ouvido, disse:

- Não pense que não sabemos que você foi carregado cinco quilômetros burlando a prova final, mas o comando entendeu que você conseguiu o que precisamos em uma guerra - a solidariedade de nunca deixar um companheiro para trás! Você é um líder nato, além de ser o mais inteligente daquela tropa.

Prestei continência, dei meia volta e fui ao encontro do Almirante, que me perguntou:

- O que foi?

E eu respondi conforme comandante havia dito:

- Coisa de Naval.

E ele comentou:

- Pela primeira vez, o Cenimar disse-me que você queria ser marinheiro.

- É verdade!

Respondi que era verdade e completei:

- Hoje sou Fuzileiro e aprendi a amar a Corporação. Ele, que era muito sacana, respondeu:

- Então me diz: quem é o seu Comandante?

E eu respondi:

- É o Contra Almirante Omar, Comandante Chefe do Corpo de

Fuzileiros Navais, Infantaria da Marinha de Guerra do Brasil. Mas eu sou Almirante de Esquadra e Comandante do 1º Distrito Naval do Brasil.

Eu de pronto respondi:

- O senhor é protegido pelo Corpo de Fuzileiro Naval e eu represento esta corporação junto ao senhor.

Ele deu uma gargalhada que chamou a atenção dos demais e, batendo no meu ombro, disse:

- Está certo, está certo.

**Não existe força armada sem o respeito da hierarquia. Missão dada é missão cumprida.*

COBRA Computadores

Um dos fatos que me chamavam a atenção no 1º Distrito Naval eram duas salas.



Uma, onde havia um Comandante chamado Guarani e uma única mulher loira, muito fina, chamada Astrid.

Como era ordenança, eu tinha certas regalias e às portas “eu me achava”, pois não me barravam.

Pois bem, ali, em visita particular, descobri que tinha outras pessoas civis trabalhando dia e noite. Ali nascia o primeiro computador brasileiro chamado COBRA.

A Marinha sempre está na vanguarda tecnológica e passei a ir lá com frequência. Fiz amizade com o pessoal de lá e até ganhei uma camisa da Astrid. A conversa lá era de alto nível.

**Das forças armadas, somente a Marinha investe em tecnologia de fato.*

Cenimar

A outra sala só tinha pessoal à paisana, mas todos armados e não deixavam nem eu parar na frente da porta.

Notei que o Comandante nunca tinha pedido para eu chamar ninguém daquela sala e nunca ninguém também daquela sala, que ficava no mesmo andar, ia lá no gabinete do Almirante.

Perguntei ao Almirante o que era aquele pessoal e ele me disse:

- Agenor, eles são o SENIMAR e sabem tudo que acontece dentro e fora de cada navio da Marinha.

Eu olhei com uma cara de dúvida e ele disse:

- Não duvide!

Realmente, o pessoal da inteligência da Marinha se sobrepõe aos demais serviços de inteligência do Brasil.

Hoje, vejo pessoas desinformadas criticarem os serviços de informações, que não fazem e nem podem fazer propaganda dos serviços prestados, mas o dia que este país quiser acabar com as armas de guerra que estão nas mãos de crianças de doze anos, a frente do tráfico, é só dar condição, pois as informações, certamente, eles as tem.

Em conversa com amigos, sempre me perguntam se nossas forças armadas têm condições de guerra e eu triste sou obrigado a dizer que não temos nenhuma condição para um embate sério.

A Marinha me deu a oportunidade de pensar quatro anos na vida, e decidir se iria seguir carreira militar ou não.

Resolvi dar baixa, não aguentava ver a corrupção, dentro e fora dos quartéis, praticada por maus militares e civis vendilhões.

Das forças armadas, aprendi a amar o Corpo de Fuzileiros Navais, ter disciplina e respeitar a hierarquia. Até hoje me emociono quando me lembro dos quatro anos que lá convivi.

Adsumus!

Quando se faz operação naval com as forças armadas de outros países, lamentavelmente, se observa a falta de equipamento e preparo de nossa tropa.

É humilhante ter a certeza da incapacidade bélica de nossas forças armadas. Isto se aplica até hoje, se comparada com verdadeiras forças armadas profissionais do primeiro mundo.

Existe no exército uma frase: "Se quer paz, prepara-te para uma guerra".

**Uma nação só é respeitada se tem dinheiro e arma; o resto é balela.*

NEGÓCIOS

Meu primeiro Negócio – Reformadora de Cabines Kennedy

Agora civil, fui procurar meu pai e o encontrei no fundo de um posto de gasolina, no quilometro 15 da Rodovia Presidente Dutra, no último “box”, a consertar um Gordini rabo quente que estava batido.

Meu pai foi logo falando:

- Ué, não está no quartel?

E eu, todo feliz, disse:

- Não, papai. Dei baixa e vim trabalhar com o senhor.

Ele balançou a cabeça negativamente e disse:

- Você ficou maluco! Deveria seguir carreira.

E eu lhe disse:

- Não existe carreira quando não se acredita mais na instituição. Infelizmente, naquele momento, eu tinha perdido a esperança nos militares e observe eu estava em 1976 no auge do enfrentamento aos aparelhos subversivos.

Eu tinha algum dinheiro que guardara durante o período que servi e convenci o meu pai que deveríamos melhorar a oficina.

Concordando ou não, fui logo tomando as decisões.

Com a cultura de militar ainda fresca, fui logo dando ordem e meu pai acatando.

Falei para o meu pai:

- Pai, vamos registrar uma firma.

E ele respondeu: para quê? Só para pagar imposto?

Eu, de chofre, respondi:

- Pai, quem não tem firma, não é comerciante, é camelo. E, se não pagarmos impostos, nunca seremos cidadãos. Apenas seremos sempre indivíduos em uma estatística cheia de poeira nos arquivos governamentais.

Registrei a firma e mandei fazer 1000 cartões que distribui pela vizinhança.

Logo nos primeiros dias, umas dez pessoas nos procuraram para orçamento e começaram a aumentar os clientes da oficina, mas eu não estava contente. Queria mais e mais. Mande fazer 10.000 cartões e, em dois meses, a oficina já tinha uns cinco funcionários.

Sempre atento, notava que eram muitos carros de marcas diferentes e isto complicava em comprar peças.

A gota d'água foi um Naschua (carro) cuja peça eu não encontrava nem pelo capeta. Isto foi em 1972. Aí, eu tomei a decisão de apenas concertarmos carros nacionais. Acertei na veia. Mande fazer mais 10.000 cartões. Agora com o seguinte



dizer: "Especializados em Kombi", pois eu tinha notado que os donos das Kombis precisavam delas para trabalhar e, assim que estas ficavam prontas, pagavam imediatamente sem nenhum pedido de extensão do prazo para pagamento. Este fato nos levou a outro, pois a oficina logo se encheu de mais Kombis. Neste momento, já tínhamos expandido uns quatro boxes à frente e aumentado o espaço para atender ao grande número de clientes que aumentava dia a dia.

**Especialização é o caminho para o sucesso.*

Ampliando Os Negócios

Flagrei meu pai olhando a oficina de cima de uma Kombi picape e ele me falou:

- Agenor, eu não sei como você conseguiu achar tanta Kombi para consertar!

E eu lhe disse:

- Papai, eu passei a ir a todas as feiras do Rio de Janeiro.

Ele riu e disse:

- É, vamos ter que arrumar um lugar maior!

Pois tinha na espera, umas dez Kombis para consertar e, logo a seguir, comentou:

- Agenor, sabe o Sr. Manuel (era um português feirante e nosso cliente que já tinha reformado umas oito Kombis) pediu para que nós reformássemos o caminhão dele e que daria um bônus se consertássemos em um fim de semana.

Eu perguntei:

- E o que senhor disse?

Ele respondeu que não dava e eu imediatamente retruquei:

- Pai, é claro que dá! Pois se ele dá um bônus, outros também

darão!

E meu pai insistiu:

- Mas não tem lugar mais para nada.

Aí eu olhei o fundo do posto e disse:

- Pai, me aguarde.

Saí e fui procurar o dono do Posto, o Sr. Flavio, onde tínhamos agora os cinco "boxes". O dono era um homem muito vaidoso, mas com o posto quase falido, pois o seu cunhado que era o gerente sofria do mal de mal amado (tinha mais de cinco mulheres que não o deixavam trabalhar. Eram

amantes de trabalho mesmo). Administrar uma já é difícil, imaginem cinco e mais o Posto! E ainda era casado com uma senhora em Campos tendo de ir todo fim de semana para lá e o fim de semana era quando o posto mais faturava ficando entregue a pessoas desfocadas. Quando o Flavio me viu, disse-me:

- Gostei de ver o seu sucesso, rapaz! Seu Pai está todo orgulhoso, mas em que posso te ajudar?

E eu disse:

- Vim realmente pedir ajuda.

Ele arrumou o cabelo, sentou-se mais confortavelmente, e antes que eu falasse alguma coisa me disse:

- Quer arrendar o Posto? Estou de saco cheio do meu cunhado. Ele não tem jeito!

Fiz uma cara de espanto e respondi:

- Quero!

Saí de lá com o contrato pronto e assinado.

Agora, havia espaço para os caminhões, além do posto e uma churrascaria. Fiz isto sem tirar um tostão do bolso, mas com o compromisso de pagar os alugueis em combustível para os caminhões do Flavio. Ele tinha 25 caminhões e, na porta, ainda me disse:

- Agenor, amanhã, eu vou mandar descer uns quatro caminhões de Campos que precisam de reforma, mas eu vou pagar a vista, está bem?

Sem opção, disse-lhe:

- Simmmmm...

Quando dei a notícia ao meu Pai, ele disse:

- Agenor, você é um iluminado!

Sorri, nos abraçamos, e fomos em frente.

*Quando se acredita no que se faz, tudo acontece: do

inesperado ao imaginável... Para alguns, tudo vira magia.

Cartão Nacional

Agora, dono da maior oficina de caminhões da baixada, mandei fazer 50.000 cartões com os dizeres: “Especialista em Caminhões Mercedes e Troca de Cabines”, Posto de Gasolina e Churrascaria.

Aos 26 anos, os gerentes de banco me procuravam dia e noite. Eu não tinha experiência no trato bancário, mas logo percebi que os gerentes eram todos duros, e tinham uma tendência a pedir emprestado os meus carros que, na época, eram os melhores da baixada: Puma, Miura, Sp2.



Eu os emprestava sem maldade nenhuma até que uma gerente do Banco Nacional me procurou para que eu abrisse uma conta em sua agência.

Ela era linda... Rosa Maria, a gerente, disse-me que tinha sido transferida de Duque de Caxias e lá na agência tinha um cliente meu que tinha lhe dado ótimas referências minhas.

Na época, o Banco Nacional era do astuto Senhor Magalhães Pinto, que incomodava o mercado financeiro com o seu Cartão de Crédito Nacional.

Ela me deu um sem limites, só que na época e onde eu circulava quase não era aceito, a não ser nos motéis e eu ia a todos da presidente Dutra. Até que um dia ela me disse:

- Agenor, qual o motel que você ainda não foi?

Eu ia a todos, tinha a necessidade de um cavalo inteiro. Que

saudade da idade de 26 anos...

Bom, respondi a ela que não sabia e ela emendou:

- Tenho vontade de conhecer o Vips Motel, que fica ali no início da Barra da Tijuca.

Fiquei gelado, pois além de linda, ela era muito fina e eu um grosso, mas com dinheiro. Logo respondi:

- Bom, como nunca fui lá, poderíamos ir jantar e, se quiser, depois iremos lá.

Ela ficou vermelha com a pronta resposta e disse-me que estava brincando e eu disse:

- Mas eu não estou brincando!

Ela abaixou a cabeça e disse quase murmurando:

- Vou pensar.

Fui embora trabalhar.

Naquela época, eu não tinha rotina, não tinha hora certa de trabalho, isto é típico de pessoas mal educadas. Dedicava-me tanto ao meu trabalho que quando me dei conta vinte e oito dias se passaram, quando me entregaram um recado para eu ir falar com a gerente do Banco Nacional, a Rosa Maria. Agora atento, pensei:

- Caramba, esqueci-me dela!

E o meu coração ficou apertado. Notei que pela primeira vez senti algo diferente, um aperto no coração que até então não tinha me acontecido.

Fui lá imediatamente e, quando ela me viu, dispensou todo mundo e me atendeu falando:

- Poxa, você sumiu!

E eu, meio sem graça, respondi:

- É muito trabalho...

Em seguida, perguntei:

- Tem algum problema na conta?

E ela respondeu:

-Não, o problema é o jantar que você me prometeu.

E eu perguntei imediatamente:

- Quando você quer jantar? Pode ser sábado?

Ela me confirmou, dando o endereço para que eu a fosse buscar em sua casa, que era em Duque de Caxias.

Eu completei:

- Tudo bem.

E fui embora com uma preocupação de onde eu iria levá-la.

Na minha churrascaria não poderia, pois todos me conheciam e eu queria impressionar, sem os olhos atentos de meus agora funcionários.

Socorri-me no Nilo, um amigo que me indicou um restaurante na Ilha do Governador. Para quem morava na baixada, naquela época, a praia de Ramos e a Ilha do Governador eram top de linha. Imaginem só como o restaurante era fino! Liguei para lá e o Nilo me ensinou o que pedir e falou com o mestre de lá.

Chegando no restaurante, o mestre já me chamou pelo nome:

- Doutor Agenor, a sua mesa já está pronta!

A Rosa olhou-me com aquele olhar de curiosidade, pois a minha grosseria não se enquadrava com a fineza do lugar, mas fui em frente.

Eu estava com o dever de casa na ponta da língua e fui logo pedindo o vinho Chateau d'Argent e passei a carta pedindo que ela escolhesse o prato.

Ela habilmente transferiu esta responsabilidade para mim e, sem deixar a bola cair, eu pedi congrio rosa ao molho de camarão. O Mestre completou:

-Excelente pedida, doutor!

Almoçamos e, para a sobremesa, o mestre se adiantou e disse:

- Posso aconselhar Banana Flambada?

Acenei com a cabeça. Sem saber ao certo do que se tratava e olhando para Rosa que também aceitava, ratifiquei o pedido.

Concordo que me sentia um estranho no ninho, pois era muita sofisticação, mas estava dando certo, ela estava toda melosa quando escutamos um tilintar de metais.

Olhando para a origem do barulho, vimos um chefe empurrando um carrinho que tinha um cacho de banana pendurado, frigideira e toda a tralha necessária para a elaboração do diabo da banana flambada. Eu nunca tinha comido nada flambado.

Quando de repente a flambada se deu, me deu um susto e quase procurei um extintor de incêndio.

Bom, se eu queria aparecer mais, eu teria que pedir um elefante assado.

Saímos de lá rindo muito, pois tanto eu como ela não tínhamos ainda presenciado tal ação.

Fomos direto para o Vips Motel, alias me tornei cliente fiel.

Realmente, o Vips era muito melhor que os da rodovia

Presidente Dutra, o meu habitat natural da época e ainda tinha o melhor restaurante dos motéis do Rio de Janeiro.

E aqui me recuso a dizer o que lá, naquela noite, aconteceu, mas foi um deguste a dois. Sem comentários...

Domingo à noite, eu fui até a Escola de Samba Império Serrano, em Madureira.

Saí de lá de manhã e fui direto trabalhar.

Chegando à oficina, meu pai foi logo dizendo:

- Agenor, tem que ir a São Paulo buscar um para-brisa, pois temos que entregar amanhã este caminhão e no Rio de Janeiro não tem.

Respondi:

- Tudo bem, eu estou indo!

Desgastado fisicamente, com sono e ainda com uma ressaca enorme, me pus na estrada não antes de tomar um café com conhaque que, segundo os caminhoneiros, afasta o sono: uma mentira logo descoberta na volta.

Já voltando com a peça necessária comprada a bordo, o sono me atormentava. Foi quando resolvi parar de novo, lavar o rosto e tomar outra bomba chamada conhaque com café.

Logo à frente, estava a Serra das Araras e minhas pálpebras pesavam um quilo cada uma. Decidindo então lavar o rosto mais uma vez, abri a janela e coloquei o contra vento na direção de meu rosto para conseguir descer a serra. Consegui descer, e na reta de Queimados consegui finalmente dormir dirigindo. Bati atrás de um caminhão, quebrei o para-brisa e cheguei à seguinte conclusão: não se deve dirigir com sono e muito menos bebendo.

Salvo, fui falar com meu pai que me disse:

- Agenor, assim que você saiu, chegou o para-brisa.

Naquela época, não tínhamos o bendito telefone celular e nem o fixo. Alias, até hoje não consigo entender porque as empresas de telefonia não conseguem entregar um telefone fixo. Em contrapartida, aprendi e nunca mais bebi dirigindo e com sono.

**Bebida e sono é uma receita certa para a morte ao dirigir.*

Caminhão de Campos

As funções as quais eu me dedicava na empresa eram a comercial e a administrativa, mas buscar serviço era o que eu mais gostava.

Construí uma rede de informações a partir de todos os reboques de caminhões do Estado do Rio de Janeiro e dos patrulheiros rodoviários.

Cada acidente ocorrido, envolvendo caminhão, eu era avisado imediatamente e eu corria para o local e quase sempre eu chegava mais rápido que o dono, garantindo assim o primeiro orçamento. Se eu pegasse o serviço, e isto quase sempre ocorria, dava uma comissão ao dono do reboque e ao patrulheiro. Certa vez, em São Cristóvão um caminhão tombou à minha frente. Notei que a placa era de Campos, cidade que fica a três horas do local do acidente. Não perdi tempo. Socorri o motorista que tinha quebrado o braço, passei a carga para outro caminhão e mandei o caminhão acidentado para a minha oficina. Quando o dono do caminhão chegou, passou no local do acidente e não encontrou nada. Foi para o hospital e me encontrou lá ao lado do motorista, que tinha acabado de ter alta e ele logo perguntou ao motorista:

- Você está bem?

E ele respondeu:

- Sim.

Logo a seguir, ele disse:

- Passei no local e não vi a carga nem o caminhão. Um policial me disse que o dono tinha resolvido tudo.

Aí o motorista apontou para mim e disse:

- Esse rapaz me socorreu e acho que foi ele que cuidou de tudo.

E o homem perguntou:

- Cadê o meu caminhão?

Eu lhe respondi:

- Está na minha oficina, em Nova Iguaçu.

- E a carga? Perguntou.

Eu disse:

- Está entregue.

E o carro que nós batemos, eu convenci o dono, que tinha seguro total, a ir embora, pois ele deu sorte de não ter morrido.

E ele realmente não teve culpa assim como o seu motorista, pois quebrou a barra de direção na descida do viaduto. O dono do caminhão deu um passo para trás, olhou-me de baixo a cima e perguntou:

- Quanto isto vai me custar?

Tirei um formulário preenchido que era o orçamento da troca da cabine do caminhão, o frete da entrega, e um trocado para os carregadores e ele mais uma vez me questionou:

- E se eu não quiser pagar nada disso?

Eu disse:

- Mando entregar o seu caminhão em Campos sem nenhum custo, pois o preço que lhe estou dando, o senhor não vai

encontrar nada igual. Mais uma vez ele olhou para mim, olhou para o motorista do caminhão e disse:

- É melhor nós irmos ver esta oficina sua.

Entramos no carro e fomos para a minha oficina.

Chegando lá, apresentei meu pai que logo disse:

- Lá está o seu caminhão.

O dono olhou rapidamente e falou para o seu motorista:

- Demos sorte! Você poderia ter morrido.

Virou as costas para o seu caminhão e foi olhar a oficina.

No meio da oficina, que tinha uns cinquenta caminhões consertando, parou, olhou para o meu pai e disse:

- Você não quer me dar o seu filho? Eu nunca vi nada igual!

Meu pai olhou para mim e, com um sorriso, disse:

- É... ele é danado...

Fechamos negócio imediatamente. O dono pagou à vista e ainda se tornou o melhor cliente de Campos.

**Uma oportunidade perdida não volta jamais e aquela eu não perdi.*

Rodoviário Valcar

Certa vez, chegou um rapaz muito fino na minha oficina, que já era a maior do estado e me perguntou:

- Você consegue pintar vinte e dois caminhões em um fim de semana?

O meu pai olhou para mim e respondeu:

- É impossível pintar a cabine, o chassi e o baú em apenas cinco dias.

Aí o Silveirinha disse:

- Nós precisamos disto, pois ganhamos uma concorrência, mas nós nos esquecemos que existia uma obrigatoriedade na padronização da frota e a Xerox, que é uma empresa americana, não vai nos dar se não cumprirmos na íntegra o edital da Caixa Econômica Federal.

Meu pai, mais uma vez, olhou para mim como se a palavra final fosse minha e eu disse:

- Vou fazer o orçamento. Se vocês pagarem adiantado, eu entrego o serviço às seis horas da manhã de segunda feira. Isto foi em uma quinta feira, às 13 horas.

Meu pai disse:

- Você é doido?

Então resolvi enfiar a caneta e cobreí quase o dobro.

O Silveira me levou para falar com o dono que aprovou imediatamente e disse:

- Amanhã de manhã, estarei lá com os caminhões. E o dinheiro já está aqui.

Liguei para o meu pai e disse para mandar todos os funcionários esperar até que eu chegasse, pois eu precisava falar com todos.

Cheguei à oficina com um baita compressor, um monte de mangueira, pistola e toda parafernália para a dita empreitada.

Reuni todos os funcionários e lhes disse:

- Temos uma tarefa e preciso da ajuda de todos.

Meu pai disse:

- Agenor, não vai dar.

E eu:

- Pai, me escuta! O serviço não vai ficar perfeito, mas combinei com o dono que iremos retocar todo o serviço que tiver algum defeitinho.

E meu pai, mais uma vez, disse:

- Agenor, não vai dar!

Aí, o Wilson que era meu valete, interveio:

- Sr. Antenor, deixa o Agenor falar que eu tenho que bater macumba hoje.

Isto já eram oito horas da noite. Retomando a palavra, eu disse:

- Todos vocês vão receber o salário da semana hoje. Agora, vão para casa e falem com suas esposas que só voltarão na segunda-feira e vão ficar em casa terça e quarta, mas na terça-feira vocês vão receber outro salário e quem quiser trazer a mulher, cunhado, sogro, filho para ajudar, pode trazer que eu pago por fora.

- Pai, você vai aí na rua e chama todo mundo para trabalhar.

E aí disse ao meu pai:

- Aí vai dar...

E ele respondeu:

- Já estamos perdendo tempo.

Foi uma guerra. A rua toda trabalhou. Até o Prefeito foi saber o que estava acontecendo, pois a rua toda virou uma oficina. Cumprimos nossa parte e consegui, a partir daí, prestar serviços para empresas de transportes que se renderam a nossa velocidade na entrega.

Silveirinha ficou com nome na empresa e me deu o primeiro sapato de couro de cabra (mocassim) de presente.

**A oportunidade, quando se apresenta, se agarra.*

Autorizadas

Quem faz a fama, deita na cama. E a nossa fama chegou às autorizadas uma vez que já éramos o maior comprador de peças originais nas autorizadas Mercedes Benz.

Certo dia, eu fui convidado para uma reunião com os chefes de oficinas das autorizadas.

Saí de lá com uma proposta para reformar todas as cabines para as autorizadas, pois a minha qualidade superava a deles e o custo nem chegava perto.

Em verdade, neste momento, eu só reformava cabine de caminhões Mercedes-Benz e tinha montado uma verdadeira linha de montagem e as autorizadas passaram a me dar as cabines para que eu as reformasse. Constituí um verdadeiro monopólio e colhi os frutos disto.

**A oportunidade não deve ser apenas acolhida, deve ser desenvolvida.*

Cepalma

Logo fui convidado para consertar caminhões de uma empresa denominada Cepalma, com sede no Maranhão.

Disse para o interlocutor:

- A minha oficina é no Rio e o Maranhão está a mais de 5000 quilômetros.

E Rubens respondeu:

- Mas eu trago tudo para você consertar e vender os caminhões aqui.

Não entendendo, pedi para ele me explicar melhor.

Acontece que os caminhões foram canibalizados, ou seja, foram tiradas peças para consertar outros; tinha alguns batidos, outros enferrujados e mais um monte de peças. Meu pai, mais uma vez, sem visão comercial logo disse:

- Agenor, isso aí é impossível, mas com você o impossível já está pronto... Vá em frente!

Fui para a churrascaria almoçar com o Rubens e ele comentou:

- Agenor, isso é uma frota de uma empresa que faliu e nós compramos no leilão.

- Entendo a situação. Só não entendo como irá trazer. O frete

vai ficar caríssimo.

E ele nos disse:

- Vamos trazer a tralha toda de navio, numa viagem só.

E assim foi feito. Consegui recuperar mais de 300 caminhões.

Ganhei um dinheirão. Meu pai tinha razão: comecei a fazer coisas impossíveis e o pior, ou melhor, eu estava gostando.

**Mais uma vez, a oportunidade se apresentou e eu, mais uma vez, não a desprezei.*

Sociedade

Os negócios iam tão bem que o meu pai não me questionava em nada e, muitas das vezes, eu achava que ele deveria me ensinar alguma coisa, mas ele era uma pessoa sem cultura nenhuma.

Então, o que teria para me ensinar se não apenas a sua máxima de trabalho comentado no início?

Meu pai era daquelas pessoas paradas no tempo e o tempo é cruel; é o nosso único inimigo e não poupa ninguém.

Almoçando na churrascaria com o meu pai, olhei para o fundo do salão e vi os funcionários da oficina carregando uma cabine na mão. Aí eu falei:

- Pai, temos que comprar uma empilhadeira.

Ele perguntou:

- Para quê?

Não falei mais nada, mas pensei: meu pai não aceita o progresso... É que eu passei a lidar com empresários e sempre fui amante de ferramentas e novas tecnologias.

Lembrei-me de um amigo chamado Élcio. Ele era uma pessoa fantástica e estudava engenharia mecânica. Pensei que poderia convidá-lo para trabalhar conosco. Acabei de almoçar e fui procurá-lo sem falar com o meu pai, pois tudo que eu comentava com ele, imediatamente, ele era contra, mas se eu desse uma ordem, ele acatava.

Élcio topou e, no outro dia, nos encontramos na porta da oficina.

Quando eu cheguei lá, ele já me aguardava. Chamei meu pai e comuniquei a ele da minha intenção. Ele me disse:

- Agenor, eu nunca vi uma oficina com engenheiro.

Élcio, antecipando-se à minha resposta, disse olhando para o meu pai:

- Sr. Antenor, mas eu também nunca vi uma oficina tão grande! Todo mundo riu e meu pai, com ironia, disse:

- Bom, então vamos ver aonde você pode nos ajudar...

Depois de uma volta, Élcio viu o sacrifício de dois lanterneiros para tirar um parafuso da porta de um caminhão todo enferrujado e perguntando ao lanterneiro quanto tempo eles estavam ali tirando os parafusos e estes suados de maçarico em punho, marreta e tudo que podia para ajudar, respondeu:

- Desde ontem, ao meio dia.

Élcio, olhando para meu pai e para os lanterneiros, disse:

- Por favor, pare que eu vou tirar este parafuso em um minuto.

Aí, meu pai rindo disse:

- Isto aqui, já falando num tom desafiador, é coisa para macho.

E Élcio disse:

- Um minuto só que eu vou ao carro e volto.

Eu, meu pai, e os lanterneiros, ficamos esperando. Élcio voltou com uma ferramenta que eu, meu pai e os dois lanterneiros nunca tínhamos visto. Era uma chave de impacto e, em cinco minutos, ele tirou todos os parafusos até então malditos, apelido este dado por meu pai, que praticamente tomou a ferramenta da mão dele e foi para outra cabine. Tirou igualmente com a mesma facilidade e disse:

- Agenor, precisamos comprar esta ferramenta hoje e você,

Élcio, está empregado!

Élcio tinha conquistado meu pai e fizeram grandes avanços na oficina no sentido de qualidade e redução de custo.

O evento favoreceu o meu raciocínio. Eu tinha que ter um negócio industrial.

Nossa oficina não tinha mais mercado a ser conquistado, praticamente eu já estava trazendo caminhão de outros estados para reformar; até uma cabine genérica nós já estávamos construindo.

**Existe um momento que a fadiga incomoda, mas não determina o fim.*

Fábrica de Carrinho

Uma vez oficina, hoje uma empresa com mais de 50 funcionários.

E esta havia crescido tudo o que podia naquele nicho.

Naquele momento, eu já convivia com pessoas, empresários do

setor de transporte de nível superior de conhecimento. O Ser Humano é fruto da circunstância em que vive e eu começava a conhecer o verdadeiro mundo dos negócios. Cada orçamento que eu dava era questionado ponto por ponto e eu sempre me lembrava do Dr. Dario da Carbrasa, que fazia conta de tudo.

E fazendo conta, resolvi acabar com a oficina e comprar, sem consultar o meu pai que era meu sócio, uma fábrica de carrinho de construção civil.

Meu Pai não aceitou e brigamos.

Hoje, entendo que o meu pai não teria condições de administrar assim como eu, pois também não tinha a mínima experiência industrial, mas tinha a raça e a coragem e, para o meu pai, o que nós já tínhamos alcançado, era mais que suficiente.

A briga foi tão séria, que resolvi deixar tudo para o meu pai e fui embora para São Paulo, somente com o carro e o meu dinheiro pessoal.

Hoje, me arrependo; faltou habilidade minha. Eu deveria montar a empresa de carrinho sozinho e continuar com o meu pai na oficina.

Quando voltei de São Paulo, um ano depois, infelizmente, meu pai estava apenas no mesmo “box” do início de nossa sociedade.

**Um negócio jamais exclui o outro.*

Ciferal

Em São Paulo, fui trabalhar em uma fábrica de ônibus como representante comercial. Eu tinha que viajar por todo o interior do estado e para mim, ainda de cabeça quente, foi ótimo, pois precisava esquecer e viajar é ótimo, além de abrir a visão.

Um ano se passou e eu não vendi um ônibus sequer. Pedi demissão e o Lacerda, meu chefe, não me deu, dizendo que eu estava fazendo um ótimo trabalho de relações públicas e mais dias ou menos dias eu ia acabar vendendo.

Fato que aconteceu oito meses depois. Vendi 375 ônibus de uma só vez. Pedi as contas imediatamente e, com a comissão recebida, fui para a Argentina, curtir a vida e vingar zumbi. Negro adora namorar loiras, os opostos se atraem.

**O dinheiro nos cega, mas a verdade logo vem.*

Procurando um emprego – Gigi

Quando o dinheiro acabou, resolvi voltar para o Rio de Janeiro. Depois de alguns dias, em casa de mamãe, resolvi procurar um emprego. Nem pensava em montar um negócio, pois o meu sonho de negócio até aquele momento era com o meu pai. Fui procurar um amigo na Praça Mauá que tinha um escritório de Importação para ver se tinha uma oportunidade para mim. Ao estacionar o carro, me deu uma dor de barriga e procurei um banheiro. Encontrei um horrível, imundo, mas tinha um jornal no chão e nele li um anúncio, pedindo um Gerente Industrial. Tirei o anúncio e o guardei no bolso, pensando: quem sabe... Não consegui encontrar o meu amigo e voltei para casa. Uma semana depois, minha mãe me deu o recorte do jornal que tinha encontrado no meu bolso e que eu já tinha até esquecido. Liguei para lá, marquei um encontro. O dono foi logo me dizendo:

- Este anúncio tem uns quatro meses e ninguém se candidatou. A vaga, se eu quisesse, seria minha.

A fábrica era na cidade de Araruama. Lá, fui apresentado ao encarregado, que foi logo me acertando, vendendo o último número de uma rifa de um carro Galaxie. Fui almoçar com o dono e, na volta, já assumindo o cargo, encontrei a chave do carro e os documentos em cima da mesa e o encarregado me disse:

- O senhor ganhou o carro!

Agradei e fui ver o carro. Estava novinho. Aí, soube que o carro tinha sido da esposa do dono. Uma “socialite” que tinha doado o carro para o encarregado que era um puxa saco danado dela. Enfim, tomei algumas atitudes de ordem administrativa e perguntei ao encarregado se ele conhecia um hotel na cidade, pois eu teria que dormir na cidade e no outro dia procurar uma casa para morar. Ele prontamente disse:

- Sr. Agenor, se o senhor quiser, aqui atrás tem uma casa que é da minha mãe e está desocupada e montada, e a mãe quer alugar. Só tem um problema: tem que ficar com o cachorro dela, Space. Olhando a casa e o cachorro, aceitei, imediatamente. No outro dia, de manhã, bate à porta Vanda, uma mulher linda, pedindo emprego e, sem ser profissional, misturei coração com negócios, contratando-a imediatamente. Mais tarde, Vanda acabou sendo minha mulher por mais de trinta anos.

Resumindo: arrumei um emprego, ganhei um carro, arrumei uma casa e conheci minha companheira em dois dias.

Por mais que eu questione o destino, neste episódio, dá para

pensar que existe.

Trabalhei lá até que a empresa fora vendida para uma empresa de Telecom de Rio Bonito e lá fui eu novamente.

**Por mais pragmático que eu possa ser, e não sendo dono da verdade, sou obrigado a acreditar que o destino trama a nosso favor, sempre. Observe atentamente os seus sinais.*

Páginas Amarelas

Apareceu uma oportunidade para eu trabalhar na empresa que na época era a elite dos vendedores e fui lá me inscrever.

Com o meu currículo, iniciei imediatamente no grupo, em uma sucursal, vendendo anúncio em uma revista do grupo denominado de IPESI.



Depois de algum tempo e já campeão de venda, logo fui promovido a supervisor.

O sucesso acontecia de forma volumosa. O motivo era que havia um terminal de computador que ninguém usava e estava praticamente abandonado e ali estavam todos os clientes antigos, que eu os visitava regularmente. Tomava cada esporro, mas não desistia. Insistia e quase sempre conseguia recuperar o cliente e fazer novas vendas.

Ninguém gosta de trabalho duro. Esquece que o dinheiro só acontece se o suor e as barreiras forem vencidos. A maioria das reclamações tinha motivo de inadimplência que era por mim contornada sempre pelo financeiro, com o argumento de novos faturamentos e sempre dava certo.

Certo dia, Huber, o filho do dono e Diretor da Operação, me

chamou para ir buscar um amigo seu no aeroporto do Galeão. Enquanto nós esperávamos, íamos conversando a respeito da empresa, que já não tinha problema, mas entendi que ele queria era mesmo companhia. Postamo-nos lá às dez horas, mas o voo atrasou, chegando às dezesseis horas. Quando avistamos o passageiro que chegara, logo notei que, ao contrário do Huber que era filho de Sueco, o cidadão aguardado era um Judeu de pequena altura, olhos verdes e usava óculos “fundo de garrafa”. Depois da apresentação, sem que o judeu me olhasse diretamente nos olhos, achei de fazer uma cortesia perguntando se ele queria que eu fosse buscar as malas e ele disse:

- Não, minha bagagem está aqui.

E reparei que era uma pasta bem surrada pelo tempo com a cor original marrom, mas ela já apresentava o desgaste de couro usado, bem russo.

Caminhamos para o restaurante do aeroporto. Eu fui logo pedindo uma caipirinha, o Huber, um chope e o Judeu, uma água mineral. Nada me agradava naquele rapaz. Pedimos o almoço e ele disse que já tinha comido no avião. Aí pensei: este cara é um tremendo muquirana, pois estamos aqui desde cedo e nem um presente ele trouxe para o patrão e seu amigo Huber. Fiquei ali meio deslocado, pois algumas vezes eles falavam em inglês e, por mais que eu me esforçasse, não acompanhava, pois o meu inglês é de McDonald's. Quando perguntei o que ele tinha ido estudar lá fora, este respondeu sem me olhar novamente:

- Bancologia!

Pensei: que trem é esse? E perguntei:

- O que é isso?

Ele, novamente, sem me olhar, respondeu:

- É o estudo de administração bancária.

Coloquei um garfo de comida à boca e olhei para o Huber falando:

- Ah, mas isto é muito difícil de arrumar um emprego!

O Huber, que já me conhecia e tinha a certeza que eu não iria desistir da pergunta, olhou para o judeu e disse:

- Ele é o melhor vendedor da companhia.

Somente depois desta afirmação, o judeu me olhou nos olhos como se o adjetivo tivesse-o obrigado a dar uma maior atenção e, colocando a mão no meu antebraço, disse:

- Fique tranquilo, pois eu já estou empregado.

Agora, com esta resposta, eu ainda mais insatisfeito disparei:

- Mas qual o banco que você vai trabalhar?

Ele imediatamente notando que eu não ia parar de perguntar, respondeu:

- Vou trabalhar no Banco Pinto Oliveira.

Eu, aumentando o tom de voz, disse-lhe:

- Porra, mas este banco é um banco pequeninho lá de Matão! Olhando finalmente dentro dos meus olhos, o judeu respondeu:

- É um banco realmente pequeno, mas é meu banco e antes que você pergunte, eu sou dono de trinta fazendas na região, sou o maior produtor de boi Nelore de Araraquara e tenho doze usinas de álcool, quatro de açúcar. Este banco é somente para administrar o dinheirinho da minha família.

Olhei para o Huber, que com um sorriso no rosto e se divertindo com a minha cara, pois eu não encontrava um lugar adequado para escondê-la, me calei. O Huber, em meu socorro, disse:

- Inclusive, Agenor, ele esqueceu de dizer que ele também tem trinta por cento da nossa empresa.

Ri sem graça mais uma vez e levantando, disse:

- Vou à varanda olhar os aviões.

Logo a seguir me chamaram, pois o judeu já ia pegar o voo para São Paulo. Quis trocar cartão com ele, mas o judeu disse que não precisava.

Insistindo, perguntei a ele tentando agradar se eu poderia abrir uma conta no pequeno Banco dele e ele, rindo, me disse, com um sotaque de Judeu:

- Agenor, você não tem o perfil para ser cliente de meu Banco, mas você me provou porque é um grande vendedor. Você não desiste nunca... Parabéns! E se foi.

**Existe momento que se deve ficar rouco de tanto se ouvir.*

Capítulo III – CONVIVER

RIO BONITO Renascer

Conviver para mim tratava-se de uma gestação, de um renascimento cultural, pois teve o seu início na cidade de Rio Bonito, no Estado do Rio de Janeiro.

O tema conviver foi forjado na minha vida por vinte anos, tempo em que aprendi senão todas, mas um número significativo das maldades, injustiças, intrigas, conspirações e verdades do

mundo real que eu nunca tivera acesso.



Depois de uma infância à deriva, em busca de uma identidade, uma adolescência de trabalho com um homem com uma cultura europeia, uma iniciação como homem na doutrina militar e um amador nos negócios, ainda assim me senti inocente diante da convivência entre os munícipes da cidade de Rio Bonito.

A cidade tinha menos pessoas que a favela onde eu cresci e aqui as pessoas se conheciam pelo nome. Era uma grande família e, assim como os nossos dedos, os seus membros eram diferentes. Paguei um preço alto pelo aprendizado, pois o meu tempo sem opção, sorrateiramente, foi sequestrado e o tempo não se recupera jamais.

Todo ser humano é fruto de oito cargas genéticas, mas hoje sei que circunstancialmente atos, fatos durante toda uma vida irão forjar lentamente o caráter de qualquer um, transformando um ser animal em um ser racional, e comigo não seria diferente.

Assim, fui refinando a minha sensibilidade, identificando a minha realidade, ampliando meus sonhos, realinhando meus ideais e melhorando o meu humor. Eu sou fruto desta mutação, regra universal, dos treze anos até a data de 21 de julho de 2015, quando completei 65 anos e encerrei este livro. Cada pessoa que conheci teve um papel importante, como um professor de uma cátedra da universidade da vida que percorri desesperadamente para a doma de minha mão na direção da sede do saber. Por isto, a necessidade de contar de forma cronológica o que vivi e testemunhei para uma melhor compreensão da minha existência como um micro-organismo

vivo deste universo.

**O ser humano é fruto das circunstâncias. A opção de prosperar é sua. Os meios determinarão o sucesso.*

Minha Família

Em Rio Bonito, passei a conviver e ter como minha mulher definitivamente Vanda, mãe de dois únicos filhos. Convivi 30 anos com ela. Uma mulher presa ao passado mal resolvido, mas uma excelente dona de casa, embora sem educação alguma. Erradamente, confiei a educação dos meus filhos a ela. Como alguém pode educar se não tem a cultura da importância disto? Mas também fui omissos, pois nunca prestei a atenção no que acontecia dentro da minha própria casa. Eu só queria ganhar dinheiro. Quando despertei para os fatos, os meus filhos já estavam formados. Pequei... Desculpem-me, meus filhos. A sorte é que os dois são trabalhadores e me deram dois netos, com os quais tentarei reparar o erro educacional que cometi com os meus filhos.

**A família é a célula mais forte, não perca nunca um elo sequer.*

Meu Primeiro Amigo

Fui muito bem recebido em Rio Bonito por aquele que se tornou um grande amigo, Sr. Hélio (Copacabana). Homem rico de berço e sem nenhuma ambição. Acabou sendo meu sócio em um negócio durante alguns anos. Tenho realmente por Hélio e sua família um grande apreço. Com o Hélio, como meu sócio, tivemos a oportunidade de desenvolver uma máquina denominada de Pultradora, com 38 metros, que puxava fibra de vidro por uma ferramenta, produzindo assim perfis. Como cliente principal, tínhamos a antiga Mesbla e fornecíamos jogos de talas de barco para velas. Fabricamos também barcos e capacetes para skates. Foi um tempo de muito trabalho e enriquecimento pessoal através de uma pessoa chamada Paulo Gaia Vidal. Talvez a pessoa mais culta que eu tenha conhecido. Ele vinha de uma convalescência de um câncer no coração e se propôs a tomar conta da fábrica enquanto eu ia vender, a minha verdadeira praia. Observem que eu já tinha tido algumas

empresas, mas nunca tinha conversado com alguém sobre custo industrial. Ele tinha feito faculdade de desenho industrial, e passou-me conhecimentos inacreditáveis. Passei a respeitar definitivamente quem se formou em uma universidade por interesse próprio e não por imposição de seus pais. Custo Direto e Indireto, Custo Benefício, Contribuição de Lucro, muito confundido por mim até aquele momento e por ele esclarecido.

**Hoje, fico surpreso, passados mais de trinta anos, de ver o que pessoas bem intencionadas ainda falam, por não terem tido a oportunidade de conhecer certas regras administrativas empresariais mínimas. Dou um valor enorme ao aprendizado superior. Mas aos que não mais tem tempo de estudar podem se socorrer de consultores. Leiam o livro: O Melhor Negócio do Mundo.*

Aécio Moura - Meu segundo Amigo

Uma pessoa que conheci logo nas primeiras semanas em Rio Bonito foi o Aécio Moura, filho de uma família honrada. Não sei como, mas foi o primeiro funcionário na minha empresa. Chamava-me a atenção a sua educação. Não me lembro de uma tarefa que não tivesse sido cumprida à risca e se me perguntasse se o pagava corretamente, eu diria: acho que não! Eram tempos difíceis e a lacraia de meu bolso não me deixava ser generoso.

Enfim, logo Aécio deixou em paz um Dodge Dart cortado tipo picape e foi vencer a vida, sozinho. Aécio sempre foi centrado até demais para o meu gosto, mas isto o diferencia dos demais. Tinha pinta de vencedor e venceu mesmo.

Moura Veículos

Depois de certo tempo, Aécio montou uma agência de automóveis e, no dia da inauguração, me convidou para um churrasco que se armaria nos fundos da loja. Era um dia de festa. Chegando, elogiei o Aécio pelo belo imóvel que tinha construído. Acho que foi o primeiro de muitos que depois vieram. Mas na loja havia um belo letreiro em aço escovado. Acho que foi o primeiro que vi na cidade e os vendedores lá dentro estavam mesmo preocupados com os carros e o

churrasco.

Enquanto Aécio anotava os valores dos carros em fichas, fui à frente da loja. Observei um senhor com um pacote de jornal debaixo do braço que me chamou atenção. Ele estava do outro lado da rua com um jovem. Logo notei que o mesmo poderia estar interessado na compra de algum carro. Atravessei a rua e falei na linguagem de vendedor de loja:

- Bom dia, meu patrão!

E o homem, foi logo perguntando quanto custava o Golzinho.

Eu, rapidamente, disse:

- Um minuto, pois ele é um “filezinho” que acabou de chegar.

Dirigi-me ao Aécio e distorcendo um pouco o fato:

- Aécio, trouxe um cliente e ele gostou do Gol.

- Quanto é?

Aécio rapidamente pegou a ficha e a chave e me deu.

O homem deu uma volta, gostou do preço e comprou pagando à vista e pediu para o Aécio levar o carro em Tanguá.

O comprador foi embora e Aécio ficou feliz, pois a “lojinha” acabara de faturar o primeiro carro.

Achei oportuno pedir-lhe uma comissão, o que ele prontamente me deu, agradecendo-me. Com a comissão gorda no bolso, perdi o apetite do churrasco e achei melhor sair à francesa, pois Aécio ia levar o carro ao comprador junto com seu funcionário. Dirigi-me feliz para o bar do Ernesto e depois de alguns chopes, chega o Aécio.

- Agenor, de onde você conhece o comprador?

E eu, como realmente não o conhecia, comecei a enrolar. Não lembro agora e coisa e tal...

Aí, Aécio rindo, disse:

- O filho da mãe! O senhor..... (não me lembro o nome) disse que nunca tinha visto você.

Eu rindo, disse:

- O melhor, Aécio, é que eu também nunca o tinha visto.

Aí Aécio falou:

- Vamos lá comer churrasco e sacanear aquele monte de vendedores de merda! E lá fomos nós.

**Oportunidade, quando se apresenta, se agarra!*

Carro Emprestado

Eu era candidato a Deputado Federal. Quebradinho como

sempre, consegui convencer um Deputado Estadual de Campos a financiar a minha campanha (coisa de maluco, que não tinha a mínima chance de dar certo), mas eu precisava chegar em Campos com um mínimo de aparência de um Deputado Federal. E me pareceu que o Aécio poderia me ajudar com um empréstimo de um carro, mas tinha que ser um bom carro. Escolhi um Monza Classic, novinho.

Aécio, surpreso com o meu pedido, afinal era o melhor carro da loja, perguntou:

- Tem que ser este, Agenor?

E eu respondi:

- Sim.

Então, Agenor, eu vou dirigindo para você, está bem?

E falou:

- Vai ter que por gasolina!

- Aí, eu, de sacanagem, mas falando sério, respondi:

- Você não quer que eu também ponha gasolina, não é?

Aécio riu e mandou o Everton abastecer o carro com seus próprios recursos.

Carro abastecido, Aécio pegou a chave e entrou do lado do motorista.

Todos os vendedores da loja ficaram olhando e eu, calmamente, entrei na porta de trás. Aécio vermelho e rindo disse:

- Seu filho da puta! Não dá para você ir aqui à frente pelo menos até perto da casa do Deputado?

E eu, de pronto, respondi:

- Pensei que você queria ir se acostumando com o serviço.

Em Campos, blá-blá-blá à parte e de posse de duas bolsas de papel do mercado Casa Sendas, tínhamos acho que uns trinta mil dólares. Ordenei que Aécio colocasse na mala do carro.

Entre no carro e começamos a voltar quando de repente Aécio parou o carro e disse:

- Agenor, eu não posso carregar este dinheiro. Eu não tenho Imposto de Renda. Eu não tenho caixa para justificar se a polícia parar. Eu rindo, disse:

- Aécio, toca o carro que eu digo que peguei uma carona e o dinheiro é meu e pronto!

Foi uma luta para o Aécio andar de novo, suava, nervoso.

Gente honesta é um problema para político e o Aécio é uma dessas pessoas que se achar uma nota de cem no chão gasta duzentos para encontrar o dono e devolvê-la.

Em frente ao Ernesto, eu doido para tomar uma talagada pela missão cumprida, Aécio abriu a mala e eu peguei U\$2,000.00.

Botei no bolso e fechei a mala dizendo para o Aécio:

- Vamos tomar uma?

E ele:

- Não, vou para a agência. Você não vai pegar o dinheiro?

E eu:

- Não, isso aí é problema seu. Todos os dias, vou pegar um pouquinho. Você guarda para mim.

Aécio, meio que atordoado, foi embora eu fui tomar chope.

Nunca faltou um tostão.

**O dinheiro, tem que saber a quem confiar!*

Árabes x Judeus

Rio Bonito para mim era um verdadeiro laboratório de ciências humanas.

Voltei à cidade. Esta tinha sido colonizada por Libaneses (Árabes) e um único Judeu que, por certo tempo, conviveu na cidade.

A cada dia, era um aprendizado contado ao pé de ouvido por Hélio. Dizia ele:

- Agenor, árabes não constroem nada. Apenas compram uma quadra mais próxima do centro, montam um armazém e, então, esperam o tempo passar. Enquanto isto, sempre vai aparecer um brasileiro que quer negociar e sem ponto e propriedade, acaba propondo ao árabe alugar o terreno vazio ao lado da lojinha e o árabe muito solícito diz logo: "Vou te ajudar!" Vamos fazer um contratinho onde você vai fazer uma lojinha nas medidas que eu te der, mas com fundação para dois andares. Os custos eu abato no aluguel bem devagarzinho.

Não há brasileiro que resista ter um ponto bem próximo da cidade. E o filho do árabe, sem exceção, vai ser advogado e certamente vai administrar dezenas de salas e lojas comerciais construídas sem um tostão dos seus pais.

Já o único judeu da cidade que esteve lá para montar a companhia de água já tinha ido embora. Judeu não fica onde não tem dinheiro novo todo dia. Vendeu a companhia e foi embora para Cabo Frio dizendo:

- Aqui só tem árabe e esta cidade só vai crescer daqui a cem anos quando o petróleo chegar!

Não errou! A Comperj é prova disto.

Judeu sempre é bem informado. Onde não tem judeu, a

economia está estagnada e dificilmente terá futuro para quem tem como único objetivo o vil metal.

**Quem ler o “Os Protocolos dos Sábios de Sião” terá certeza absoluta deste relato.*

Outros Conhecidos

Na convivência local, Hélio foi me apresentando às pessoas que eram mais próximas, como ele dizia: “a minha roda de amigos” e eram pessoas das mais diversas origens: agiotas (conhecidos localmente como financistas), comerciantes, párias, fazendeiros, poucos trabalhadores e políticos. Cada uma destas pessoas tinha uma cultura ímpar e me era revelada aos poucos como se fosse uma iniciação a membro daquela sociedade.

Escrever sobre uma cidade e não falar de seus personagens me parece covardia, pois são estas pessoas que verdadeiramente forjam o perfil vocacional de cada cidade.

Edsel Prevot

Edsel era um financista, palavra fina para agiota. Mas este senhor era uma pessoa boníssima. A forma de ele cobrar, embora de origem francesa, em que as palavras soam melodiosas e quase sussurradas até pela pronúncia, era ao contrário com ele. Gritava, dava um esporro na frente de qualquer um e todos pagavam sem maiores problemas, mas o nosso amigo era também muito alegre, cômico e míope, fato este que um cidadão negro que sempre que o avistava pedia um dinheirinho e este sempre solícito o socorria; o nome dele era Bilu.

Aconteceu que sua filha reclamou de um sujeito que vinha sendo inconveniente. Edsel se armou e ficou no Bar do Ernesto, bebendo para esperar o cidadão, que era negro também. Foi quando Bilu entrou bar e gritou:

- Edsel, eu estou te procurando!

Edsel, bêbado e míope, atirou e matou o rapaz por engano.

Edsel sempre falava:

- Agenor, se eu pudesse morrer no lugar dele, morreria cem vezes. Edsel era um homem ímpar.

**O arrependimento certamente é a maior punição quando se é honesto consigo mesmo.*

Histórias de Bar Genildo Moura

Este senhor conseguiu a proeza de ter sido dono de todos os bares da cidade, mas ficava agourando para que o feliz comprador fosse infeliz e revendesse o bar para ele de novo. Eu fui um comprador de bar seu e ele fez comigo todo tipo de armação que fazia com os outros, mas sou osso duro de roer e os outros sempre eram vencidos pela preguiça. Este pecado capital eu não o trago.

A estratégia dele era simples e sem ética. Na inauguração de seus bares, ele convidava um número enorme de amigos usuários, que passavam a frequentar o seu comércio até que existisse um otário para comprá-lo. Uma vez vendido, todos se afastavam da casa, levando o otário à falência e Genildo comprava de novo, pois sempre deixava uma parte financiada e, portanto o bar não poderia ser revendido sem que uma negociação passasse por ele novamente.

Eu fui uma de suas vítimas. Comprei um de seus bares e estava trabalhando, mas sequer conseguia pagar a conta de luz. Eu já trabalhava para um Deputado e tinha ido ao Rio de Janeiro.

Quando voltei, fui até o bar e fui informado que a luz tinha sido cortada. Em seguida, chegou o dono do imóvel, que era veterinário, reclamando que a conta de luz tinha que ser paga imediatamente, pois os seus cachorros operados estavam em sua casa desde o dia anterior, quando faltou a luz. Não entendendo ainda o que estava acontecendo, ele na maior cara de pau explicou:

- Acontece que o muquirana do Genildo, que te vendeu o bar, sabe que a luz da minha clínica vem do teu bar.

Aborrecido, eu disse:

- Não vou pagar luz para você! Se quiser, podemos até dividir a luz, mas eu pagar? Isto simplesmente não vai acontecer.

Ele virou as costas e foi embora procurar Genildo, que na maior cara de pau, me disse:

- Se você tivesse pago a conta, não teria havido este problema e não tem jeito, não.

Mande imediatamente ele tomar em lugar pouco cheiroso e, de volta na Pizzaria, eu encontrei o gato elétrico do veterinário e

meti logo o alicate. Em seguida, fui à concessionária pedir que fizesse uma busca local e esta disse que não podia, pois o proprietário e o titular da conta que era o Genildo tinha ido lá e não autorizava. Eu estava nas mãos deles. Como a concessionária era estatal, liguei para o Deputado Ariston que ligou para o Deputado José Maurício, Secretário de Energia, que me orientou a fazer um padrão e que eles ligariam com uma nova conta, em meu nome. Tomando esta informação como certa, fiz o padrão. Mas na hora de ligar, não foram. Acontece que em cidade pequena, os gerentes eram nomeados pelos políticos e empresa pública não funciona corretamente. Eu tinha que ligar a luz, pois já tinha um show programado para sexta-feira. Liguei para o Ariston e reclamei de novo. Ariston é um homem que, quando dá a palavra, vai até o fim pelo companheiro e com o Zé Maurício no outro telefone, disse:

- Agenor, ele me prometeu que até amanhã, sexta-feira, às cinco da tarde, eles vão aí ligar a sua luz.

Aguardei impacientemente até às três horas da tarde, quando liguei de novo para Ariston e este me disse que a equipe tinha saído de Niterói resolvendo só bronca grande e que tinha até escolta policial, pois o agente não estava acatando a ordem e ia ser dispensado de suas funções. Estas informações me fizeram ficar mais preocupado ainda. A banda instalando os equipamentos e várias pessoas atentas, pois sabiam do corte de luz. E ao longe, o proprietário junto com Genildo observava tudo. Quando deu exatamente dezessete horas, eu já estava quase enfartando, pois sabia que depois da hora-limite não aconteceria mais, entrou na rua um PÁTAMO (Patrulhamento Tático Móvel - carro de polícia especial), um caminhão da Ampla e outro com postes. Saltando em frente do meu estabelecimento, o Tenente Comandante, com uma prancheta na mão, gritou:

- Agenor Candido Gomes!
- Sou eu. Prontamente respondi, com um aceno para ele.
- Onde é o padrão para ligar?

Eu aponte para o mesmo, que logo ficou cercado por um batalhão de funcionários da Ampla (Concessionária).

Aproximando-se de mim, foi pedindo desculpas pela demora e completou:

- Mas chegamos! Estamos desde cedo só resolvendo bronca! De repente, o proprietário, Mansur, batendo nas costas dele, disse:
- Eu não autorizo ligar a luz.

O tenente, olhando para ele, disse:

- Amigo, eu estou cumprindo ordem judicial. Se você quiser questionar, vá para a justiça.

Mansur gritou:

- Eu sou o dono desta merda!

E o Tenente disse:

- É, e vai dar merda mesmo porque você está preso!

Algemou-o e mandou colocá-lo no camburão.

Eu parado estava e fiquei só observando a autoridade do Tenente. Notei que ele não estava de brincadeira.

Enfim, luz ligada! Agradei o Tenente e este me retrucou:

- Agradeça o nosso Secretário, José Maurício, que liberou o pessoal da Ampla. Agora vou para a Delegacia registrar o impedimento da justiça.

Entrou no carro e foi para a Delegacia com o Mansur no camburão.

Eu dei as ordens, restabelecendo a rotina do bar, mas o Prefeito Bidinho chegou e disse:

- Agenor, vá até a Delegacia pedir para aliviar o meu eleitor.

Política tem sempre estes pedidos. Utilizei a política para ligar a luz e agora Bidinho (Prefeito) a usava para soltar.

Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Fui lá pedir para o Tenente aliviar. Na porta da delegacia, disse:

- O senhor é quem manda? Fala com os seus subordinados para soltar o meliante. Rsssss.

Naquele momento, pude saborear o poder político que nem sabia que existia e que nunca soubera que o tinha.

**Manda quem pode, obedece quem tem juízo.*

Sem Porta

Dei ordem para meu funcionário não fechar o bar, pois “quem quer beber e tem dinheiro na mão, não pode ter hora de parar de chorar suas mágoas”.

Cheguei um dia às três horas da manhã e o bar estava com a porta meio arriada. Imediatamente, perguntei o motivo e o funcionário respondeu:

- Não tinha ninguém, levantei a porta.

Fiz o sinal de positivo e, durante o dia, mandei tirar as portas.

Quando o funcionário da noite chegou, perguntou:

- Ué, cadê as portas?

E eu respondi:

- Foi procurar o ninguém!

O bar passou a vender muito mais de madrugada, pois como nem porta tinha, todo mundo, dos bares que iam fechando, ia para lá tomar a saideira na certeza que sempre estava aberto, pois nem porta tinha. O sucesso foi total.

**Quem tem dinheiro não pode ser privado de gastá-lo.*

Corretor Gomide

Outro fato que me enchia o saco era um amigo miserável, corretor de imóveis, que chegava duas ou três vezes por dia com seus clientes e sempre pedia um cafezinho e mais dois copos, dividindo um café entre eles.

Um dia, me ocorreu mudar a forma de negociação do café.

Ele chegou, pediu um café e dois copos. O cafezinho custava R\$1,00. Perguntou quanto era o café. Eu prontamente disse:

- Três reais.

E ele disse:

- Não, você se enganou! É só um café!

Na maior cara de pau, eu disse:

- Então, o café aqui é de graça! Eu só cobro um real para lavar cada copo.

**Sempre existirá uma nova forma de se negociar.*

Valdenir 1

Deni, como era chamado, era toureiro de origem e açougueiro por extensão da profissão.

Certa vez, ele foi chamado a tourear um animal difícil, segundo o organizador do evento.

Deni era um toureiro respeitado na região e o Valdemar era um marchante e dono da tourada.

Certo dia, disse a Valdenir:

- Não é melhor você ver o touro primeiro?

Valdenir, já com uns dois conhaques na ideia, disse para Valdemar:

- O dia que um touro me vencer, eu nunca mais entro numa arena.

Arena aberta, Valdenir, posto no meio, todo paramentado, bateu a capa e soltaram o touro. Quando viu o touro, Valdenir gritou:

- Puta que pariu! O touro tem um chifre só!

Segundo o próprio Valdenir, isso é fatal, pois quando o touro balança a cabeça confunde o toureiro e, neste caso, não foi diferente. Arrancou um testículo do Valdenir, que cumpriu a promessa e nunca mais quis saber de touro vivo, dedicando-se a seus pares mortos, pendurados no seu açougue.

**Sempre conte com o inesperado, a confiança induz ao erro.*

Valdenir 2

Outro registro de Valdenir, que me vem à lembrança, foi a inauguração do bar Bossa Nova. Uma casa noturna, com inauguração abrilhantada por Aguinaldo Timóteo. Valdenir se socorreu de outro financista da cidade chamado Ciraldo que tinha um dinheirinho e se achava muito importante.

A cidade estava agitada com o evento e Deni ainda precisava de mais dinheiro para o evento e garantiu a Ciraldo que iria colocá-lo numa posição privilegiada.

No dia, casa cheia, pleno sábado e os funcionários totalmente perdidos...

“Não se inaugura casa dando show, pois os funcionários ainda não estão treinados!”

Ciraldo chegou em cima da hora e, com muito sacrifício, Deni conseguiu uma mesa atrás de uma pilastra. Ciraldo reclamou que não estava vendo nada, pois estava muito perto da porta da cozinha. Foi quando Ciraldo disse:

- Vim ver o Timóteo; não vim comer!

Deni, tendo que atender a todos, pediu um minutinho e já saiu de perto bem de fininho. A confusão estava grande. Aguinaldo atrasado. Deni foi até a cozinha e, no meio do caminho, encontrou o Ciraldo que lhe pediu um filé com fritas. Valdenir disse:

- Agora mesmo.

Timóteo chegou às quatro horas da manhã.

No dia seguinte, Ciraldo encontrou o Valdenir e este tentando ser simpático perguntou:

- Ciraldo, estava bom o filé?

Ciraldo respondeu:

- Filho da Puta! Não vi o show. Fui à cozinha brigar pelo filé e



você sabe o que o cozinheiro disse? Que não tinha filé! Deni, com a mão na cabeça, disse:

- Caramba, me esqueci de comprar!

E Ciraldo respondeu:

- Não tem problema, não! Eu também me esqueci de pagar a conta.

Casa nova não se inaugura nem em fim de semana e muito menos com show.

**Nunca se inaugura um comércio no fim de semana e, pior, com festa...*

Incultos

Em frente ao bar, na calçada, se formava uma roda em torno de uma mesa com os comerciantes que iam fechando seus estabelecimentos e iam passando lá para tomar uma cervejinha. O motivo era jogar porrinha; quem perdia, pagava uma loira gelada (cerveja).

Era uma segunda-feira. A última semana do mês nunca tinha movimento. Resolvemos mudar o jogo para palavra cruzada. Um mau vestido, que não chegava a ser um mendigo, mas sim, um andarilho, pedia para alguém pagar uma cachaça e cada um dava uma desculpa para não pagar:

- Vai trabalhar! Estou duro!

Metiam-lhe o pé e ninguém lhe dava atenção.

Já eram umas onze horas da noite, quando Maurício falou que só faltava a palavra do nome do cavalo de Cesar. Ele rodou umas três vezes e todos esquentando o côco para descobrir. Em meio à dúvida, ecoou a palavra INCITATOS. Maurício conferiu e disse:

- Acertou quem falou!

Olhamos uns para os outros e, não descobrindo quem tinha falado, levantamos a cabeça na direção de onde a palavra havia

ecoado. Encontramos o andarilho, que, com um olhar superior, levantou o dedo dizendo:

- Fui eu.

Todos, de posse de culpa por não pagar uma cachaça para o andarilho, ofereceram uma cerveja para ele, esperando o seu aceite. Mas, este olhou nos olhos de todos e disse:

- Não bebo com incultos!

E descendo a rua, perdeu-se na escuridão.

Todos nós ficamos envergonhados pela resposta do andarilho e fomos embora para nossas casas sem mais nenhum comentário.

**O hábito não faz o monge. A cultura não tem roupa, nem posição social. Os melhores perfumes encontram-se nos pequenos frascos, assim como também os piores venenos.*

O sucesso do Bar

O gerente da rádio local, que sempre tomava uma bebida no meu bar à noite, certo dia, disse:

- Agenor, você não quer fornecer comida para a equipe da rádio?

Eu perguntei:

- Quantas refeições teriam que ser servidas?

- Umas trinta por dia e fim de semana são menos, respondeu-me.

Fiz umas contas e ainda sem dar o preço, Cesar continuou:

- Poderíamos transmitir ao vivo os shows que você dá aqui durante o fim de semana. Eu garanto que vai aumentar a clientela!

Topei de cara e foi o maior sucesso!

A casa lotava tanto que tinha que fechar a entrada.

Todo sucesso é seguido de efeitos colaterais - as brigas se tornaram uma rotina.

Como dono, passei a precisar separar briga. É uma missão terrível, pois se você segura um amigo, o estranho aproveita e porra, mas se você segura o estranho, o amigo se serve. Enfim, é uma merda! Depois de umas trinta brigas, eu resolvi contratar um segurança. Procurei um sargento da PM chamado Haroldão. Conte o caso e pedi um segurança. Naquela época, não tinha milícia e o Haroldão tinha "uma guarda de patrimônio". No dia combinado, chegou o segurança de nome Roninho. Olhei para

ele e pensei: o Haroldão mandou um homem pequeno... Na primeira briga que tiver, ele vai embora. Por volta de quatro da manhã, notei que não tinha ocorrido uma briga sequer e voltando para Juquinha, meu funcionário, disse:

- Juca, não teve nenhuma briga para testar o segurança!

E Juca disse:

- Nono, o Roni é o matador da cidade. Como é que alguém vai brigar mais aqui?

Fiquei estarelecido, pois não sabia do passado do Roni.

Realmente ninguém mais fez gracinha lá.

**Nada como um bom cachorro para se por ordem no quintal.*

Assessor para Bêbados

Em um bar, ter uma posição estratégica é fundamental para o negócio.

O caixa deve ficar em local onde tudo que sai da cozinha deve ser fiscalizado e comandado, além de poder olhar os garçons, as mesas e a saída da casa. Mas nesta posição, o dono fica parado ali a noite toda e todo bar tem bêbados que incomodam muito, faz parte do negócio, querendo beber no copo dos outros, além de conversar naquela língua sem tradução, mas ninguém atura bêbado. E este vai de mesa em mesa até chegar ao balcão e, no início do balcão, me encontra, o dono, no caixa.

A pessoa que começou a noite bebendo no nosso bar é uma coisa, mas o meu bar não fechava e me levava a ser o depósito de todos os bêbados dos outros bares que já tinham fechado e, consequentemente, queriam conversar comigo.

Pensei e, conversando com o Juquinha, bolamos o seguinte: quando eu gritasse: Juquinha, freguês! ele, do outro lado do balcão, chamava o bêbado e, este, sempre imediatamente, respondia o chamado tão gentil e Juquinha convidava-o a ir beber em outro lugar. A estratégia sempre dava certo. Juquinha tinha uma paciência enorme, pois ele no início tomava uma purinha redonda. Mas como toda regra tem exceção, existia um personagem chamado Cambaxirra, um alcoólatra contumaz. Um dia, Juquinha deu quatro perdido no Cambaxirra. Da última vez, Juquinha disse:

- Eu vou levá-lo pela última vez e hoje eu não volto mais!

Dei um dinheiro a ele, que tomou a saideira e chamou Cambaxirra, indo os dois embora. Meia hora depois, Cambaxirra

volta todo sujo de esgoto, dizendo para mim:

- Agenor, Juquinha perdeu cabeça! Jogou-me dentro do Rio!
Eu, comigo mesmo, pensei: tem bêbado chato mesmo!

**Toda paciência tem limite!*

Banda de Música

Eu recebia dezenas de propostas de bandas para se apresentar.

No início, simplesmente contratava, mas com o tempo eu ia aprendendo o que aumentava as vendas. Era uma série de variáveis e fui adquirindo experiência. Bandas locais não dão certo porque tem muito parente que quer beber de graça. Bandas muito grandes ocupam muito espaço e surtem o mesmo efeito. Cheguei a uma configuração ideal e, mais, desenvolvi um repertório e exigia que o tocassem. Começava com uma música melosa e as três últimas músicas de cada intervalo eram um sacode só. Vinham todos para as mesas e balcão com uma sede danada.

Tudo caminhava bem no bar.

Genildo tinha desistido de se apossar do meu negócio. A cozinha azeitada com o chef Lindo Bife de Ouro. Foi quando apareceu um rapaz de macacão e disse:

- Tenho uma banda. Não gostaria de nos contratar?

Eu disse:

- Já tenho uma banda.

Aí ele disse:

- Eu toco três segundas-feiras de graça se você gostar e acertamos um cachê para qualquer dia.

Achei a proposta perfeita e concordei.

Ele me deu uns pôsteres da banda, que eram uma única foto dele com o nome da banda. Marcamos. Ele foi embora e voltaria segunda-feira às nove horas.

Coloquei o pôster em cima do caixa e mandei o Juquinha colar um em lugar visível. Chegou minha filha que tinha treze anos, com umas amigas e, olhando para o pôster, perguntou:

- Pai, quem é o “galã”?

Achando engraçado, respondi:

- É o Wiliam Guimarães. Ele vai tocar aqui.

Aí as colegas falaram entre si e minha filha disse:

- Pai, quer que eu cole isso por aí?

Eu perguntei:

- Sozinha?

E as colegas:

- Nós vamos com ela.

Na segunda-feira, Wiliam chegou na hora e pontualmente começou o show.

Olhei para dentro do balcão e vi minha filha. Chamei-a e perguntei:

- Renata, o que você está fazendo aqui?

Ela, olhando para mim, com batom, respondeu-me:

- Vim ver o galã!

As outras garotas estavam do lado de fora do balcão. Mandeí arrumar uma mesa para as meninas e falei:

- Juquinha, fica de olho.

Prestei a atenção nos primeiros acordes e vi que o Wiliam era muito bom.

No intervalo, procurei, com o olhar, as meninas e não as encontrando, perguntei:

- Juca, cadê as meninas?

Ele me sacaneando, respondeu:

- Tem pai que é cego. Olha na cozinha!

Juquinha não perdia nada que eu mandava. Olhei pela janela de onde saía comida e vi Renatinha dando comida na boca do galã e gritei:

- Renatinha!!!

Os dois olharam e Renatinha disse:

- Pai, o galã tem que se alimentar...

Fiquei rindo e notei que minha filhinha estava se tornando uma mocinha.

**O tempo passa tão rápido que quando abrimos os olhos, nossos filhos já estão adultos.*

Bodo

Tinha um amigo chamado Bodo. Ele entrava no bar e se servia. Tinha toda a liberdade, pois era realmente meu amigo.

Certa noite, bem no adiantado da hora, Bodo que já estava lá desde cedo acompanhado de uma coroa que tinha aparecido boiando na cidade, conforme dizia ele, levantou-se, foi até o caixa e disse:

- Agenor, me empresta uma grana que eu vou para o motel.

Perguntei-lhe:

- Quanto?

E dei o dinheiro a ele.

Quando ele virou, notei que já estava meio bêbado e eu disse:

- Está ventando! Cuidado!

Ele acenou, pegou a coroa e foi embora.

Meia hora depois, a notícia chegou... Em cidade pequena, tudo se sabe rápido. Bodo havia batido o carro e estava no hospital.

De manhã, a mulher de Bodo chegou à minha casa, falando:

- Agenor, o Bodo só quer falar com você, no hospital.

Indo até lá, o médico falou:

- Ele só quer falar contigo!

E eu perguntei ao médico:

- Ele está bem?

- Está cheio de escoriações. Quebrou o braço, deslocando o ombro, mas vai ficar bem.

Entrei no quarto. Ele estava no soro. E cheio de dor, falou:

- Gomes, quase morri!

Eu disse:

- Calma, você vai ficar bom...

E ele continuou:

- Mas, Agenor, eu só confio em você!

E murmurando disse:

- Dá uma olhada aí em baixo da camisola e vê se o meu pau tá aí.

Eu rindo disse:

- Que conversa é essa?

E ele:

- É que a coroa estava pagando um boquete quando bati de frente com o ônibus da Itapemirim e não estou sentindo nada aí embaixo. Já pensou se ela engoliu o meu pau? Não posso deixar ninguém saber disso; só você.

Eu rindo e compreendendo a situação, olhei com uma vontade enorme de dizer que ele literalmente tinha perdido as duas cabeças, mas resistindo, disse a ele:

- Está tudo aí.

Ele, aliviado, respirou fundo, dizendo:

- Graças a Deus!

E pediu para a mulher dele entrar.

**Às vezes, perdemos as duas cabeças e, ao fazê-lo, perdemos também o mais valioso, a família.*

Roubo

Depois de algum tempo, notei que cada vez mais, estava faltando bebida no bar.

Chamei Juquinha. Eu confiava nele e contei tudo.

E ele disse:

- Vamos ter que por um olho de Moscou. Deixa comigo que vou ficar de olho aberto.

Checamos os garçons, o cozinheiro, o faxineiro e passamos a fiscalizar a entrega. Não havia nada.

Aí Juquinha disse:

- Nono, só pode ser de madrugada, depois que “*nós fecha*” durante a semana.

Este caso já era em outro bar. Em verdade, era uma nova casa noturna. Combinamos o seguinte: eu ia fazer uma compra grande e as compras iam ficar à amostra para que todos vissem. Depois, o Juquinha ia se passar de bêbado e dormir em frente ao Terrasse - esse era o nome da casa.

E ele fez isso durante uma semana.

Até que um dia, quando eu cheguei, ele foi falando:

- Já sei quem é o rato e ele é teu amigo. Você vai ficar aborrecido.

Eu perguntei:

- Quem é?

- É o Tomide!

E continuou:

- Vamos fazer o seguinte: vamos botar uma tábua cheia de prego aqui onde ele vai pular. Aí ele vai furar o pé e nós vamos rir muito, pois ele vai ficar sem andar um bom tempo. Depois, se você quiser, pode até mandar prendê-lo e os outros cinco também, mas é ele que pula.

Fizemos como o combinado.

No dia seguinte, estava lá um rastro de sangue pela parede da rua indo até a casa dele.

Ele ficou hibernando uns três meses até que me procurou para pedir desculpa e pagar o roubo. Mas perdi aquele que achava ser meu amigo.

**O inimigo às vezes convive dentro da sua casa. Por cobiça, incompetência, preguiça ou simplesmente safadeza.*

Fiado

Outra decisão que eu tomei era relacionada ao fiado.

Detesto bar que põe aquela placa horrorosa: “O fiado morreu ontem” ou outras menos sugestivas ainda.

No meu bar, a primeira preocupação que tinha é a fidelização do cliente através do fiado.

Logo, coloquei uma placa que estreita o relacionamento: “Aqui todos tem crédito”. E até hoje, quando alguém pede um fiado, imediatamente eu puxo uma promissória pré-preenchida de dez reais faltando só colocar o nome do devedor e o CPF. As pessoas riem e eu digo: sou meio organizado. E sempre deu certo, pois os devedores que não honram dez reais nunca mais voltam e eu me livro deles em definitivo.

**O fiado fideliza, assim como também pode encerrar um negócio. Tem que existir um meio termo.*

Amigos de Pomba Rolo

Eu gostava de passar sempre na rodoviária de Rio Bonito. Era um local onde se via realmente o povo. Tinha uma barraquinha de churrasquinho que era de qualidade discutível, porém o dono era uma simpatia e tinha uma clientela enorme de pinguço e sempre um pagode rolando lá.

Eu sempre ia tomar cerveja em um bar à frente e acabei ficando amigo de todos. Até que um dia, eles me chamaram para fazer um bloco, alegando que tinha um subsídio que a Prefeitura todo ano dava apenas para três blocos. Eles queriam desfilar e, na verdade, dividir o dinheiro que nunca chegava a eles. Resolvi ajudar. Perguntei com a minha mania de legalidade de tudo:

- Vocês têm um estatuto?

Pela primeira vez, ouvi a voz do Juca, que anteriormente era um cliente fidelizado de Valcyr, dono da barraca e logo tomando intimidade foi falando:

- Nono... Esse negócio de papel não precisa, não... E nós não temos, não, mas você pode fazer que nós assinamos em baixo! Olhei para ele e retomei a conversa:

- Bom, então amanhã eu trago um rascunho, mas será preciso uns dez nomes.

Já ia indo embora quando o Juquinha falou:

- Ei nono, vamos brindar com uma purinha?

Olhei para trás e vi todos já de copo em punho. Sem jeito de rejeitar e diante de tanta simpatia, peguei o meu copo e, numa

golada só, bebi aquilo que eles chamavam de purinha e quase tive que cuspir a língua de tão forte e entrando no clima, eu disse:

- “Eta!” Nossa... Essa é da boa!

E fui embora me socorrer no bar à frente com uma Skol gelada para refrigerar a goela.

Passaram uns trinta minutos e me aparece o Juquinha, pedindo licença para me dar a qualificação de onze pessoas. Eu disse:

- Puxa! Que velocidade!

E ele respondeu:

- Nós “semu poble”, mas não “semu” burro.

Antes que eu me esqueça, a inscrição para subvenção seria depois de trinta dias a contar daquele dia.

Como já estava querendo ser Vereador, achei uma boa ideia começar por ali, com aquele grupo.

Passados dois dias, voltei lá, já com o estatuto, a ata de eleição e tudo o mais pronto, assinado, registrado, Diretoria empossada e, por imposição deles, eu Presidente de Honra e samba do bloco escolhido.

Marcaram uma reunião na casa do Valcyr. Chegando lá, o Juquinha, porta-voz, foi falando:

- Nono, amanhã é o dia da inscrição e nós vamos fazer um acordo. Você nos ajudou, mas o que nós queríamos é botar no bolso este dinheiro que vai entrar, pois é o que os outros fazem sempre. No dia, a gente pega uma bateria emprestada, desfila e dá uma desculpa qualquer; só não pode deixar de dar a pelanca.

Eu, sem saber o que era pelanca, perguntei:

- O que é pelanca?

E o Juquinha logo me explicou:

- Dinheiro, “pataco”, “bufunfa” do Prefeito.

Eu disse:

- Espera um pouco! Eu não vou participar desta sacanagem! Valcyr, que falava pouco, tomou a palavra - eu disse que ele não ia aceitar.

- Mas, Agenor, “vamu” lá amanhã e você vai ver que tudo é sacanagem. Mas se o “dotô” tiver outra ideia, a gente topa e, se comprar a bateria, o nosso bloco vai desfilar para ganhar.

No dia, fomos à Câmara Municipal com toda a documentação em minha posse. Como já existia um clima de mutreta, eu, com um pé atrás, achei melhor convidar o Promotor, meu amigo, para ver a lisura da Comissão Organizadora do Carnaval de Rio Bonito.

Chegando lá, a mesa já estava formada e quando nos viram chegar com o Promotor, o clima ficou tenso. Prosseguimos sem saber exatamente o que estávamos fazendo ali, pois, até aquele momento, só nós do Bloco Amigos de Pomba Rolo sabíamos. Baboseiras à parte, eles decidiram dar cinco mil reais para cada bloco. Até aquele momento, eram três.

Quando apresentamos o nosso, foi a maior discussão até que o Promotor pediu a palavra e disse a Aires que era o Prefeito:

- Prefeito, até aqui, o processo tem a maior lisura. Por que vocês não querem aceitar o novo bloco?

E Aires, aporrinhado, respondeu:

- Doutor, este bloco não existe!

Aí, o porta-voz do bloco, Juquinha, falou:

- É mentira! Por que você fica plantado aqui e não vai na rodoviária ver o nosso ensaio?

O Promotor tomou a palavra e disse:

- Aires, a verba já foi aprovada, então só faltam as inscrições.

Cadê os documentos dos blocos?

Passei imediatamente a pasta, com todos os documentos do bloco legalizadíssimos, à mão de Valcyr que passou para o "Dotô". E o Promotor, examinando, disse:

- Aires, cadê o documento dos outros blocos?

E Aires foi obrigado a dizer que não existiam.

- Então, Aires, o processo está viciado! Eu tenho uma proposta: esta verba só pode ir para um bloco legalizado.

Foi que Valcyr disse:

- "Dotô, nós só qué brincá". "Nós divide tudo, tá certo"?

E certo ficou. Saímos dali com R\$ 3.750,00 e a rapaziada toda contente disse:

- É, Agenor, e agora?

Respondi:

- Vamos comprar a bateria e fazer a fantasia de papel crepom.

O troco vocês dividem entre vocês.

Todo mundo adorou.

No outro dia, encontrei-me com Aires, que não me conhecia e me disse:

- Vá até a Prefeitura que você é útil lá e eu tenho um lugar para você.

Nunca fui...

No dia do desfile, o bloco pronto na concentração. Tinha purinha, conhaque. Enfim, a rapaziada toda já calibrada partiu para o desfile quando fomos surpreendidos por uma tempestade. Papel crepom e água não são compatíveis!

Tingimos em várias cores os negros, brancos e mestiços presentes em nosso bloco, que ficou surrealista.

Destacou-se Juquinha com seu surdo de terceira. Segundo ele, entrou rachando na avenida, mas de acordo com seu estado alcoólico bem adiantado, não notou que a chuva praticamente o deixou desnudo e, como era portador de membro sexual avantajado, uma cueca vencida pelo tempo o expunha. À medida que batia no surdo, o seu membro, como em resposta, ia de um lado para outro, fazendo o maior sucesso entre a plateia mais atenta.

**O povo gosta de Pão, Vinho e Circo. O resto é só interesse...*

POLÍTICA

Iniciação Política

Conheci de fato Aires Abdala numa tarde, num churrasco de um amigo comum.

Aires era uma pessoa descendente de Libaneses e, como a maioria deles, totalmente sem cultura, mas de uma popularidade inacreditável entre os mais pobres. Foi Vereador e chegou a Prefeito sem projeto definido, apenas alimentando o pobre de esperança e carinho interminável. Era aquele tipo de político que, sem ideologia e sede de poder, tornava-se despachante de tudo.

Certa vez, peguei uma carona com ele para Niterói e, no meio do caminho, em Manilha, o porta mala abriu, espalhando pelo ar processos, protocolos e currículos de um número incrível. Parou o carro e desesperado fechou o porta mala e começou a catar os papéis. Eu rindo, disse:

- Aires, é impossível!

Cada carreta que passava, levava os papeis para mais longe. Ele corria entre os carros quase que a se matar. Recolhendo o possível, suado, disse-me:

- Agenor, cada papel deste aqui é a esperança de um eleitor e eu não posso perder! Se não resolver, pelo menos tenho que mostrar a eles que ainda busco uma solução. (E isto acontecia mesmo. Ele ia à casa de cada pessoa e dava satisfação de como estava tal pedido. Era uma coisa de maluco assumir tantas tarefas).

Quando pensei que íamos embora, ele disse:

- Agenor, é melhor você pegar um ônibus porque eu só vou sair daqui quando tiver certeza que não perdi nenhum protocolo ou

processo, mostrando-me a uns 500 metros um papel lá no meio do mato.

Vendo que ele estava realmente empenhado em recuperar a papelada despachada pelo vento, fui de ônibus. Levei umas três horas. Quando voltava, passei de ônibus e vi Aires no mesmo local, ainda no meio do mato a uns dois quilômetros, procurando os papéis. Aires tinha defeitos enormes a meu ver, mas nunca traiu a confiança daqueles que acreditavam nele.

**Sem ideologia, políticos analfabetos se tornam corruptos ou despachantes de tudo. Se existisse ordem e lei, não precisaria nem de um, nem de outro.*

Colégio Municipal

Aires era polêmico e gostava de comprar as brigas difíceis, talvez por ser uma pessoa até certo ponto inocente e anárquica. Não gostava de cumprir muito as leis. Neste sentido, resolveu fazer um colégio municipal que atendia mais a alunos de outro município e, pior, deu o segundo grau à incumbência do governo estadual. E o fez! Uma obra enorme na entrada da cidade que servia de uma propaganda enorme para seu governo, mas gastava a verba educacional de forma errada e tinha também a mania de discursar que pobre tem que ir para a universidade.

Todo inculto de cidade pequena não entende que antes de ter uma universidade, tem-se que ter uma massa crítica e uma legião de pessoas bem formadas. Ainda assim, as universidades precisam ser orientadas para as necessidades do perfil vocacional da cidade. Não investir no estudo fundamental de qualidade anula a possibilidade de um ser evoluir de indivíduo mal educado para cidadão e este, sim, é que vai optar em manter ou mudar o perfil vocacional da cidade.

**Político sem cultura e, naquela época, sem uma lei fiscal rígida, as verbas eram burladas em detrimento de interesses pessoais. O resultado não poderia ser outro: a má educação do primeiro grau.*

Hospital Municipal

Outra briga que Aires comprou foi com a Máfia de Branco. Rio Bonito tem um hospital particular disfarçado de sociedade filantrópica bem estruturada e, como o Prefeito não tinha o apoio da classe, resolveu comprar outro hospital e torná-lo municipal e assim foi a tentativa. Acontece que é impossível operar tal instituição sem os benditos médicos que simplesmente o sabotavam o tempo todo, mas Aires ia levando como podia, trazia médico do Rio, eles trabalhavam um tempo e iam embora. A cajadada final vinha dos anestesistas. Eles formam uma sociedade à parte da classe médica e unidos simplesmente não aceitavam trabalhar no hospital municipal. Mas como nenhum paciente aceita ser operado sem anestesia, o hospital até hoje existe, porém cambaleante; não funciona como deveria.

**Existem várias forças ocultas dentro de todos os municípios. Rio Bonito se destaca pela sua voracidade financeira. A máfia de Branco era capitaneada pelos anestesistas que, como carrapatos, infestavam aquela cidade sem escrúpulo algum.*

Cooperativa

Aires, uma vez, me pediu para dar uma vaga a uma moça para ser candidata a Vereadora pelo PMN, partido que eu era Presidente. Concordei uma vez que iríamos coligar.

Certo dia, ela entra chorando, dizendo que ia perder a eleição. E eu lhe perguntei:

- Por quê?

Ela disse que existia um senhor que também era candidato a Vereador do PMN que estava comprando todos os seus eleitores.

Acalmei-a e disse o que é que o povo de Catimbau precisava e ela respondeu:

- Ele está pagando uma Kombi para levar os produtos agrícolas que eles produzem para a feira.

Aí eu disse:

- Solange, vocês precisam fazer uma Cooperativa.

Logo, ela que era Veterinária, respondeu:

- É uma boa ideia. Você me ajuda?

Eu, que não gostava da prepotência de seu concorrente, tomei logo para mim a tarefa.

Apareceu um personagem, Miranda, que era um sitiante vizinho de Solange e ela me apresentou. Muito hábil, quando teve uma

oportunidade, se colocou à disposição para ser o Presidente da Coperbau – Cooperativa Agrícola de Catimbau.

No dia da fundação, Miranda disse-me:

- Agenor, esse povo daqui é analfabeto e é todo mundo pobre; então se algum não tiver o dinheiro para pagar a cota-parte, eu pago e depois eles me pagam.

Após a leitura da ata com todos os presentes, chegou a hora do “dim-dim”.

Miranda fez um discurso de solidariedade antecipado aos prováveis cooperados. Disse que ajudaria a pagar e que também gostaria de ser o Presidente da Cooperativa, quando foi interpelado pelo “seu” Maneco.

- “Dotô”, nós já decidimos que a Presidente vai ser a “Ditora” Solange. E eles foram tirando do chapéu, das botas, dos bornais o dinheiro das cotas-partes. Todos os 21 pagaram, elegendo Solange a Presidente, que, logo a seguir, se elegeu Vereadora com os votos de todos de Catimbau.

No outro dia, Miranda, de ressaca, me procurou e disse:

- Agenor, às vezes dá orgulho de ser Brasileiro. Você deu a alavanca e eles a souberam usar. Parabéns!

**Quando o objetivo é comum, o resultado é único.*

Cooperativa Habitacional

Resolvi ser candidato a Vereador e fundei uma Cooperativa Habitacional.

A sede era lá em casa e confiei a organização a uma amiga, Lúcia Guerreiro.

Todos os dias, uma fila se formava buscando inscrição da casa própria.

Eu, em paralelo, continuava a regularização na Caixa Econômica Federal, mas o processo não andava.

Chegada a eleição, eu não tinha conseguido a documentação necessária para construir as casas. Descobri que Aires tinha ido a Brasília e, usando o cargo de Prefeito, pressionou para que a documentação fosse postergada até o dia seguinte da eleição. Ele não tinha interesse que eu fosse candidato e confidenciou a um amigo: se deixar, o Agenor vai ser Prefeito da cidade. Ele é muito inteligente.

A sua intervenção protegeu Solange e me afastou temporariamente daquela batalha política.

**Político pobre, quando chega ao poder, esquece o passado e se julga, acima do bem e do mal, usando todo o seu “poder temporário” para se manter, nem que isto prejudique aqueles que outrora lhe ajudaram.*

Comício das Diretas Já

Aires seguia o vento da liberdade e o PMDB era o barco que prometia a todos os brasileiros. Convidou-me a irmos juntos ao comício das Diretas Já, na Candelária, com mais de um milhão de pessoas. Tinha tanta gente que não dava nem para se mexer. Posicionados, assistíamos a falácia até que apareceu a discursar Teotônio Vilela, canalha de carteira a vida toda, arrependendo-se depois de saber de sua doença, o que o fez mudar de lado. Este fato o fez ser um personagem do movimento, pois representava a debandada dos revolucionários. Fafá cantou e na hora de soltar a pomba da paz aprisionada, eu cantei a pedra: ela não vai voar! Foi dito e feito! Ela se enfiou embaixo do palanque e todos riram talvez de vergonha pelo Teotônio ocupar um espaço num palanque e num evento de verdadeiros brasileiros honestos.

Cansados, voltamos a Rio Bonito, pensando o que seria o Brasil depois daquele evento.

**Todo canalha, no final da vida, se arrepende de seus atos e vira a casaca.*

Alcebíades Moraes

Bidinho foi duas vezes Vereador, Presidente da Câmara, Prefeito duas vezes com uma prorrogação de mandato. Era uma pessoa de origem da classe média, casado com Cecília, filha de Álvaro Toledo, fazendeiro e rico de berço. Bidinho nunca trabalhou. Sempre ele foi jornalista e dono do Jornal Folha Fluminense.

A oposição dizia que a cura do câncer viria de uma gota de suor sua, nunca vista. Esta colocação não lhe fazia justiça, apenas Bidinho estava à frente do tempo em relação aos demais. Era um estrategista que vivia quase recluso e transpirava política. Sempre reservado, gostava de conspiração e vivia

“noturnamente”.

Conheci Hélio a partir de uma apresentação no restaurante do hotel Rio Bonito.

Hélio, conhecendo o meu potencial, queria me envolver na política, pois me via sempre conversando com Aguiar Borges, o Kaki (apelido este por furtar a fruta kaki quando criança das plantações dos outros). Era um possível candidato adversário. Ao se aproximar, Hélio disse a Bidinho:

- Este aqui é o Agenor, meu sócio. E ele está querendo apoiar o Kaki.

Bidinho parou e disse:

- Agenor, você tem que me apoiar, pois somos um grupo unido! Ele era prepotente!

Aí eu, que não estava nem um pouco interessado em apoiar ninguém, disse:

- Bidinho, eu nem voto aqui...

Achei que esta colocação seria capaz de acabar com o mal estar que ali estava se iniciando, mas Bidinho piorou muito, quando olhou para Hélio e falou:

- Hélio, se ele nem vota aqui, não vai nos atrapalhar!

E foi embora sem se despedir da minha pessoa. Fiquei muito aborrecido saindo também a francesa e pensei: que sujeito metido! Procurei Kaki oferecendo meus préstimos, que aceitou imediatamente.

Bidinho Ganha Novamente

Bidinho ganha eleição! Empossado, a vida seguia naturalmente até que os amigos de campanha falaram para mim:

- Agenor, você não sabe quem está recebendo da Prefeitura!

Eu perguntei:

- Quem:

E em resposta, ouvi:

- Kaki!

Eu disse:

- Não acredito! Que filho da mãe!

Jurei aos meus pares que iria colocar todos na Prefeitura.

Quando se perde uma eleição em cidade pequena, todas as portas se fecham inclusive eu tinha fechado a fábrica e não tinha mais rendimentos, pois contávamos com o ovo na parte interna da galinha e todos se virando com muitas dificuldades, sem créditos da padaria ao açougue.

Bolei um plano e apresentei a todos lá em casa. Era um plano extremo, mas seguido à risca, ele funcionou. Precisava identificar um ponto fraco na administração de Bidinho e bater ali até a exaustão. Certamente, eu já sabia que o Bidinho não gostava de ser questionado de forma crítica, então, não poderia ser ele o alvo diretamente; teria que ser alguém chave de sua administração. Como uma luva, tomando um café no bar de Ernestinho, encontrei um funcionário da Prefeitura que foi colocado pelo Prefeito falando que Pietro Antonio Violanti era o Secretário de Obras e que era Português. O plano a partir desta primeira informação tomou força, pois todos queriam a cabeça do português trabalhador e honesto. Obviamente, ele só atendia o Prefeito e não aceitava suborno de forma alguma. Num país onde os corruptos infestam a administração pública, ele reunia todas as condições para chamar a atenção do Prefeito. Passei a ir diariamente ao Bar do Ernesto e ficava lá o dia inteiro falando mal do Secretário. Logo, outros se uniram a mim e passaram maquiavelmente a falar mal de Pietro. E, como todo mundo sabe que quem conta um conto aumenta um ponto, o Pedro que eu chamava de desqualificado para o cargo desagradava o Prefeito, pois indiretamente ele que o nomeara, mas quando o povo começou a falar que o Secretário roubava, foi a gota d'água. Eu firme na trincheira instalado no bar do Ernesto. Havia passado uns trinta dias, quando cheguei às oito horas, pontualmente, ao bar. O Prefeito Bidinho parou o carro e me chamou:

- Agenor, entra aqui no carro que eu preciso conversar com você.

Pensei imediatamente que a estratégia tinha dado certo.

E Bidinho não perdeu tempo:

- Agenor, o que você tem contra mim?

Ele era uma pessoa de papo reto.

Eu respondi:

- Bidinho, eu não tenho nada contra você e contra o Pedro também não.

- Por que então você fica o dia todo falando mal do Pietro?

Contei a Bidinho, com a maior clareza, o plano que tinha posto em prática e que o ato era uma represália a Kaki e queríamos entrar para a Prefeitura. Bidinho deu uma gargalhada e disse:

- Agenor, o seu plano é muito bom, mas o Pietro comprou um revólver e diz que vai te matar.

Levantei a calça e mostrei a ele a minha pistola 22 no tornozelo, dizendo:

- Estou preparado!

Bidinho arregalou o olho e disse:

- Porra Agenor, para com isso! (Ele já tinha ouvido falar que eu não largava o osso). E emendou:

- Me dá uma semana que eu vou colocar você e os seus “treme terra” na Prefeitura.

“Treme Terra” foi o apelido dado a dezoito homens que faziam parte da equipe da rua.

Naquela época, a campanha colava papel em muro e o tapa estancava a todo instante. Eu havia treinado minha turma com princípios de Fuzileiros Navais, expulsando todos os coladores de Bidinho da rua. Isto certamente não agradava a muitos que já estavam dentro da Prefeitura.

Decorrida a semana, Bidinho, que já tinha acalmado Pedro que fazia em verdade o que o Bidinho pedia, chegou com uma proposta. Antes, porém, justificou a única opção que poderia sanear a promessa:

- Agenor, vocês deram muita porrada nos cabos eleitorais dos Vereadores e estes se tornaram Secretários e ninguém quer vocês nas Secretárias deles. Mas eu criei a funerária municipal, contudo, nunca consegui sequer fazer funcionar. Se você aceitar, eu coloco você como responsável e todos da sua turma se você prometer esquecer Pedro.

Eu já aceitando como resposta, disse:

- Bidinho, o Pietro é o melhor secretário que você tem.

Rindo, apertamos as mãos e assinamos as carteiras de todos conforme o combinado. A rapaziada ficou muito contente e o plano, vencedor.

**Ninguém escapa de um plano, nem que este seja conspirador. Lembrem-se o cachorro sempre tem um dono e sempre o dono virá a seu socorro.*

Funerária Municipal

Bidinho era um homem de palavra. Deu-me uma Kombi zero para ser da Funerária e como esta funcionava 24 horas, ela acabava fazendo de tudo. Logo os elogios começavam a chegar ao ouvido do Prefeito.

As funerárias ficaram furiosas com ele, pois perderam quase a metade de seus clientes.

Bidinho uma vez me confidenciou:

- Eles nunca me ajudaram; então se danem eles! Se você puder, enterre o menos possível de eleitores meus e o máximo dos eleitores deles.

E assim foi feito naquela gestão.

Depois de tantos elogios, Bidinho foi pessoalmente visitar as instalações e ver os equipamentos. Mostrei tudo. De repente, ele parou em frente a única e melhor urna funerária, olhou para todas as outras e disse:

- Agenor, esta é a mais cara.

E eu disse de pronto:

- Para o senhor temos que lhe oferecer o melhor serviço...

rsrsrsrs

Rindo, ele também me mandou ir para a merda. Nascia ali uma amizade. Ele gostava de humor e inteligência e eu tinha a sede de aprender política e não tinha outra pessoa melhor para me ensinar.

Depois deste dia, Bidinho passou a ir lá. Sempre me apanhava e ficávamos andando de carro por horas até a madrugada. Ele gostava de correr as obras e só o fazia à noite quando os eleitores estavam dormindo e não ficavam pedindo e pedindo; pobre pede tudo mesmo!

Quando me perguntava a minha opinião sobre tudo, eu, como não tinha nada a perder, era franco e ele discutia comigo. Aos poucos, fui ganhando a sua confiança pessoal e nos tornamos realmente amigos.

Bidinho contava tudo para sua esposa Cecília que de merendeira chegou a ser Secretária de Educação. Foi um horror na administração. Ela era muito honesta e arrumava confusão com todos. Não tinha habilidade política. Filha de fazendeiro, não engolia sapo. E em política tem-se que engolir uma saparia... Não foi uma única vez que apaziguei o casal de brigas tolas, sempre com uma ponta de ciúme.

A funerária me deu uma visão da dor e o que aflora dela.

Certa vez, Bidinho, que não gostava de acordar antes do meio-dia, chegou à minha casa às oito horas com uma missão e me disse:

- Agenor, vá a São Paulo buscar oito corpos da família deste meu amigo que morreu em um acidente de ônibus. Contrate as funerárias para te ajudar, mas tem que trazer todos até amanhã. Procurei as funerárias que, em represália, não aceitaram ir. Então tomei a decisão de ir sozinho. Parti sozinho para São Paulo. Cheguei no necrotério, liberei os corpos, amontoei um em cima do outro, enrolados em lençóis e me pus de volta na

estrada. Não parando para nada, cheguei de madrugada e a minha equipe estava aguardando. Lavaram os corpos, que vestidos em suas urnas foram colocados no Fluminense, clube local. Cansado, voltei para casa e fui dormir às oito horas.

Chega Bidinho, chamando:

- AA Agenor, você ficou maluco! Não foi buscar os corpos?

Eu disse:

- Bidinho, eu já fui e já voltei e os corpos estão no Fluminense.

Ele não acreditou, pois a Kombi estava no mesmo lugar. No Fluminense, olhando tudo organizado, o amigo dele começou logo a chorar e, nos afastando das famílias que estavam atrás da gente, ele disse:

- Agenor, você é bom mesmo! Conte-me com riquezas de detalhes como foi que você resolveu este abacaxi, pois eu soube que nenhuma funerária quis ir.

Contei tudo para ele completando: missão dada, missão cumprida!

Bidinho me abraçou e agradeceu.

Cada missão que ele me dava, eu a cumpria inicialmente para conquistar espaço político, mas depois por amizade mesmo, pois ele era uma pessoa maravilhosa e tomava a liderança com palavras simples que eram de sinceridade real.

**Ninguém é obrigado a dar a palavra, mas uma vez dada, ela tem que ser honrada.*

O Filho Desonrado

A dor da morte, às vezes, não é compartilhada por todos de uma família, aflorando mágoas aparentemente passadas para uns e despertando o mau caráter de outros.

Em um enterro de uma senhora que tinha cinco filhas e um filho, o funeral estava até certo ponto normal e, dado o adiantado da hora, avisei que não dava mais para esperar uma irmã que ia chegar de longe. Relutantes, o irmão tomou a iniciativa e beijou a mãe morta intensamente, de uma forma que me chamou a atenção. Em seguida, foi pegando a tampa do caixão e selando com as borboletas, disse:

- Vamos embora.

As irmãs reclamaram, mas o acataram, pois afinal o que se poderia fazer uma vez que o cemitério fechava a dezessetes horas e faltavam 45 minutos?

O cemitério era no alto de onde dava para se ver o portão de entrada e quase que já baixando o caixão na sepultura, alguém gritou:

- Dinha chegou!

Dinha era a irmã. Paramos e aguardamos a irmã, que insistiu em ver a mãe pela última vez. Abrimos o caixão. A senhora estava meio desarrumada com os solavancos da viagem que, embora curta, sempre desorganizava o morto. Beijou a mãe e, de repente, gritou:

- Cadê a perereca de mamãe?

Todas as outras filhas correram, pois o rote estava ali e uma voz falou:

- O último a beijar a mãe foi Toni - o filho.

Entreolharam-se e o viram descendo apressado o cemitério, quando alguém gritou:

- Pega o safado!

Olha, foi uma carnificina. Todos os cunhados que já tinham uma rusga com eles conseguiram alcançá-lo no bar do Renato. O pau comeu quando encontraram nele a perereca da mamãe. Fizeram-no lavar a perereca e colocar na boca da velha.

Surrado o filho ingrato, recolocado o objeto na boca, ânimos acalmados, baixado o caixão, olhei para o “mofuso” (o coveiro) que piscou o olho para mim e eu, sem saber o que era, pisquei também.

À noite, enquanto trabalhava em uma pizzaria que eu tinha comprado, entra o coveiro e me dá duzentos e cinquenta reais, dizendo:

- Esta é a sua parte.

Eu, sem entender nada, perguntei:

- Parte de quê?

E ele respondeu:

- Da perereca. Ela tinha mais dentes de ouro.

Fiquei apavorado, não querendo acreditar o que logo se confirmou. Acontece que os coveiros, à noite, tiram tudo de valor dos cadáveres; até platina de braços e pernas quebradas. Dei uma bronca no coveiro, não aceitando o dinheiro.

Reclamando com Bidinho, ele disse:

- Agenor, isso não é nada! Eles inclusive vendem cabeça de defunto bandido para ser plantado em porta da macumba. Decididamente, achei que a minha missão como agente funerário tinha encerrado exatamente naquele instante.

**O ser humano tem habilidades inacreditáveis e detestáveis.*

Depois, com o tempo, entendi que o serviço funerário é simplesmente um negócio, mas não dá para eu ir além da ética.

Enterro de Roberto Abdala

Fiz diversos enterros. Alguns não tinham sequer um acompanhante. São os chamados indigentes e, ao contrário deste, também testemunhei enterros imperdíveis e dignos de registro.

Foi o caso do enterro de Roberto Abdala, importante comerciante, bem sucedido e agiota.

Todo agiota é detestável, mas não deveria ser. Neste caso, ele era muito querido e foi o maior enterro que assisti. Todos choravam copiosamente e o curioso é que todos os seus funcionários sentiam a sua morte. Era gente desmaiando, contando todas as boas ações que Roberto tinha feito.

**Existem profissões que são asquerosas; a agiotagem é uma delas, mas entre o banco que exige garantias e o agiota inconsequente tem uma janela de sem créditos e sem a cobiça extrema; estes são chamados de financistas.*

Roberto era um deste. Antes de emprestar com um juro, digamos ainda que com as ressalvas normais, tinha um papel incrível de orientar as pessoas para não cometerem os erros da vaidade. Roberto tinha a menor taxa de inadimplência e seus clientes logo se tornavam seus amigos.

No Brasil, a legislação federal proíbe a prática legal de duas ações que poderiam melhorar estas relações: a penhora e o empréstimo privado local, sem as regras dos grandes bancos. Determinado a não mais ser Agente Funerário, e já com certo prestígio com o Bidinho, pedi a ele para ir trabalhar em outro lugar na Prefeitura, pois já não suportava mais a funerária. Ele concordou, pois já fazia um ano e todos os secretários passaram a me respeitar e não tinha outro jeito, pois eu andava com o Prefeito praticamente todos os dias.

Embora existissem alguns ainda relutantes, Bidinho, já de saco cheio dos pobres secretários, disse em uma reunião:

- O Agenor, a partir de hoje, é o meu assessor direto e pronto! Quem não gostar, pode pedir para sair que eu aceito.

Passei a ser confidente de Bidinho e mais que um assessor, um

verdadeiro “conseiller” (conselheiro) para assuntos extraordinários e estes assuntos não acabavam nunca.

**Quando se ganha um limão, não temos que pensar no amargo, mas sim na saborosa limonada oportuna. Uma oportunidade perdida não volta jamais.*

Barbeiro

Como Assessor, tinha acesso a certas informações e uma me chamou a atenção.

Todos os barbeiros da cidade estavam empregados na Prefeitura. Não trabalhavam, mas recebiam os seus salários rigorosamente em dia e tinha uns que simplesmente falavam mal do Prefeito, e isto para mim era muito ruim.

Falei para Bidinho:

- Tem uns barbeiros que devem ser mandados embora!

Bidinho relutava e sempre falava:

- Deixa isto para o mês que vem.

E todo mês postergava para o outro.

Um dia, apertei tanto para uma solução que o Bidinho abriu o jogo:

- Agenor, todos os barbeiros me dão informações dos eleitores descontentes.

Eu inocente, mais uma vez, e indignado, disse:

- Como Bidinho?

E este respondeu:

- Acontece que quando um homem vai ao barbeiro, ele pergunta como vai meu governo. Grava tudo o que falam de mim. Aí eu simplesmente tento consertar os desagradados.

E ele me mostrou uma fita onde um eleitor dele reclamava de um emprego prometido há seis anos.

Ficamos à espreita na saída do trabalho do reclamante. Quando o Prefeito o viu, gritou:

- Maurício, nunca mais te vi! Manda tua filha me procurar que eu vou dar o emprego a ela.

Maurício todo contente, agradeceu muito.

Saímos e Bidinho disse:

- “Não se bole com o que está quieto, pois o que está quieto não se bole”!

Apreendi! Calado eu fiquei e nunca mais importunei os barbeiros fofosqueiros.

Em verdade, os barbeiros eram uma rede de informações onde os homens se sentiam confortáveis e acabavam revelando confidências. Mais tarde, descobri que eu tinha sido vítima também desta rede KGB e nunca mais confiei nos barbeiros... Entro mudo e saio calado. Virei uma moita!

**Quem não tem informação, se perde logo à frente. E quem fala demais, serve a outros.*

LBA

A cada dia, a minha relação se estreitava com o meu chefe, a ponto de frequentar a casa dele em sua intimidade. Uma vez, o flagrei em seu quarto, coberto com uns dez cobertores distribuídos pela Secretaria de Ação Social, doados pela LBA, e perguntei:

- Bidinho, estes cobertores não são para os pobres?

Ele, de pronto, respondeu:

- Agenor, eu também sou “pobrinho”!

E rindo, completou:

- Eu estou testando a qualidade. Faça uma carta para LBA porque estes cobertores não são bons. São muitos finos e aproveite e me traga mais uns dez porque eu ainda estou com frio.

Rindo, tratamos de outro assunto e fui embora. Realmente o cobertor da LBA era uma vergonha.

**Tudo que o governo dá é de péssima qualidade e, pior, é mal intencionado.*

Adversário

A cada dia, Bidinho me surpreendia tanto que era impossível não admirá-lo.

Ele tinha um jornal chamado de Folha Fluminense. Aí eu vivia dizendo:

- Bidinho, mete o pau nos adversários!

Mas ele não autorizava uma linha sequer. Foto então? Nem pensar...

Como já estávamos íntimos, ele me confidenciou:

- Agenor, no meu jornal, o adversário, nem no obituário ele será

citado, porque simplesmente aqui só existe eu. Não conheço nenhum adversário que mereça registro.

Observando melhor, o Jornal, na verdade, só falava bem dele e não citava nada, absolutamente nada, dos adversários.

**A pior das ações é a indiferença.*

Assinaturas

Certa vez, ele me mandou ir buscar o jornal em Niterói, onde era impresso.

Chegando lá, tinha dez mil jornais e uma autorização de apanha de apenas dois mil.

Liguei para Bidinho. Falei com ele e este disse:

- É isto mesmo!

Sem discutir, voltei a Rio Bonito e junto a Bidinho questionei que devia distribuir mais em Rio Bonito. E me perguntou:

- Para quê?

E eu respondi:

- Para que as pessoas saibam das suas atividades aqui.

Ele, olhando para mim com ar de superioridade, disse:

- Agenor, você tem muito que aprender! Quem vive aqui sabe o que eu faço. Quem está em outra cidade é que precisa ler os elogios que faço de mim mesmo de forma dissimulada. Lembra que eu não falo dos adversários? Pois é, são oito mil eleitores que moram fora da cidade e, ao longo do tempo, venho enviando o jornal, que é a única informação da cidade nativa deles, gratuitamente. E eu conto com estes oito mil votos.

Durante quatro anos recebem notícias da cidade e falam muito bem de mim; o resto não é lembrado.

A estratégia dele era brilhante e inquestionável. Nunca tinha perdido uma eleição e a cada dia eu entendia como.

**Quem não é visto, não é lembrado. Quem não é comentado, certamente será esquecido. E nas urnas isto é fatal.*

Exceções e Desmentidos

Bidinho publicava sempre os atos judiciais contra seus adversários. Ele alegava que, como democrata, não poderia privar o povo das informações públicas. Era uma exceção que

lhe entristecia muito, dizia ele, ser obrigado a citar os réus. Quando algum fato era publicado e a pessoa era obrigada a retratar-se por ordem jurídica, ele dizia:

- Agenor, qualquer jornal só fala a verdade e o desmentido só é publicado meses depois na última página e de forma irrisória. Cumpre-se a lei e nada mais acontece.

**Jornal não mente e, se desmente, ninguém lê. As letras assentadas têm um valor inacreditável. Hoje, com as novas mídias sociais, incrimina, julga e cassa, sem nenhuma culpa, pois a consciência coletiva do povo é o Promotor, Defensor e Juiz e nunca errando vai limpar os canalhas também em tempo real.*

Legado do Jornal

Bidinho tinha um filho chamado Bibidi. Era um garoto como os outros filhos de Prefeitos pobres, influenciado pelos outros. Era um aprendiz de playboy. Tinha um bom humor incrível, puxando o pai. A genética não o traiu nem na feição. Bidinho, antes de morrer, disse:

- Meu filho, quando morrer, eu vou deixar vários patrimônios. Você pode vender tudo, menos o Jornal. Ele é a sua salvação e vai garantir a sua eleição, um dia.

Assim como Bidinho, sem ambição, Bibidi, mais cedo ou mais tarde, vai ser Prefeito de Rio Bonito. Ele tem forjado em si a sede do poder e uma liderança natural.

Recentemente, visitando a cidade, procurei Bibidi e fomos tomar umas cervejas.

Ele se apressou em me levar no Bar do Onça. Chegando lá, encontrei diversos personagens que outrora nos encontrávamos no bar do Ernestinho que tinha sido vendido para um banco. Cumprimentando todos, logo vi o filho de Hamilton Soares, que era filho de um grande amigo do passado. Dirigi-me a ele e sentei-me. Como sabia que ele tinha sido eleito a Vereador, tratei-o como se devia:

- Excelência, como vai?

E ele respondeu:

- Oi, Agenor. Tudo bem, mas não sou mais Vereador.

Eu disse:

- Como?

- Apoiei meu primo Fernando, respondeu ele.

Eu, que tinha certa intimidade do passado, disse:

- Que isso? Você é quem tem voto e você foi apoiar o filho do corrupto Barilho?

Bibidi imediatamente me chamou e eu tinha notado que o bar havia ficado em silêncio. Sussurrando no meu ouvido, disse:

- Vamos embora agora, segurando-me firme pelo braço.

Não entendi e quase sem poder me despedir e arrastado, fui colocado no carro e saímos dali.

No carro, Bibidi disse:

- Agenor, você não pode tirar o jacá de um burro, nem o deixar descansar, dando milho e água fresca, pois ele se acha discriminado enquanto os seus pares trabalham dia e noite. Com isto, ele olha para os demais burros e pensa que você é uma pessoa ruim.

O Hamiltinho era um burro que só queria o jacá cheio para carregar e, de vez quando, um milho para comer.

Aquele bar era do Fernando e Bibidi completou:

- Eles estavam já querendo te pegar de porrada, pois todo mundo ali está no coxo dele e o Hamiltinho é o burro que tem o maior jacá.

Bibidi tem um senso de humor incrível.

**Tem gente que nasce desprovido de ambição. Assim como Bidinho, o seu filho, Bibidi também o é. Mas certamente um dia será Prefeito de Rio Bonito.*

Máximas

No convívio diário, a cada dia surgia um novo termo da cultura. Alcebiades Moraes (Bidinho) tinha uma música de campanha que citava em seu trecho melhor uma das suas máximas, que era: “Quem volta, não erra caminho”. Esta frase parece uma bobagem, mas reflete o sentimento do acolhimento espontâneo quando o Prefeito encontrava, depois de um longo tempo, um eleitor que tinha se aventurado para além fronteira Rio Bonitense e, derrotado, voltava para casa. Aquilo era confortante e você via nos olhos das pessoas a gratidão de ser bem recebido. A outra que aqui já citei é: “Não se bole com o que está quieto”.

Acontece que durante o dia inteiro, um Prefeito é cercado da camarilha que, sempre incompetente para mostrar serviço, fica a querer prejudicar pequenos miseráveis, camelôs,

desempregados, maus funcionários e Bidinho sempre citava a frase que se aplica como uma luva a todos os que deveriam ser importunados. Ele rindo, falava para mim:

- Agenor, isto tudo é marimbondo. Se você mexer com um, arruma um problema enorme com a colmeia. Quem já levou uma picada de Marimbondo, nunca esquece.

**O pior mal da micropolítica é a camarilha local, que isola o Prefeito das realidades.*

Cooperativa de Leite

A cooperativa de leite era uma incógnita para mim. Os cooperados enchiam o saco o tempo todo, pois queriam escoar sua produção e precisavam das estradas em ordem.

O que acontecia era que Rio Bonito não tem uma planta baixa para a produção leiteira, considerando-se custo x benefício.

Em verdade, segundo o Bidinho, que tratava estes cooperados como “Tourão”, apelido que ele arrumou para os novos e falsos ricos que compravam uma fazenda ruim, um chapéu de fazendeiro e um cavalo ruim - sonho de infância ou de sua mulher - não entendiam nada de fazenda, mas, em suas profissões de origem, eram até certo ponto bem sucedidos. E ainda tinha os aposentados que logo se tornavam agiotas.

Bidinho, uma vez conversando comigo, disse:

- Está vendo aquele ali? Ele tem uma fazenda a uns trinta quilômetros serra acima e quer que eu leve o asfalto até a fazenda dele para escoar o leite de uma vaca.

Naquele momento, tive uma feliz ideia:

- Bidinho, por que não convidamos estes de pequena produção a fazer queijo e a Prefeitura compra a produção para servir na merenda escolar?

Ele aprovou e resolvemos assim a vida de uns trinta fazendeiros de uma vaca só.

**Excluindo-se as cooperativas do sul do País, com pessoas descendentes de países europeus, as do Centro e Nordeste não atendem os princípios cooperativos. Se nos Sindicatos os pelegos se apossam da classe trabalhadora, nas cooperativas os agiotas têm o seu disfarce de fazendeiros medíocres e vivem da exploração financeira dos pequenos produtores.*

IBGE x IAC

Esta instituição é a verdadeira imagem da incompetência estatal.

Nada dará certo enquanto as informações que o governo precisar forem oferecidas por tal organização.

Além de o próprio governo federal manipular, a seu agrado, as informações, o censo é totalmente manipulado pelos Prefeitos, que inclusive aumentam o número de habitantes quando estão no poder e diminuem quando o adversário ganha a eleição, dificultando em muito a administração alheia.

Eu não podia acreditar que tal manipulação se dava.

Questionando o Prefeito, este me relatou:

- Agenor, é só você comparar as informações do IBGE com as do IAC.

Incrédulo e sem conhecer o IAC, ele me deu as pesquisas e eu fui checar “in loco”. Era tudo verdade. O IAC tinha precisão de 100%. Era bancado por multinacionais com Americanos à frente em campo. O IBGE era feito com contratados e indicados por Vereadores. Era impossível fazer o senso que é feito na casa do Vereador que pensa que conhece tudo e responde pelos outros. Aires era uma vítima constante do aumento e baixa dos habitantes e, conseqüentemente, do repasse federal.

**Se órgãos públicos funcionassem de verdade, a Receita Federal deveria fazer o que seria o óbvio e o fato mais fácil do mundo, ou seja, cobrar impostos. No Brasil, a incompetência é tamanha, que manipulam até os dados oficiais.*

Equipe Escolhida a Dedo

O Prefeito escolhia a dedo os seus Secretários e os critérios eram bizarros. Tinha Secretário que era Secretário de Finanças porque tinha colocado dinheiro na campanha, outra porque tinha sido namorada de infância, outro porque era irmão do agente do INSS (Prevaricador), outro por ser policial, outro por ser simplesmente alfabetizado e aprendiz de poeta; era uma equipe que não resolvia absolutamente nada, apenas acatavam a ordem do Prefeito, à risca, certo ou errado.

Bidinho falava:

- Se der errado, sempre a responsabilidade será toda minha.

Sendo assim, estes secretários faziam o que ele queria e ninguém questionava nada, no máximo, ponderavam.

Em verdade, Bidinho era o único que durante vinte e quatro horas por dia trabalhava pelo município de Rio Bonito.

Mas certamente todos da equipe dele eram unidos em torno do Prefeito. Eles tinham a absoluta confiança que o Prefeito era o mais competente da cidade e era mesmo.

Quando hoje vejo a Dilma “Presidenta”, com seus quase quarenta Ministros, lembro-me dos critérios agora evoluídos para a corrupção partidária.

**A maior parte das pessoas, que ocupam cargos públicos ou que são nomeadas, em sua maioria, é incompetente, ou por imposição de financiadores das campanhas, mal intencionadas ou por pura vaidade e pior com raríssimas exceções.*

Baiano e seu Trio Elétrico

Chegou o carnaval e foi votada uma verba para o evento.

Conforme acordo, a comissão organizadora, formada por Vereadores em manobra interna, nomeou um Vereador rebelde que era contra o Prefeito.

Bidinho ficou furioso, pois não só o dinheiro iria ficar na mão deles, como o tema que seria trocado por um mais barato para, conseqüentemente, sobrar mais dinheiro para os Vereadores corruptos.

O Prefeito aborrecido reclamou comigo, dizendo:

- Eu não vou ter um dinheirinho para dar para os meus eleitores! Eu, sem entender, desconfiei que mesmo que o nosso Vereador ganhasse a Presidência da Comissão, a comilança aconteceria, porém em outras mãos. Deixei o Prefeito no seu gabinete e fui ao bar do Ernestinho que era um tipo de boca maldita. Lá se sabia de tudo o que se passava na cidade. Pedi um cafezinho e aproximou-se de mim um homem, com mais de dois metros de altura. Quando falou, notei que era um baiano e este foi logo dizendo:

- Bom dia, Agenor!

Como eu não o conhecia, respondi perguntando:

- De onde nos conhecemos?

E ele respondeu:

- Ainda não nos conhecemos, bichinho, mas vamos ser grandes amigos, mostrando-me um álbum de fotos e nestas um trio

elétrico e foi logo dizendo:

- Não consigo falar com o Prefeito, mas eu queria alugar para o Carnaval e completou:

- Vocês nunca viram um Carnaval tão grande como o que eu poderia fazer! Pensei rápido e ele baixinho falou:

- Tem até uma merenda para o Prefeito.

Não gostei muito da ideia da merenda, mas achei que poderia interessar ao Prefeito e perguntei a ele:

- Quanto é?

Ele de bate pronto, respondeu:

- Agenor, custa trinta mil reais e completou: trio, dançarinas, músicos e hospedagens e destes trinta eu te dou quinze mil reais para o Prefeito. Torci a cara e ele sem pensar, no mínimo, que eu não estava gostando era da merenda, completou:

- Vai e fecha que eu ainda te dou um por fora além da do Prefeito.

Pensei: vou lá, falo com o Prefeito, digo a ele a merenda e mais o por fora. Abatemos estes valores e vai ficar baratinho para o Município.

Peguei o álbum e disse para o baiano:

- Espera aí um pouco!

E ele balançando a cabeça, concordou. Afastei-me e o ouvi pedir um chope.

Falei com o Prefeito e ele adorou a ideia. E eu perguntei:

- Quer que eu vá buscar o baiano?

E o prefeito:

- Procura o Bronco - o Vereador corrupto!

Este deveria ser o Presidente da Comissão Organizadora do Carnaval, mas acabou tomando uma pernada da oposição.

Depois, descobriu-se que no dia da eleição da comissão armaram uma bebedeira e ele caiu na armadilha.

Já com ele, Bidinho me disse:

- Agenor, vai ao bar e pede para o baiano esperar um pouco.

Fui lá. O baiano já estava no quinto chope e me falou:

- "Tô" tranquilo, bichinho. Espero, sim, o tempo que precisar.

Eu era muito inocente. Cheguei de volta e o Prefeito, dando-me o papel com o valor de sessenta mil reais, me disse:

- Vê se dá para o baiano fazer por este valor!

Eu, ainda inocente, perguntei:

- Mas Prefeito, quer que eu traga-lhe aqui?

- Não! Agenor, o Bronco vai fazer uma emenda deste valor e este assunto você que vai cuidar, certo? Está fechado! Do outro lado, está a forma do pagamento. Estava escrito com a letra do

Bronco: vinte e cinco para o baiano e trinta e cinco mil para o Bronco.

Finalmente, entendi que o Bronco ia dar parte daquele dinheiro para o Prefeito que iria dar para os seus eleitores brincarem o Carnaval.

Cocei a cabeça e já ia saindo quando o Prefeito disse:

- Toma, leva logo os quinze mil reais de sinal em dinheiro, que é para ele se animar e traz o recibo. Pronto! Tá certo? Amarra tudo para não dar zebra.

E assim foi feito. No contrato, ficou claro que vinte dias antes eles teriam que estar na cidade para dar umas chamadas nas cidades vizinhas.

Não aconteceu e eu fui atrás do baiano no Leblon, no Rio de Janeiro. Chegando, toquei a campainha e ele, não abriu a porta, falando:

- Bichinho, eu ia te procurar. Já estava ficando preocupado.

Colocou um quimono de toalha e continuou:

- Rapaz, você não sabe o que aconteceu... O trio vinha vindo, tudo direitinho e capotou. Por sorte, não machucou ninguém, mas “tá” tudo certo! Vou subir com o trio e você vai comigo.

Eu já estava puto da vida.

- Claro, respondi.

E lá fomos para a cidade onde ele disse que ia dar o jeito.

Fiquei surpreso, pois o local era o Gabinete do Deputado Dornelles e este foi logo dizendo:

- Baiano, o trio já está abastecido e pronto há mais de um mês. Pegando a autorização, agradeceu e descendo o elevador foi dizendo:

- “Viu, minino”? Vamos botar para quebrar.

Chegamos à logística do PC que era um Vereador que tomava conta dos negócios do Deputado Dorneles.

Mais uma vez, fiquei surpreso com a estrutura: tinha uns quatro trios elétricos enormes, umas 100 Kombis e mais de trezentas Brasília, todas com som, posto de gasolina e uma equipe de manutenção enorme. Logo entendi por que o Deputado nunca iria perder a política.

Pé na estrada! Quando chegamos na entrada da cidade, o baiano parou o carro, me chamou e disse:

- Agora você vai ser o cara mais conhecido da cidade!

Eu fiquei meio sem graça, pois nunca tinha subido num trio e, lá em cima, ele mandou ligar a tralha toda. Entramos na cidade.

Ele com o nome dos Vereadores e do Prefeito, perguntou:

- O que eu posso falar aqui?

Risquei logo os desafetos e sublinhei o nome do Bronco e do Prefeito.

E ele, em seguida, gritou, transformando-se:

- Vai...

E o motorista arrancou com o caminhão e foi dizendo:

- Chegou o Grupo Vitrine diretamente da Bahia, contratado pelo Prefeito Bidinho!

E foi falando tudo e disse-me:

- Vai me falando os nomes dos donos dos comércios que vamos falar. Vou agradecer todo mundo!

Quando chegamos à praça, a cidade já estava parada, cercada de gente por todos os lados e lá ficou o trio tocando até às oito horas da noite.

Feliz, me dirigi ao Prefeito que estava na Prefeitura. Olhando tudo e logo com o polegar, disse:

- Agenor, arrebentou! E nem é Carnaval ainda!

De noite, na churrascaria, eu falei:

- Baiano, nunca teve trio da Bahia aqui!

E este respondeu:

- É claro que não, mas pode ficar tranquilo que amanhã eu monto uma banda.

Aí, eu:

- Vamos ter que ir ao Rio, não?

- Fique quieto aí que já contratei aqui mesmo, inclusive as bailarinas.

Desisti, pois entendi que o baiano era um mestre da sacanagem. Foi o melhor Carnaval que Rio Bonito já teve. Encerrado o Carnaval, contas acertadas, sucesso, elogios à parte, o saldo foi mais de trinta pés quebrados.

Aconteceu o que ninguém sabia e o Baiano esqueceu-se de avisar que tinha que colocar seguranças perto das rodas do trio, pois as pessoas bêbadas queriam ficar próximas ao caminhão e no frisson do Carnaval esqueciam o pé embaixo da roda e o caminhão cruel não perdoava, esmagava tudo.

Não entendi porque já no primeiro dia o Baiano foi dizendo:

- Agenor, eu vou te dar mil reais todos os dias.

Pelos meus cálculos, não era da Prefeitura, senão ele ia ficar no prejuízo.

Desisti de querer entender até porque eu tinha que resolver um monte de problemas. Era bloco que ia ser puxado, quem podia subir no trio, o trajeto que toda hora mudava...

Logo desconfiei que o baiano havia encontrado uma renda extra. Eu só não sabia de onde. Até que eu reparei que o

motorista só andava quando o baiano dizia: vai! O que acontecia é que ele cobrava uma taxa e parava propositalmente o caminhão em frente a um bar já acertado. É claro, dava o maior movimento. Quando os freezers esvaziavam, aí sim o “vai” acontecia. E ele puxava para frente de outro bar e a cada volta tudo acontecia novamente. O dinheiro vinha igual água. Como eu não tinha tempo para nada, chegava em casa cansado e foram assim os cinco dias de Carnaval. Contei o dinheiro. Tinha quatro mil e quinhentos reais. Aí eu pensei: este baiano é uma máquina de ganhar dinheiro. Acabou o Carnaval e o baiano ficou uns trinta dias fazendo eventos, bingo e aniversários e nunca se esqueceu de minha merenda.

**Quando não se entende do negócio, não se consegue ver e esgotar as contribuições do lucro. Depois, o Baiano me confidenciou que poderia até ter feito de graça o evento e eu não duvidei, pois quando foi embora ainda me deu R\$ 10.000,00.*

Ascia

O Prefeito chegou à minha casa, apresentando-me Dr. Jorge Brandão, médico pediatra, dizendo que tinha uma nova missão para mim.

Sentados, me explicou que Brandão queria ser Vereador e, como ferramenta, precisava ser eleito Presidente da Associação Comercial, que estava sendo criada e que os organizadores não estavam aceitando-o como associado, necessidade primária para a disputa desejada.

Ordem dada, ordem executada.

Acompanhei Brandão à reunião da associação.

Chegando lá, pelos presentes, logo notei que estavam em conluio para eleger um contador cabo eleitoral de outro candidato a candidato, igualmente ao Brandão a Vereador.

Argumentei para que Brandão pudesse participar, pois tinha uma clínica médica, mas estes diziam que ela se enquadrava como prestadora de serviço. Continuei alegando que era uma atividade comercial, semelhante a qualquer outra, mas já sabendo da resposta, pois ficou evidente para mim, agora já com experiência política, que eles não iriam permitir, uma vez que tinham o mesmo objetivo oculto de Jorge Brandão.

Perguntei de forma discreta e indireta a um dos componentes da comissão há quanto tempo eles estavam fazendo a associação. E em resposta disseram-me:

- Seis meses, balançando a cabeça como uma missão difícilíssima. Tinha encontrado ali a solução.

Belisquei o Jorge Brandão, falando:

- É Jorge, eles têm razão. Associação Comercial não é a instituição correta para médicos.

Todos ali imediatamente concordaram.

Saímos dali com o Jorge sem entender nada e ainda foi falando:

- Poxa, Agenor, o Bidinho garantiu que você ia resolver!

E eu prontamente, respondi:

- Mas está resolvido.

Na casa do Prefeito, Jorge foi se queixando e o Bidinho, pacientemente, ouviu a baboseira toda. Rindo, disse:

- Fala coringa!

Era assim que ele me tratava quando uma missão era dada.

- Bidinho, o que eles estão fazendo é exatamente o quê?

E ele se antecipando:

- Eleger Paulo Moura.

- Exatamente.

Ai é que o Brandão acordou. Por isso que o contador dele vai ser o Presidente da associação. Rimos e ele:

- Mas como é que o Agenor vai resolver isto? Perguntando ao Bidinho e este:

- Não sei, mas se ele disse que vai resolver, acredita no taco dele que ele não vai perder a missão.

Saindo da sala para atender um chamado telefônico, eu retomei:

- Jorge Brandão, realmente se você quer, só tem um jeito: nós criarmos antes deles a associação. E ele:

- E você consegue?

- Sim, só precisa de dinheiro.

E isto ele tinha. Saímos dali para um lugar reservado. Expus todo o plano e com recursos imediatos o pus em prática.

Após vinte um dias, protocolei um requerimento na Câmara de Vereadores para dar posse ao Presidente da Associação Comercial e Agropastoril de Rio Bonito.

O requerimento teve um efeito de bomba na cidade principalmente nos renomados e incompetentes membros da comissão organizadora da associação que trabalhavam há mais de seis meses.

No dia, estavam presentes: o Vice-Governador, Darcy Ribeiro, o Secretário de Indústria e Comércio, Sr. Jorge Leite, Deputados,

Prefeito, Presidente da Câmara, Juiz da Comarca e Promotor. Com a mesa composta, o cerimonial contratado deu início oficial à posse.

Com a plateia lotada, um cidadão levantou-se e disposto a melar a reunião, envergonhando a todos os que iam ser empossados, disse:

- Por questão de ordem, Jorge Brandão, que já estava no centro da tribuna com toda a família atrás e já imbuído do espírito de Presidente, respondeu:

- Pois não...

E o interlocutor disse, aumentando ainda mais a altura de sua voz, olhando para a mesa e a plateia:

- Esta associação é ilegal e não pode existir, pois não foi publicado o edital de convocação! Abrindo os braços como a questionar o ferimento da lei olhando para o Juiz da Comarca. O silêncio tomou todos os espaços. Em seguida, a voz de Jorge Brandão, que falou um minuto já com os olhares desconfortantes da mesa para ele, me perguntou:

- Agenor, foi feito o edital?

E eu lá do fundo da plateia, levantei e falei:

- Claro, Presidente!

Dei ênfase à palavra: "PREESIDENTE" e concluí:

- O edital está aí na pasta de editais, inclusive não foi publicado em um jornaleco, mas sim no Diário Oficial da União.

Paulo Gustavo, que eu conhecia bem, era jornalista e dono de um jornal chamado de Argumento, sem argumento, levantou-se novamente pedindo para ver.

Todos acompanhavam atentos a sua atitude e olhando para mim e balançando a cabeça, disse:

- Isto custou uma grana! E ainda chamou o meu jornal de jornaleco.

- O que eu estou fazendo aqui?

- Desculpem-me todos! Vocês demonstraram competência.

- Dê-me o meu chapéu e vamos embora. Disse, olhando para a primeira fila composta de todos do conluio da outra associação que morreu na discussão eterna.

Após a posse e já em clima descontraído, o Dr. Jorge Leite pediu a palavra e perguntou apenas para confirmar o que já desconfiava:

- Jorge, quem te assessorou? Ou melhor, quem fez isto acontecer?

E o Presidente respondeu:

- Agenor, vem pra cá!

E o Dr. Jorge Leite disse:

- Se você quiser ir trabalhar comigo na Secretária da Indústria e do Comércio, está convidado, pois preciso de Leões que façam acontecer. Olhando para Darcy Ribeiro, que balançou a cabeça em sinal de admiração com o polegar levantado. E encerrou-se a seção.

**Quem disser que leva mais de 16 dias para fazer uma associação, pode ter certeza: é um incompetente.*

Rio Bonito Desabando

Uma tempestade assolou a cidade e tudo estava inundado com barreiras descendo. Foi uma grande catástrofe e na casa do Prefeito tinha uma fila enorme para pedir socorro.

Quando em plantão nacional, foi anunciado que outra tempestade se aproximava, Bidinho foi à minha casa e disse:

- Agenor, arrume sua mala que vamos viajar agora!

Achei que íamos à Brasília buscar recursos ou algo parecido.

Com as malas prontas dentro do carro, no volante, perguntei ao Bidinho:

- Vamos passar na sua casa?

Ele, em resposta, disse:

- Minha mala está na mala!

E perguntei:

- Então, vamos para onde?

Foi então que ele tirou uma moeda do bolso, jogou para o ar, tapou a mão e perguntou:

- Cara para a esquerda e coroa para direita.

Estávamos no trevo de Rio Bonito e, sem entender, disse:

- Cara, deu cara!

Ele imediatamente apontou para a esquerda, dizendo:

- Vamos para Campos.

Quando já tínhamos percorrido uns vinte quilômetros, insisti, perguntando:

- Nós vamos mesmo para Campos?

E ele respondeu:

- Você não ganhou!

Eu, rindo, falei:

- Bidinho, a cidade está desmontando... O que nós vamos fazer em Campos?

E ele, rindo, disse:

- Vamos esperar acabar a tempestade. Eu, em Rio Bonito, só vou atrapalhar. O Pedro já sabe o que fazer. Repetindo: a minha presença só vai atrapalhar, pois todos vão querer que eu passe por cima de Pedro e ele conhece melhor do que ninguém aonde tem que socorrer.

- E você nem vai buscar recursos?

- Não existe recurso. Os governos estadual e federal prometem, mas nunca cumprem, nem cumprirão.

Ficamos em Campos por vinte e um dias comendo, bebendo e nos divertindo.

Tempestade ausente, Bidinho me mandou ligar para Pedro e perguntar se já dava para voltar. Ele mandou ficar mais uma semana e assim foi feito.

Quando chegamos à cidade, a casa de Bidinho estava vazia, mas logo a sua chegada foi comentada e começaram a chegar dezenas de pessoas, umas agradecendo e outras reclamando. Chegou Joaquim, um fazendeiro que sempre financiava as campanhas e aos gritos, falou:

- Porra, Bidinho, a minha fazenda foi a última que Pedro socorreu!

E Bidinho respondeu:

- “Putá que pariu”! Eu falei para Pedro que tinha que ser a primeira, inclusive fazer a ponte que tinha caído.

Olhando para mim, falou:

- Agenor, vai chamar o Pedro.

Quando Pedro chegou, Bidinho disse:

- Porra, Pedro, você sacaneou o Joaquim! Por isto você está demitido!

Aí, Joaquim disse:

- Não, Bidinho! Não faça isso, pois embora eu tenha sido o último a ser socorrido, ele não só fez a ponte como ainda me ajudou com as máquinas, abrindo o pasto e melhorando as estradas internas. Então eu te suplico:

- Não mande o Pedro embora, por favor!

- Então, está bem!

Olhando para Pedro, disse:

- Só não vou te mandar embora por causa do pedido de Joaquim.

À noite, jantando na churrascaria com Pedro e Bidinho é que eu entendi tudo. Bidinho tinha ordenado que Pedro socorresse primeiro os pobres, depois as vias de acesso e só depois os afortunados fazendeiros ricos. Bidinho sabia de tudo e ele estava certo. Se ficasse na cidade, só ia atrapalhar e Pedro era

realmente competente.

Sarna

Bidinho tinha uma sarna e vivia aporrrinhando a classe médica inclusive o seu Secretário de Saúde, mas ninguém conseguia curar a sarna que aumentava e ficava vermelha, além de coçar muito quando ficava nervoso.

Um dia, coçando o rosto, disse-me:

- Agenor, eu não aguento mais esta coceira! Amanhã, você pega o carro, dinheiro e some da minha frente e só volta quando conseguir curar esta coceira da minha cara.

Eu ri e, olhando para ele, perguntei:

- É sério?

E ele:

- É... Os médicos da cidade só pensam em dinheiro. Desisti de ir a médico! Você tem que encontrar uma solução.

Eu, neste tempo, era tipo um curinga. Quando ninguém dava jeito, a missão passava a ser minha.

Peguei o carro e fui falar com Gonzaga, um médico ortopedista, meu amigo, que gostava de tomar uma cachaça e eu sempre o acompanhava.

Contei o caso para ele e ele imediatamente falou:

- Ih, rapaz, aquela sarna dele é foda!

Ninguém até hoje entendeu aquilo, pois ele melhora depois piora de novo. Aí, pedindo mais uma caipirinha, eu apelei:

- Gonzaga, temos que resolver isto!

E ele falou:

- Eu já desisti. O Sérgio, Secretário, vive falando com todos os médicos e ninguém resolve. Sei não, me deixa pensar e eu te procuro.

Fui para casa de Bidinho no outro dia e ele foi logo perguntando:

- Já resolveu?

E eu respondi:

- Não...

- Então, só volte aqui com a solução. Estamos de mau.

Eu rindo e conhecendo-o, sabia que ele estava falando sério.

Passados uns quinze dias, Gonzaga liga para mim e diz:

- Agenor, alguém pode resolver isto e eu descobri o lugar.

Peguei o carro e fui ao hospital Darcy Vargas onde ele dava consulta. Enquanto colocava o ombro de um rapaz no lugar, que estava bêbado igual a uma porca, falou:

- Agenor, aguenta aí um pouco que hoje estou com vontade de beber!

Eu pensei: mais ainda? Mas não falei nada. O rapaz urrava de dor e ele só dizia:

- Calma, se não vamos ter que operar.

Saí da sala, pois não aguentava aquele ambiente hospitalar; lembrava-me os tempos da funerária.

Logo a seguir, Gonzaga chegou à porta e disse:

- Pronto! O ombro dele está no lugar e continuou: "oh, caboclo frouxo"!

- Bom, nós vamos beber aonde?

Eu respondi:

- Aonde você quiser... Mas diz logo como é que vamos curar o Bidinho?

Ele, cambaleante, disse:

- Calma, nem bebi ainda!

Depois de umas cervejas, ele disse:

- Agenor, só tem um lugar no Brasil, que se não resolver, nós vamos ter que fazer um transplante de face no Bidinho.

Eu já ansioso, perguntei:

- Aonde?

- No Instituto Oswaldo Cruz. Lá só tem cientista. Se você não conseguir, desista.

Fui dormir. No dia seguinte, às seis horas da manhã, fui para o Instituto, conversei com o responsável e marcamos para o outro dia. Fui direto para a casa do Bidinho, contando os fatos. Ele ficou todo contente. Bidinho era impaciente, entrou no carro e disse:

- Vamos logo!

E eu:

- Bidinho, é só amanhã de manhã!

- Vamos agora!

- Dormimos no Rio e jantamos no árabe, pois não posso perder esta consulta! Não diga nada para ninguém! E chamando Cecília, sempre atenta, disse:

- Vou para o Rio e só volto amanhã.

Na consulta efetuada por uma junta médica de cientistas e em conversa descontraída, um dos médicos falou:

- Isto deve coçar toda hora, não é Prefeito?

- Bidinho respondeu:

- É verdade...

- E piora quando você fica nervoso?

- É...

Aí o outro, rindo, perguntou:

- O senhor tem fazenda?

- Sim...

- E o senhor gosta de comer a ceiva daquele capim tipo lança?

- É... É verdade...

Todos riram e nós, sem saber de nada, só observamos. A seguir o chefe disse para o Bidinho:

- Prefeito, pode ficar tranquilo, que o senhor vai estar curado amanhã, se prometer não comer mais a seiva do capim. E explicou:

- A urina da vaca tem uma bactéria que é o hospedeiro e isto é causa desta irritação. O senhor vai tomar três cápsulas deste remédio e estará curado.

Agradecemos e imediatamente Bidinho tomou o remédio e fomos embora.

Já no carro, Bidinho disse:

- Vamos comer “hamestering” (grão de bico) no árabe.

Ele adorava comer lá e lá fomos nós de novo.

Já de tarde, Bidinho olhou para mim e falou:

- Já reparou que eu não estou mais coçando o focinho? E olhou no espelho.

Aí, eu reparei quem nem vermelho mais estava.

De volta a Rio Bonito, na reunião de secretários, ele perguntou:

- Alguém notou alguma coisa em mim?

E ninguém disse nada.

Ele se virou para Bezar, Secretário de Saúde, e disse:

- É Bezar, você está despedido, mas eu estou curado da sarna.

- Bezar, se você não tem capacidade de curar o Prefeito, imagine os pobres da cidade!

Bidinho, assim como eu, estava mudando e promoveu uma reforma no seu secretariado depois da cura.

Despertei a ira da classe médica contra a minha pessoa, mas definitivamente passei a ser olhado por Bidinho como uma pessoa capaz e talvez o seu sucessor.

Dengue

José de Aguiar Borges – KAKI

Depois do mal estar com Bidinho, fui imediatamente procurar Kaki, que estava todo enrolado com o comitê e os seus mais de cem Vereadores. Cumprimentei Kaki e disse:

- Quer uma ajuda?

Ele sabendo que eu era dono de uma indústria, pois já vinha me namorando, e eu me fazendo o tempo todo de desentendido, nunca tinha respondido o seu convite, mas o fiz naquele momento.

Iniciei, no dia seguinte, assumindo a sua campanha.

Como o maior problema era gráfico, comprei uma gráfica inteira e resolvi o problema. Consegui carros, botei ordem na equipe, enfim.

Perdemos a eleição por 142 votos e os motivos foram muitos.

Eu era amador na política, mas assisti fatos que hoje reconheço que foram as causas da perda da eleição.

Kaki apoiou um Deputado Federal e este mandou 500.000 cédulas para serem distribuídas; só que estas vieram com o número do Kaki errado. Descoberto, guardamos as cédulas e mandamos fazer outras. O Miro Teixeira, candidato a Governador, ia visitar a cidade com discurso e um palanque enorme. Afinal, era o último comício e não sei quem teve a infeliz ideia de jogar de um prédio alto aquelas cédulas, que, no dia, fizeram um efeito visual incrível, mas foi devastador na urna. O que aconteceu foi que muitas pessoas pegaram as cédulas do chão e no dia copiaram na íntegra as informações erradas.

Outro motivo foi o escândalo de milhares de pessoas encostadas no INSS mandando inclusive o seu agente para cadeia, anos depois. Ganhar de Bidinho era realmente muito difícil, mas tentamos e chegamos muito próximo.

Partidos Políticos

Em Rio Bonito, quando eu entrei na política, só tinha três partidos: Arena de Bidinho, MDB de Aires e, quando se abriu o sistema, o PTB de Tonico. Logo, Bidinho me deu uma ordem:

- Agenor, você vai trazer o maior número de partidos possível e dar para qualquer um, pois aqui ninguém tem competência para trazê-los. E depois, você vai entregando aos marimbondos.

Todo mundo, preguiçoso, via ali uma oportunidade de garantir o pão de cada dia, uma vez que a ideologia sequer era considerada por ser um município sem educação, com um índice de desenvolvimento baixíssimo e um povo totalmente sem cultura. Todo analfabeto ideológico quer ser Presidente de partido. E assim o fiz. Trouxe para a cidade mais de 18 partidos. Questionando Bidinho o motivo, ele disse:

- Agenor, você precisa ler Maquiavel! Quem divide, governa!

No outro dia, comprei o livro satânico.

E logo se destacavam os incompetentes à frente dos partidos, mas tinha um que Bidinho adorava: era o Badu do PT. Como todos os petistas gostam de um emprego público, rapidamente, Badu se tornou encarregado de todo o sistema de limpeza pública da cidade, composto por uns trinta funcionários a ralé da cidade e servil de Bidinho.

O PDT também teve os seus vendilhões, termo usado com muita propriedade pelo companheiro Brizola, tendo como líder Paulo Pfeil, filho de um ex-professor da cidade, de cultura extrema e de um comportamento reto.

Paulinho, como era chamado, era funcionário do DER.

Um engenheiro tentou trazer um pouco de cultura ideológica para Rio Bonito, mas não conseguiu, pois entregou o partido aos Belgues, que sempre foram alinhados a Bidinho que sempre os manipulava. Até que chegou uma nova eleição e surgiu do passado Celso Peçanha, que tinha sido Governador do Estado do Rio de Janeiro e agora se apresentava como candidato a Prefeito.

A notícia correu na cidade, trazendo apreensão à equipe de Bidinho que acalmando a todos, disse:

- O candidato agora não sou eu, mas sim o Secretário de Finanças, que era bom de dinheiro, mas não tinha voto nenhum. O tempo avançava e Kaki, que tinha sido vice de Bidinho na primeira eleição e eleito com dezoito anos, agora era candidato fortíssimo ao pleito. Bidinho me dizia:

- Não sei como é que vai ser. Não posso dizer para o meu atual vice que ele não vai ganhar a eleição e o Kaki quer ser. Isto vai acabar sobrando para você, Agenor.

A política, para mim, era fascinante, pois o poder vivia a toda hora me mostrando sua força e com Bidinho eu aprendia cada vez mais.

Mas se já estava praticamente concluído o curso intensivo com o Prefeito, partidariamente eu não tinha ideia do seu alcance.

A nação, depois da abertura política, passava a ser administrada pelos Presidentes de Partidos e daí adiante passei a olhar os dirigentes Estaduais Nacionais como as águias do Poder.

Relações Políticas

Convivi com muitos políticos, uns honrados, outros medalhões;

políticos de um mandato só e outros sem mandatos.

Com cada um deles aprendi um pouco e é o que passarei a relatar sem antes lembrar que existem dois tipos de política: a micro política, que é travada nos municípios e a macro política, que desenrola na federação.

Destaco que conheci e confiro minha admiração a dois verdadeiros mestres da política: Alcebíades Moraes (Bidinho), imbatível no Município e Roberto Campos na Federação. Tanto na micro, como na macro política, e dentro deste cenário, existe uma figura que interfere em ambas: são os Dirigentes Partidários, estes são os verdadeiros mandatários do poder.

Ademar de Barros

Quando quis ser Prefeito, fui me abrigar no PRP - Partido da República Progressista.

Neste tempo, ocorreu um assassinato de um jovem, filho da Regina Gordilho, que se utilizou deste evento para se candidatar a Prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

Ela era uma pessoa amarga e mal intencionada.

E eu como candidato a Prefeito de Rio Bonito, tinha um acordo com Ademar de Barros, filho do ex-governador de São Paulo, que tinha uma máxima: “rouba, mas faz”!

Ademar me parecia afastado da prática de seus ancestrais e, agora, dono da Lacta, era um empresário bem sucedido e sua palavra tinha que valer. Chegando perto da eleição, na data certa, fui buscar o dinheiro e a Regina disse que eu não tinha chance e ela simplesmente não iria me dar o dinheiro.

Liguei para o Dr. Ademar. Ele imediatamente veio para o Rio de Janeiro e de frente à Regina, disse:

- A senhora é uma pessoa de mau caráter!

E, olhando para a Regina, disse:

- Não vou mandar mais dinheiro para você! Vou dar ao Agenor. E deu mesmo, além de marcar uma ida à Rio Bonito e pedir voto.

No dia certo, lá estava ele. Anteriormente, eu tinha mandado anunciar sua vinda e pedi emprestado o trio elétrico do Aires para fazermos um discurso.

Em sua chegada, notei que se aproximou Cecílio e mais quatro senhores de idade avançada.

Não entendi muito o quê eles queriam. Cumprimentaram-me e, dirigindo-se ao Ademar, que logo deu atenção, foram falando:

- Ademar, seu pai nos fez um grande favor há quarenta anos atrás aqui em nossa cidade, emprestando-nos dinheiro para a nossa cooperativa de crédito que aqui tínhamos. Por causa disto, somos eternamente gratos e só restou nós quatro.

Agradecemos o seu pai, que já partiu e, agora, quero lhe devolver o punhal dele que ele deixou no meu carro.

Ademar ia falar quando foi interrompido por Cecílio:

- Nós estamos realmente agradecidos e queremos dizer que iremos votar no Agenor.

Abraçaram-se e, com os olhos marejados, Ademar agradeceu e seguimos caminhando pelas ruas, acompanhados de perto pelos mais novos cabos eleitorais anciões.

Em frente ao depósito de doce de Ita, Ademar parou, olhou todos os doces e disse para mim:

- Um minuto, pois preciso ver se tem algum doce que me chama a atenção.

Não encontrando nada e, já de saída, Ita me chamou e me perguntou:

- Ele é o dono mesmo da Lacta?

Eu acenando a cabeça, afirmei.

Ele sem perder tempo, continuou:

- O "Dotô", o seu vendedor não passa aqui e tem um wafer que todo mundo quer.

Ademar pegou um telefone, ligou para o seu distribuidor em Petrópolis e mandou descer uma carreta para o Ita que ficou todo contente, pois era o único da região com fatura do produto. Assim, tornou-se um mini distribuidor, a partir daquela data.

Logo à frente, encontramos Celso Peçanha inaugurando um comitê, pois também era candidato a Prefeito. Logo que viu o Ademar, disse no microfone:

- Olha quem chegou para a minha campanha: Ademar de Barros!

Ademar, olhando para mim, disse:

- É agora!

- E eu disse:

- Dr. Ademar, não tem importância. Atenda-o.

E o Ademar, respondendo, disse:

- Vou adorar isto!

E o Celso foi falando:

- Ademar foi meu amigo em Brasília quando fui Deputado Federal. Ademar, você está vendo esta rua? Fui eu que calcei há trinta anos atrás. O hospital fui eu que fiz. O colégio estadual

fui eu que fiz. E foi fazendo propaganda de seus feitos. Após isto, passou a palavra para o Dr. Ademar, que me chamou e bem de perto, olhando para Celso e para o povo começou a falar:

- É com grande surpresa que o encontro depois de trinta anos, Celso Peçanha! E mais surpreso ainda em achar que se presta ainda a ser candidato a Prefeito! Ao contrário do que o Celso Peçanha disse, nunca fomos amigos, nem mesmo colegas, pois meu pai era considerado corrupto mas você, Celso, é um verdadeiro ladrão!

E aumentando o tom de voz, disse:

- Rio Bonito não precisa de você, nem de mim que já estamos cansados e velhos. Na verdade, seus cabelos brancos iguais aos meus refletem a angústia dos atos nossos praticados. Rio Bonito precisa do Agenor, jovem, cheio de sonhos... Por favor, votem em Agenor e esqueçam o Celso. Muito obrigado.

Saímos à mongol e os anciões em coro para Celso:

- Ladrão, ladrão...

De volta à praça, subimos no trio elétrico e falei:

- Dr. Ademar pode falar!

E este retrucou:

- Primeiro você, Agenor!

Como eu já vivia engasgado com tudo, eu descasquei o abacaxi e, em seguida, Ademar disse:

- Não tenho nada a acrescentar e avalizo tudo que o Agenor disse. Muito obrigado!

Descemos do caminhão com duas dúzias de pessoas que nos ouviram e eu disse:

- Tem poucas pessoas...

E Ademar muito sábio, disse:

- Mas tem qualidade; embora o voto do mau se equivalha ao bom.

Na churrascaria, para fechar, eu resolvi contar mostrando para Ademar um protocolo de nascimento da Maternidade Leonor Mendes de Barros, que tinha o meu pé de nascimento. Eu fui o segundo bebê a nascer lá.

Ademar, chorando, me abraçou e foi embora.

Augusto Ariston

O Prefeito me mandou arrumar um Deputado que tivesse prestígio com Brizola para reverter uma nomeação feita pelo

Presidente do DETRAN, uma vez que o Bidinho tinha se filiado ao PDT para nomear o pastor a chefe do DETRAN de Rio Bonito, promessa do Brizola, mas após a filiação, sequer o atendia.

O Prefeito que era novo no partido vinha com o ranço do PDS e o PDT era todo “ideológico”.

A minha missão então era encontrar uma pessoa que pudesse nos ajudar, fazendo uma pesquisa. Encontrei o nome de Ariston como pessoa de grande prestígio junto ao velho caudilho sem palavra.

Ao entrar no gabinete, fui atendido por uma senhora muito atenciosa que mais tarde soube que era esposa de Ariston, que ouviu a minha necessidade e falou:

- Não sei se ele vai resolver, mas, com certeza, vai lhe receber agora.

E assim fui apresentado ao Deputado Augusto Ariston que, imediatamente e já a par da situação, disse:

- Quando é que podemos ir lá falar com o Prefeito pra resolver?

E eu respondi:

- Agora!

Não acreditando que ele toparia de pronto, para a minha surpresa, simplesmente levantou-se e disse:

- Então vamos!

Liguei para Bidinho no gabinete e fomos para Rio Bonito.

Em Rio Bonito, Ariston fez um acordo com o Prefeito e disse-me:

- Dá o nome da pessoa a ser nomeada. Se houver um impedimento, podemos nomear outra, olhando para mim e para o Prefeito.

Bidinho reforçando, disse:

- Ariston, eu não posso ser desmoralizado, pois assinei no PDT para nomear o chefe do DETRAN. Se não for o Lessa, pode ser outro desde que seja do meu grupo.

Despedi-me do Bidinho, que me mandou estar às oito horas da manhã no gabinete do Ariston, no Rio de Janeiro.

Fui levar o Deputado no carro e ele com nome na mão do Lessa, me perguntou:

- Por que você não é o nomeado?

E eu que nem sabia a importância do DETRAN, respondi:

- Não tenho nenhum interesse nisto.

Ele olhou para mim como querendo dizer alguma coisa e falou para o motorista:

- Ferreira, toca para a casa do Brizola.

No outro dia, conforme combinado, quando eu cheguei ao gabinete, Ariston já estava lá, sozinho, com o diário oficial na mão dizendo:

- Está feito! Leva para o Prefeito e marca uma reunião com o grupo todo.

E completou:

- Agenor, você vai me ajudar!

E respondi:

- Certamente, Deputado!

Ariston é uma pessoa muito direta e logo fizemos uma parceria.

Foi uma pena ele não ter sido eleito a Federal.

Quando cheguei a Rio Bonito, entreguei o feito ao Prefeito e este disse:

- Agenor, esse Deputado é quente!

Eu concordei plenamente.

Cecília, mulher de Bidinho, foi logo dizendo:

- Eu vou votar nele!

Todos riram porque sabíamos que Cecília era uma pessoa difícil de se lidar, mas um grande cabo eleitoral. Ela não só trabalhou como ficou tesoureira da campanha.

Lessa, nomeado, assumiu o DETRAN e não trabalhou para Ariston que se bandeou para o Brandão Monteiro. “Quase todo pastor de igreja não honra compromisso”.

Todo o grupo do Bidinho trabalhou e demos uma votação expressiva para Brizola e para Ariston.

Sara

Treme terra

Matou o “Coroné”

**A palavra empenhada tem que ser honrada.*

Partidos Políticos

As siglas partidárias são o abrigo e o meio para se chegar ao poder.

O que certas pessoas não entendem é que estas só podem prosperar em um regime político democrata.

Como no Brasil a Democracia ainda não se consolidou, ela inexistente; daí a luta partidária.

Partido é parte de um universo que não concorda com o meio, daí a sua legitimidade.

Para não ter que falar do tempo negro da ditadura militar, hoje

vivemos uma ditadura institucional ou Democratismo como cita o cientista político Jorge Ernesto Geisel.

Apenas citarei fatos vividos por mim na militância destes, quando lá estive como filiado e, algumas vezes, candidato.

PMDB – O partido abriga gente de todos os segmentos; por isto a sua mudança de direção a todo instante se locupletando como bezerros sem mãe, onde a única teta é o estado. Entre eles, o rodízio é natural e a desonra também.

PDT – O partido do Caudilho, com raríssimas exceções, acolheu a bandidagem que apoiou os que foram embora e, na força do nome do Brizola, se mantiveram embriagados com a falácia ultrapassada do caudilho perdendo o bonde da história.

PF – Partido Federalista de formação. Tirando a prolixidade sulista, o partido me deu o conhecimento que a federação está falida, sua maior preocupação.

PCP – O Partido Capitalista Popular é o meu partido atual e que eu sou o fundador. Para não legislar aqui neste livro em causa própria, quem quiser me dar a honra de conhecer um pouco desta missão procure em: www.democrata.aagenor.com.br

ONGs

As organizações não governamentais sempre foram a farra do vil metal.

No governo do FHC, foi aprovada uma nova modalidade destas instituições - as OCIOPs. Estas com mais controle tiraram do mercado milhares de instituições cancerígenas, a começar pela ainda cambaleante Cruz Vermelha e Santa Casa de Misericórdia, instituições sem fundo e sem administração nenhuma. Ainda estamos neném no controle governamental e nesta direção ainda temos: Sindicatos, Conselhos, Agências, Associações Religiosas e tantas outras que pessoas desonestas se apropriam do dinheiro doado e, pior, sequer pagam impostos.

**Qualquer instituição deve pagar impostos.*

Religião

Aos 55 anos de idade, Antônio Carlos conseguiu me persuadir a trocar a palavra de ateu para cristão e, conseqüentemente, me convenceu que existe um Deus senhor absoluto, ciumento, e

nada democrático. E conseguiu me perguntando uma única vez: - Agenor, se existe o Mal, deve existir o Bem. Não seria mais inteligente você me dizer por que é ateu?

Sem resposta, resolvi mergulhar nesta seara para aprender um pouco mais.

Como já tinha 55 anos, lembrei-me de um fato que ocorreu em 1974 e que eu nunca tinha me esquecido. Passei a minha investigação a partir da análise das palavras proferidas por um pastor na praça do pacificador em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

Testemunho

Estava eu em um bar, bebendo uma cerveja, a esperar uma garota para namorar; uma menina que se dizia comprometida, mas prestes a desmanchar o seu compromisso. Um burburinho de oração de evangélicos incomodava a todos, até que foi anunciada a palavra de um pastor que se chamava Jeová. Todos se calaram a ponto de chamar a atenção de todos os que estavam ao redor da praça. E logo o pastou foi falando com uma impostação de voz perfeita. Saldou a todos e, sem seguida, pediu perdão pelo seu nome; não era digno de ter o nome de Jeová e emendou:

- Senhores e Senhoras que circundam esta Praça do Pacificador, minha missão não é pregar para as ovelhas de minha igreja que aqui já estão apascentadas, mas para: os adúlteros (eu imediatamente me senti desconfortável), os ladrões à espreita, as prostitutas a vender amor, os comerciantes desonestos, o mau servidor público. Eu quero me dirigir a vocês, tratando-os e chamando-os de CAMPEÕES, que em verdade os são e emendando de primeira:

- Pois quando os senhores pais dos senhores introduziu o pênis ereto na vagina das senhoras suas mães e ejaculou milhões de espermatozoides, (não preciso dizer que àquela altura, o bar ficara calado; todos a ouvir a pregação sem um barulho sequer), ele continuou:

- Vocês foram lançados, à própria sorte, na primeira corrida olímpica, representado pelo útero de suas mãezinhas. Vocês foram os mais sagazes, os mais velozes, os mais determinados, os mais inteligentes. Cruzaram a faixa da chegada na frente e um milhão de irmãos seus e penetraram no óvulo: “Aleluia, irmãos”, ou melhor, “Campeões”!

E repetiu várias vezes. Acolhido, berrou, de dedo em riste:

- Você, apontando e repetindo para todos os lados, uma vez não abortado e acolhido durante nove meses, recebeu alimentação, 8 cargas genéticas e amor, mas um dia você teve que nascer, tua mãe sofreu as dores do parto para te dar à luz.

No bar, assim como todos os citados da praça aguardávamos o fim da pregação que me parecia inusitada.

- O dia chegou! Tu nasceste!

A partir daquele instante, com uma eloquência enorme, continuou:

- As circunstâncias não serão mais iguais, pois tu poderias ser filho desta prostituta ou deste general, poderias ser filho de um traficante ou deste policial, poderias ser filho deste mal comerciante ou deste empresário. Enfim, as circunstâncias não mais serão as mesmas e somente a Palavra poderá lhe salvar o que lhe faltou. Venha para nossa igreja, pois aqui somos todos iguais e só pregamos o amor. Muito obrigado.

Confesso que nunca esqueci tal pregação. Mas voltando a acreditar, este testemunho levou-me a pensar e me aguçou em ter uma experiência religiosa. Passei a visitar igrejas, templos e terreiros espíritas a investigar e achar uma lógica para a crença além da carne.

Lembro-me que a primeira igreja que fui, foi a católica. Depois as espíritas, as seitas e as protestantes. E um rápido passeio nas esotéricas. Dediquei bom um tempo a todas buscando suas essências e identificando as suas fraquezas.

Na católica apostólica romana, encontrei toda a maldade ocidental e os ritos africanos. Nas seitas, adaptações incríveis das escrituras com interpretações variadas de forma para atingir os seus objetivos ocultos. Nas protestantes, a briga interna da vaidade constante, chegando a esquecer de pregar o amor. Nas espíritas, tirando o folclore e as distorções empreendidas por membros de caráter duvidoso, encontramos o maior trabalho filantrópico. Enfim, “Crer é saber Pensar”.

Depois de pensar e encontrar de tudo que o ser humano bestializado é capaz de suportar, eu encontrei ainda pessoas que fazem da religião a muleta de suas incoerências pessoais. Resolvi buscar na ciência respostas para as minhas dúvidas. Confesso que na ciência, encontramos uma dimensão tão grande que nos arremete a uma grande insignificância atômica; assim, ser ateu também é ser religioso.

Passei a ser temente a Deus. O meu Deus é o universo. A ira divina pode vir como um meteoro a qualquer instante, colidindo

com a terra, e acabando com os filhos de Deus.
 Acredito que cada ser humano tenha um destino programado involuntariamente pelo alinhamento sideral, determinando inclusive o nosso tempo de vida.

**Acredito somente na força universal, que rege a natureza sem nenhuma preocupação com a simbiose que se dá, sem um compromisso planejado. Os princípios fractais nos provará um dia, talvez.....*

EMPRESAS

Lince Fiberglass

Depois que a fábrica de Rio Bonito foi vendida para o Bradesco, eu resolvi voltar com a minha mulher, agora já grávida, para o Rio de Janeiro e montei uma fábrica de móvel em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro. Fábrica padrão, com uma qualidade incrível, com um sócio dito até então capitalista. Tinha adquirido um conhecimento profundo em indústria de plástico, reforçado a ponto de todos os vendedores levarem outros clientes seus na minha fábrica para visitá-la.

Mas o problema era o sócio. Ele era Delegado de Polícia e tinha dupla personalidade. Depois descobri que o dinheiro não era dele, mas sim de sua mulher. Ele vivia enrolado com amantes e a mulher dele foi convencida por ele a vender dois apartamentos no Leblon para financiar a fábrica. Tudo ia muito bem, mas depois de algum tempo apareceu lá à mulher dele dizendo que, a partir daquele dia, ela ia tomar conta do caixa.

Eu, como não mexia com dinheiro e só tinha 20% da empresa, não tinha nem porque reclamar. Só que no dia seguinte, às cinco horas da manhã, chegou o Mario na minha casa dizendo que tinha resolvido fechar a fábrica. Tentei argumentar o motivo, mas ele tirou da pasta um contrato de baixa da firma e um cheque de pagamento do saldo devedor que eu tinha direito e mais dois anos de lucro estimado.

Foi a primeira vez que eu vi uma coisa assim. É irracional fechar uma empresa que estava dando lucro com uma perspectiva enorme de desenvolvimento e mercado.

Minha mulher tinha tido filho há dias. Acertadas as contas, notei que tinha um caminhão esperando para carregar a mudança, pois a casa era dele. Sem opção, me pus a organizar a mudança, quando disse:

- Preciso ir à fábrica buscar as minhas coisas.

Ele disse:

- Já trouxe tudo. Está ali no carro.

- Então preciso falar com o pessoal.

Novamente, ele retrucou:

- Já mandei todo mundo embora e estão no contador recebendo a indenização.

Sem entender nada, coloquei Vanda no carro, me despedi, dando o endereço para o motorista do caminhão e pus o pé na estrada. Em seguida, Vanda falou:

- Agenor, temos que nos despedir de Anita, esposa de Mário.

Neste momento, estava entrando na Av. Brasil, na altura do quilometro 32. Parei o caminhão e falei com o motorista se ele queria ir à frente, pois nós iríamos voltar para nos despedir de Anita.

E ele disse:

- Não sei por que o Mário está com tanta pressa... Eu precisava também passar em casa para deixar um dinheiro.

- Façamos o seguinte: eu o aguardo daqui a duas horas ali no posto.

- Tá bom. Concordei dando meia volta e fui para a casa de Anita.

Chegando lá e batendo à porta, Anita atendeu com os olhos inchados de chorar, falando com Vanda:

- Você pode entrar, mas o Agenor, não!

Aí eu disse:

- Eu não posso entrar por quê?

E ela respondeu:

- Você está roubando a empresa!

Aí eu disse:

- Que conversa é esta? Cadê o Mário? Vamos por isto a limpo, insisti.

Ela ligou para o Mário, que chegou todo nervoso e disse para ela:

- Anita, eu ia te falar...

Aí, ela imediatamente:

- Eu já sei, Mário! A acusação de fraude do Agenor e tudo mais é uma mentira sua.

Ele abaixou a cabeça, concordando.

Anita me pediu desculpa. Despedimo-nos e fomos embora.

Depois de uns dois anos, Vanda foi visitá-la, pois durante a gravidez, Vanda tinha recebido toda a solidariedade da Anita, que a contou o que de fato tinha acontecido. Com a promessa

de sair da polícia e ter um álibi para as noites de orgia, Mário a convenceu de vender dois apartamentos para montar a fábrica, garantindo assim renda para sair da polícia. O dinheiro de um apartamento ele realmente investiu na fábrica e outro investiu em uma amante, comprando um apartamento em Copacabana. Só que amante gasta muito dinheiro; é uma forma de chantagem para quem quer um desfrute sem responsabilidade civil.

Mário então queria que Anita vendesse outro apartamento e alegou que eu vinha desfalcando a empresa, pura mentira! Apurados os fatos, Anita já estava desconfiada, foi lá na empresa para me dizer, sem o Mário saber, que ela iria tomar conta do dinheiro, motivo da drástica solução desmedida de Mário para encerrar a empresa e encobrir o verdadeiro fraudador: ele.

Anita, filha de desembargador do Acre e muito rica, não se deu por vencida. Queria ir fundo no assunto, apurando a verdade extrema. Contratou um detetive e foi informada de tudo. Partiu para o apartamento daquela que era Delegada Federal.

Sensível com a honestidade e ingenuidade de Anita, a Delegada disse para Anita, agora já na presença do Mário:

- Anita, eu gosto do Mário desde criança. Prometo a você, Anita, que a partir de hoje eu vou me afastar do Mário. Vou pedir transferência para Manaus, devolver dinheiro do apartamento que está no meu nome e olhando para o Mário, disse:

- Preste bem a atenção, Mário! Se eu souber que você traiu a Anita, eu vou voltar aqui e vou te encher de tiro.

Um ano depois, Mário estava fazendo compra em um supermercado no Grajaú, na véspera de natal com sua nova amante e foi surpreendido pela ex-amante, que lhe deu seis tiros, deixando-o tetraplégico.

Bom, aprendi o que eu já sabia: amante é para quem gosta de emoções fortes! Mas amante Delegada Federal é para quem gosta de adrenalina com gosto de sangue.

**Nem sempre o dinheiro é de quem vem.*

Capítulo IV – Prosperar

Enfim, prosperar é uma decisão pessoal. Mas se durante uma

vida não conseguirmos buscar e se não encontrarmos as informações corretas, dentro de circunstâncias mínimas necessárias para se adquirir a cultura da prosperidade, será impossível ser próspero e, conseqüentemente, ser honrado. Tive a sorte de, aos 35 anos de idade, encontrar estas circunstâncias em Rio Bonito, acrescidas de outras experiências que me complementaram no eixo: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Ao longo da vida, li, vi, ouvi, blefei e menti muito pouco, mas trabalhei muito, tive dezenas de projetos abortados, quase trinta negócios legalizados e mais 25 sócios. Estes fatos e atos me deram a oportunidade ímpar de testemunhar e, mais, de testar esta variedade de informações em um tempo de uma só vida. Quando o Sr. Ioda, lá no início me despertou, em reflexão, a ideia de escrever sobre minha trajetória, notei que a sua percepção era válida; não podia deixar de registrar se não para o público, mas pelo menos para os meus consanguíneos uma tentativa de transferir a cultura não herdada, mas sim conquistada à duras penas.

Envergonho-me de certas passagens, me orgulho de outras e me arrependo demais de algumas. É a minha realidade e neste capítulo assentarei, no meu entender, a arte de prosperar. Todos os atos aqui narrados foram vividos com paixão e, em cada momento, se não tidos como certo, no mínimo, foram necessários.

As informações nunca são entregues gratuitamente. Eu as colhi da forma mais cara, pagando com o tempo, o mais precioso bem que um ser humano pode receber.

Nascemos com um relógio biológico ativo, em uma contagem regressiva para cem anos, sem o direito de uma renegociação. As cargas genéticas herdadas de nossos ancestrais ajudam, mas não são determinantes para o sucesso de todos. Apenas os mais perseverantes ousarão buscar as circunstâncias ideais para o desenvolvimento do nascido, amanhã cidadão.

Educação, cultura e experiência de vida ajudam, mas ainda não são suficientes. É preciso compreender nossos pares, pois afinal vivemos em uma sociedade e, queiramos ou não, esta é composta de personagens de origens, pensamentos, interesses e culturas diferentes.

Os mandatários do poder não estão 100% interessados no bem estar social e sonégam deliberadamente as informações, promovendo assim a desordem social, nos arremetendo aos religiosos como tábua de salvação, transformando-nos em seres

vegetais, usurpando-nos da doma da mão e do direito de pensar... Um labirinto de desinformações sem fim. Durante todas as letras aqui assentadas, tentei passar esta colheita de informações, que talvez tenha passado despercebidas para os olhos menos atentos. Portanto, encerro em síntese este, escrevendo **Os Protocolos da Prosperidade**, esperando que, em último esforço, seja assimilado, contribuindo assim para o desenvolvimento humano.

Aconselho a destacar a página serrilhada que contém os dezesseis itens que compreendem os **Protocolos da Prosperidade** e o livro lhe dá esta oportunidade e mantém outra cópia logo a seguir. De posse dos protocolos, leia e reflita. Aos poucos, esses dezesseis itens serão inconscientemente absorvidos e assim uma nova cultura que, somada à sua, irá certamente lhe proporcionar uma nova visão de vida e, conseqüentemente, a prosperidade estará à sua disposição, se assim o quiser.

Agenor Candido Gomes

PÉROLAS DE UMA VIDA

“Quem volta, não erra o caminho” (Alcebíades de Moraes)

“O social está acima de qualquer interesse” (Augusto Ariston)

“Quem não admira a arte, não sabe dirimir entre o errado e o certo” (Paulo Leuman)

“Quando o pecador é o pregador, o crime é maior” (Jaques Wagner)

A democracia regride quando os populistas chegam ao poder
(Candido Gomes)

“Toda criação é antecedita da destruição” (Picasso)

“Quando os comandantes perdem a vergonha, os que obedecem perdem o respeito” (George Washington)

“Quando conhecer o meu inimigo, estarei pronto para a vitória”
(Mandela)

“O dinheiro é o único patrão” (Francês)

A verdade não desce, é preciso ascendê-la (Candido Gomes)

“A guerra não acaba até que os dois lados digam que sim”
(Muçala)

Instituições que fundei

7 Portos Virtuais Ltda
A Candido Gomes Projetos Gráficos
Abrir – Assoc. Bras. de Defesa dos Pres
ACG Agência de Projetos Ltda
Agenor Candido Gomes ME - Antiquários
SOS Mulher
Associação Bras. de Vendedores Profissionais
Caiman Perfilados Pultrudados Ltda
Candido Gomes Participações
Casa Invest Ltda
CBCI - Câmara Bras. de Com. Inter Municipal
Cooperativa Central de Abastecimento Ltda
Cooperativa das Donas de Casa
Cooperativa de Recursos Humanos
Cooperativa de Vendedores
Cooperativa Têxtil
Fast Rio Fiberglass Ltda
Grupo Unisaude
Lince Fiberglass
March Representantes Químicos
Netbrax Telecomunicações Ltda
Reformadora de Cabines Kennedy Ltda**
Rei7 Distribuidora de Alimentos Ltda
Restaurante industrial Panelada Ltda
Terrasse Club

Alguns livros que li

A Arte Da Guerra
A Importância Do Viver
Alcorão
Aprendendo Para O Futuro
Bíblia
Código Civil
Como Fazer Amigos E Influenciar Pessoas
Constituição Federal
Dia D
Guerra Do Ópio
Kalila E Dimna
O Que Mais Gosto Das Outras Religiões
3ª Onda
Relatório GE

Cantores e autores que admiro

Alceu Valença
Almir Guineto
Beatles
Bezerra da Silva
Chico Buarque
Gilberto Gil
Gonzaguinha
Grupo Revelação
Ivete Zagalo
Luiz Gonzaga
Moser
Nana Caymi
Reginaldo Rossi
Serginho Meriti
Tom & Jobim
Tom & Ravel
Zé Ramalho

Filmes que Vi

Amadeus
Armstrong
Busca Frenética
Caçada ao Outubro Vermelho
Dersu Uzala
Django Livre
Golpe de Mestre
Guerra do Fogo
Lawrence das Arábias
O Homem que queria ser Rei
Poderoso Chefão
Prometeus
Sete Pecados Capitais
Venus
O Preço do Amanhã
O Capital
Com o Dinheiro dos Outros
Apocalypse Now
Escarface
O Palhaço
O Poderoso Chefão

Pessoas que me influenciaram

Alcebíades de Moraes - Por me iniciar na vida política.

Antonio Carlos Comandante - Por me fazer acreditar em Deus aos 55 anos.

Cecílio de Souza - Por me apresentar a honra.

Ernesto Geisel - Por me mostrar o poder dos dirigentes partidários.

Fernando Collor de Mello - Por quebrar os oligopólios estatais e privados.

Élcio Maria Teixeira - Por provar que o que a tecnologia tem é solução.

Helio Aguiar Doyle Maia - Por acreditar em mim.

Henri Ford - Por consolidar o capitalismo.

Jorge Gama - Por ser um exemplo como Democrata.

Maria Vanda de Lima - Simplesmente pelo realismo apurado.

Mario Slerca - Por me ensinar a importância de uma estratégia.

Paulo de Aquino - Por me mostrar a necessidade de um teto próprio.

Paulo Leuman - O maior exemplo do resultado da boa educação.

Roberto Abdala - Por me provar que o dinheiro é uma mercadoria que todos querem.

Roberto Campos - Por me provar que a inteligência existe, por que não usá-la?

Ronald Huges - Por não considerar as barreiras.

Selma Ramos Prudente - Por me apresentar à Filosofia.

Agradecimentos

Alcebíades Moraes - Por me ensinar tudo sobre micro política municipal.

Aécio Moura - Por me ensinar a dizer não.

Alme. Henrique Rubens da Costa Veloso - Por me mostrar a verdadeira face da Revolução.

Dr. Mário Slerca - Por me dar a oportunidade de um trabalho honrado aos trezes anos.

Hélio Doyle Maia - Por ser um verdadeiro amigo em Rio Bonito.

Jorge Ernesto Geisel - Por me ensinar que a democracia é a estrada da cidadania.

Jorge Gama - Por ensinar-me que a vitória só pode ser saboreada se esta for honrada.

Juca - Por ser leal na riqueza ou na pobreza.

Maria Conceição - Por exemplificar o que é ser mãe no fundo do Profundo.

Paulo Gaia Vidal - Por simplesmente me ensinar o que é um ponto de equilíbrio.

Roberto Campos - Por me ensinar o que é macro política do mundo real.

Valcyr (Cicica) - O primeiro a me mostrar o que é ser honesto.

Considerações Finais

Enfim, a vida faz parte de uma grande cesta circunstancial e, por opção, busquei a prosperidade como Ser Humano. Hoje, sinto-me uma pessoa melhor, após a desconfortável pergunta que meu neto, com a ingenuidade que apenas encontramos em uma criança, me fez:

- Vô, o senhor tem honra?

Depois de refletir muito, fazer um balanço de erros e acertos, consertar alguns estragos cometidos durante a vida e ainda desconfortável com a pergunta não respondida, tenho a consciência que meu único temor é a desonra.

Ser homem, nos tempos de hoje, e prosperar honestamente é uma missão quase impossível e espero, antes de morrer, não precisar responder a meu neto, mas sim poder ouvir alguém dizer ao Pedro Lucas Lima Candido Reis: **“Seu avô é um homem honrado”!**

Agenor Candido Gomes

21 de Julho de 2014



OS PROTOCOLOS DA PROSPERIDADE

Sobreviver - A vida é única, abriga-se em uma máquina biológica (Corpo), projetada para cem anos. Não agrida o seu corpo.

Conviver - Conviver em sociedade é ter que contrariar seus mais sólidos princípios.

Prosperar - É uma opção de fórum íntimo e todos são capazes, mas as circunstâncias determinarão o sucesso.

Tempo Não deixem que te sequestrem. Tenha sempre um projeto de vida. Plano A, B e C.

Sociedade - Integre-se aos segmentos das comunidades que expressam a consciência coletiva dos Cidadãos.

Dinheiro - Feito unicamente para se acumular e seu crédito serve apenas para ter.

Ser Humano - Identifique-o, considerando o equilíbrio entre: Realismo, Idealismo, Sensibilidade, Sonho e Humor.

Amigo - Um é necessário, desconfie do segundo e nunca tenha um terceiro.

Família - Considere apenas o cônjuge e os filhos, temendo apenas a desonra.

Pecados - Afaste-se da: Preguiça, Gula, Luxúria, Cobiça, Ira, Avareza e Soberba.

Religião - Não a pratique como muleta para suas incoerências pessoais. Crer é saber pensar.

Trabalho - O melhor trabalho é o que se faz com prazer. O melhor negócio é aquele do qual se entende.

Política - É feita para cultos. Ideologias são somente usadas e tudo será relativo aos objetivos ocultos.

Justiça - A justiça não perdoa quem dorme. Acordo é melhor que briga. Vencerá sempre quem a manipula nas altas cortes.

Ecologia - Se não a preservamos, os nossos filhos não terão um planeta a viver.

Eficiência - A eficiência começa na educação, passa pela cultura e se curva à arte.

Sobreviver é uma obrigação de todos os seres humanos.

Conviver é uma exigência da sociedade, mas Prosperar é unicamente uma opção sua.

Agenor Candido Gomes

